

ANEXOS

Barbara Cristina da Silva Lopes
Outubro, 2010

**Paranóia e Ansiedade Social na população não clínica:
Dois fenómenos diferentes?**



Barbara Cristina da Silva Lopes
Outubro, 2010

ANEXOS

Paranóia e ansiedade social na população não clínica: Dois fenómenos diferentes?

Dissertação de Doutoramento em Psicologia, na área de especialização em Psicologia Clínica apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob orientação do Professor Doutor José Augusto da Veiga Pinto de Gouveia

Os estudos desta dissertação foram realizados no âmbito da Bolsa de Doutoramento, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com referência SFRH/BD/27438/2006 e concluída em 1 de Outubro de 2010.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Anexos

ANEXO I — 1

Qualidades Psicométricas dos instrumentos

ANEXO II — 59

Figuras e tabela dos estudos da paranóia numa população não-clínica: influência das variáveis de ranking, familiares, psicológicas, afectivas e das experiências de *bullying*

ANEXO III — 70

Figuras e estatística descritiva do *bullying* no local do trabalho dos estudos das comparações entre a esquizofrenia paranóide e a ansiedade social relativamente às variáveis de ranking, psicológicas, afectivas e familiares: influências das experiências traumáticas e do *bullying* na paranóia

ANEXO IV — 74

Figuras do estudo experimental da paranóia vs. ansiedade social: vulnerabilidades psicológicas, reacções paranóides e emocionais negativas vs. positivas e diferentes atribuições ao sucesso vs. insucesso pessoal num jogo de computador

ANEXO V — 77

Figuras e tabelas do segundo estudo experimental da paranóia vs. ansiedade social: diferenças na predisposição para as alucinações, paranóia geral e no impacto emocional dos sons negativos vs. positivos

ANEXO VI — 79

Tabelas das correlações das variáveis dos estudos transversais com uma amostra de estudantes e uma amostra clínica e dos estudos experimentais

ANEXO VII — 84

Material dos estudos experimentais

ANEXO I

Qualidades Psicométricas dos instrumentos

1.1. Estudo da aferição e qualidades psicométricas da versão Portuguesa da GPS em duas amostras Portuguesas: estudantes *versus* população geral

1.1.1. Descrição da amostra e procedimento

De modo a alcançar o objectivo de aferir a General Paranoia Scale de Fengstein e Vanable (1992) fez-se um estudo transversal que avaliasse uma amostra da população normal, constituída por estudantes universitários e por estudantes do ensino secundário e por não-estudantes, i.e., elementos da população geral.

Deve-se referir que a participação neste estudo foi voluntária e a amostra foi recolhida ao fazer um anúncio do mesmo nas aulas que os estudantes frequentavam na escola secundária ou na universidade e que a população geral frequentava na formação. Para além disso, uma descrição completa dos objectivos do estudo foi dada aos sujeitos para estes(as) lerem e depois era-lhes solicitado o consentimento escrito, assentindo a participação no estudo. Depois desta introdução, os sujeitos teriam que preencher uma bateria de questionários. Como era esperado, existem diferenças estatisticamente significativas entre as populações em termos de idade [$t(161,28) = -15.862; p < 0.001$]; sexo [$t(269,69) = -2.069, p < 0.05$]; estado civil [$t(158,46) = -12.707; p < 0.001$]; anos de escolaridade [$t(168,53) = 3.465; p = 0.001$] e profissão [$t(157,00) = 44.182; p < 0.001$], justificando-se desta forma uma análise dos dados em separado para as diferentes amostras. A amostra de estudantes é constituída essencialmente por estudantes da Universidade de Coimbra e por estudantes da Universidade do Porto, de diversos cursos e anos curriculares. Do total da amostra de 516 estudantes, só 61 estudantes frequentavam o 12º ano na Escola Secundária de Penafiel (11.82%), os restantes estudantes frequentavam o ensino universitário (88.17%). Não se verificam diferenças estatisticamente significativas sem ser no caso da idade, em que os estudantes do ensino secundário são maioritariamente mais novos (idades compreendidas entre os 16-19 anos) que os estudantes da amostra do ensino universitário (idades compreendidas entre os 18-32 anos) entre a amostra de estudantes do ensino universitário e amostra de estudantes do ensino secundário, logo as análises foram feitas incluindo ambas as amostras no grupo de estudantes.

Os critérios de exclusão aplicados foram os seguintes: a) idade superior a 32 anos; b) preenchimento incorrecto e/ou incompleto da bateria de questionários e ainda incompreensão das instruções para o correcto preenchimento das escalas; c) pertença a programas de intercâmbio internacional de estudantes (Erasmus), logo a nacionalidade dos estudantes era Portuguesa. A amostra de estudantes é assim formada por 516 estudantes: 293 do sexo femi-

nino (56.78%) e 223 do sexo masculino (43.21%) com idades compreendidas entre os 16-32 anos ($M= 20.90$, $DP= 2.607$). É importante salientar que há um predomínio de idades compreendidas entre os 18 e 21 anos, representando cerca de 59% da amostra, mas que não é estatisticamente significativo [$t(516) = -.471$, $p = .638$]. Em relação à escolaridade, há um predomínio de estudantes com 13, 14, 15 anos de escolaridade ($M= 14.43$, $DP= 1.564$). Contudo, há diferenças significativas em termos do sexo e a sua distribuição nos anos de escolaridade [$t(516) = -.318$, $p < .005$], mostrando que as mulheres possuem ligeiramente mais anos de escolaridade que os homens. A distribuição para os homens e as mulheres é equivalente para o estado civil [$\chi^2(1) = 500.124$, $p < .001$] e para a profissão, uma vez que esta amostra é constituída somente por estudantes (Quadro 1).

Quadro 1. Características gerais da amostra de Estudantes

Estudantes (N= 516)	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
	223	43.2	293	56.8	516	100
Idade						
≤17	16	7.2	29	9.9	45	8.7
18-21	134	60.1	168	57.3	302	58.5
22-25	57	25.6	80	27.3	137	26.6
26-29	15	6.7	14	4.8	29	5.6
30-32	1	0.5	2	0.7	3	0.6
Anos de Escolaridade						
≤13	74	33.2	79	27.0	153	29.7
14	66	29.6	18	6.1	84	16.3
15	47	21.1	125	42.7	172	33.3
16	21	9.4	44	15.0	65	12.6
17	12	5.4	19	6.5	31	6.0
≥18	3	1.3	8	2.7	13	2.5
Estado Civil						
Solteiro	220	99.7	292	99.7	512	99.2
Casado	3	1.3	1	0.3	4	0.8
	M	DP	M	DP	t	P
Idade	20.8	2.627	21.0	2.596	-.471	.638
Anos de Escolaridade	14.2	1.378	14.6	1.672	-.318	.002

A amostra da população geral foi recolhida, essencialmente, em contexto de formação. Foram excluídos: a) sujeitos com idade inferior a 18 anos; b) baterias de questionários com lacunas no seu preenchimento ou com dificuldades de compreensão das instruções de preenchimento. A amostra da população geral foi constituída por 158 indivíduos, das quais 54 do sexo masculino (34.2%) e 104 do sexo feminino (65.8%), com idades compreendidas entre os 19-72 anos ($M= 36.64$; $DP= 12.39$). A distribuição de idades é relativamente disforme, havendo um predomínio de participantes com idades compreendidas entre os 19 e 40 anos (cerca de 64.6% da população), contudo sem diferenças estatisticamente significativas entre os dois

sexos [t (156)= .128; p= .898]. Relativamente aos anos de escolaridade há uma grande variabilidade dentro da amostra, desde participantes com menos 5 anos de escolaridade a participantes com mais de 18 (M= 13.17; DP= 4.545), não havendo, contudo diferenças na sua distribuição em termos de sexos [t (156)= .409; p= .603]. Por fim, a distribuição para homens e mulheres é equivalente para o estado civil [χ^2 (4)= 204.215, p <0.001] e para a profissão [χ^2 (2)= 62.329, p<0.001] (Quadro 2).

Quadro 2: Características gerais da População Geral

População Normal (N= 158)	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
	54	34.2	104	65.8	158	100
Idade						
19-29	20	37.0	37	35.6	57	36.1
30-39	16	29.6	29	27.9	45	28.5
40-49	8	14.8	22	21.2	30	19.0
50-59	6	11.1	12	11.5	18	11.4
60-72	4	7.4	4	3.8	8	5.1
Anos de Escolaridade						
≤5	2	3.8	12	11.6	14	14.3
6	2	3.7	5	4.8	7	4.4
7	1	1.9	1	1.0	2	1.3
9	7	13.0	7	6.7	14	8.9
10	0	0.0	3	2.9	3	1.9
11	2	3.7	2	1.9	4	2.5
12	14	25.9	22	21.2	36	22.8
15	0	0.0	2	1.9	2	1.3
16	2	3.7	5	4.8	7	4.4
17	23	42.6	37	35.6	60	38.8
≥18	1	1.9	8	7.7	9	5.7
Estado Civil						
Solteiro	24	44.4	35	33.7	59	37.3
Casado	29	53.7	60	57.7	89	56.3
Divorciado	1	1.9	5	4.8	6	3.8
Viúvo	0	0.0	2	1.9	2	1.3
União de facto	0	0.0	2	1.9	2	1.3
	M	DP	M	DP	T	p
Idade	36.81	13.531	36.55	11.814	.128	.898
Anos de Escolaridade	13.37	3.925	13.06	4.851	.409	.683

1.1.2. Descrição dos Instrumentos

General Paranoia Scale (GPS de Fenigstein e Vanable, 1992; “Escala Geral da Paranoia” Traduzida e Adaptada por Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J., em preparação)

Esta escala foi desenvolvida pelos autores com o objectivo de medir a ideação paranóide numa população de estudantes universitários. Os conteúdos da escala foram retirados do MMPI (*Minnesota Multiphasic Personality Inventory*) de Zimbardo, Andersen, Kabat (1981), excepto os itens que continham conteúdos relativos a delírios persecutórios. A GPS é composta, então, por 20 itens com um formato de resposta tipo Likert em que 1 significa “não se aplica nada a mim” e 5 “aplica-se perfeitamente”. As pontuações nesta escala variam entre 20-100 sendo as pontuações mais elevadas indicadoras de níveis elevados de ideação paranóide.

A “General Paranoia Scale” tem sido a escala mais usada de forma regular e consistente na investigação nesta área, como medida dimensional da paranóia numa população normal (Freeman e colegas, 2005 *a*). Até porque até muito recentemente, a GPS era a única escala que media a paranóia numa população normal (Freeman e colegas, 2005 *a*).

The Paranoia Checklist (PC) de Freeman, D.; Garety P. A.; Bebbington, P.E.; Smith, B.; Rollinson, R.; Fowler, D. Kuipers, E.; Ray, K. & Dunn, G., 2005*a*; “*Checklist da Paranóia*” Traduzida e Adaptada por Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. (*em preparação*)

Esta medida da paranóia foi construída de modo a avaliar os pensamentos “paranóides” desde os mais comuns, relacionados com sensibilidades interpessoais e consequentes preocupações sociais (exemplo: item 2 “Podem haver comentários negativos acerca de mim que circulam por aí”), aos menos comuns e mais bizarros como a crença de uma conspiração malévol (exemplo: item 14 “Há a possibilidade de haver uma conspiração contra mim”), logo, é uma medida multi-dimensional da paranóia, ao contrário da GPS que é unidimensional e restrita a pensamentos não-clínicos da paranóia. A *Checklist* é composta por 18 itens que são frases sobre pensamentos “paranóicos” suscitados por situações de avaliação social relacionadas com o escrutínio social.

Esta escala é dividida em duas partes. Na primeira parte, os participantes têm que descrever para cada um dos 18 itens, o grau de *frequência*, de *convicção* e de *transtorno* (i.e. *distress* emocional).

O formato de resposta para a “frequência” dos pensamentos é de tipo Likert numa escala de 5 pontuações desde “1= raramente” a “5= pelo menos uma vez por dia”. Igualmente, o formato de resposta para o “grau de convicção” dos pensamentos é do tipo Likert numa escala de 5 pontuações desde “1= não acredito a 5= acredito totalmente”. Por fim, o “grau de transtorno” que os pensamentos provocam também tem um formato de resposta tipo Likert numa escala de 5 pontuações desde “0= causa transtorno nenhum a 4= causa muito transtorno”.

A segunda parte desta escala só deve ser preenchida por participantes que têm este tipo de pensamentos semanalmente. Se os participantes reconhecerem que têm este tipo de pensamentos semanalmente, então terão que preencher mais uma vez para cada um dos 18 itens descritos na primeira parte, o grau de convicção e de transtorno.

Depression Anxiety and Stress Scales (DASS-42) de Lovibond & Lovibond, 1995; “*Escala de Ansiedade Depressão e Stress*” Tradução e Adaptação J. Pais-Ribeiro, A. Honrado e I. Leal, 2004)

A DASS-42 é uma escala composta por 42 itens e foi concebida para a avaliação de três dimensões de estados afectivos constituintes do modelo tripartido que a originou: depressão, ansiedade e *stress*. Cada item da escala é uma frase que remete para sintomas emocionais negativos, aos quais o sujeito terá que responder se “na última semana” se aplicaram a si. Para cada

frase existem quatro possibilidades de resposta, apresentadas numa escala tipo Likert. Os sujeitos avaliam a extensão em que experimentaram cada sintoma na última semana, numa escala de 4 pontos de gravidade e frequência: desde 0= “não se aplicou nada a mim” a 3= “aplicou-se a mim a maior parte do tempo”. A versão Portuguesa da escala obteve bons valores de fiabilidade da escala, nomeadamente *alphas de Cronbach* para a Depressão de .93 (.91 na escala original); Ansiedade .83 (.84) e para o *Stress* .88 (.90) (Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004). No nosso estudo, os valores de consistência interna obtidos foram de .95 na Depressão, .91 na Ansiedade, .94 no *Stress*. Logo, a magnitude dos valores é bastante boa, indicando uma boa consistência interna das escalas da DASS-42, sendo esta ideal para se utilizar em populações não-clínicas, como no nosso estudo, usando o modelo tripartido.

Qualidades Psicométricas da PC

Fiabilidade: Define-se por ser uma das características que garante que os itens são da mesma família e que avaliam o mesmo construto. A consistência interna é encontrada com base na média das intercorrelações de todos os itens da escala. Uma boa consistência interna avaliada pelo Alpha de Cronbach deve ser acima do valor de 0.80, embora sejam aceitáveis valores de 0.60 somente quando o número de itens da escala é bastante reduzido (Ribeiro, 1999).

A versão original da PC (Freeman e colegas, 2005 *a*) obteve bons valores de fiabilidade com uma amostra de 1202 indivíduos, nomeadamente *alphas de Cronbach* para a “frequência” .90, “convicção” .91, e “transtorno” .90.

Mais, os autores desta escala apresentaram correlações positivas e estatisticamente significativas entre as três dimensões da escala. A “frequência” correlacionou-se positivamente com a “convicção” ($r = .75, p < 0.001$) e com o “transtorno” ($r = .66, p < 0.001$) e a “convicção” também se correlacionou positivamente com o “transtorno” ($r = .65, p < 0.001$).

No nosso estudo, seleccionamos à sorte 165 estudantes da amostra de 516 e, usando uma versão Portuguesa da PC, os valores de consistência interna obtidos foram de .92 para a “frequência”; .95 para a “convicção” e .95 para o “transtorno”. Logo, a magnitude dos valores é bastante boa, indicando uma boa consistência interna das dimensões de frequência, convicção e transtorno da PC.

Quanto às correlações entre as dimensões da escala, a “frequência” correlacionou-se positivamente com a “convicção” ($r = .59, p < 0.001$) e com o “transtorno” ($r = .48, p < 0.001$) e a “convicção” também se correlacionou positivamente com o “transtorno” ($r = .43, p < 0.001$) (tabela 3). Embora as correlações entre as dimensões na versão portuguesa da PC sejam estatisticamente significativas, são consideravelmente mais fracas do que as correlações da versão original da PC, e isto é devido ao facto da nossa amostra ser consideravelmente mais pequena.

Tabela 3: Correlações entre as dimensões da PC (versão Portuguesa)

Dimensões da PC (versão Portuguesa)	PC-Frequência	PC-Convicção	PC-Transtorno
PC- Frequência	-----	.59**	.48**
PC - Convicção	.59**	-----	.43**
PC - Transtorno	.48**	.43**	-----

** $p < 0.001$

Deve-se referir que no nosso estudo 77 participantes de 165 relataram terem semanalmente *distress emocional* e convicção dos pensamentos paranóides.

Diferenças entre sexos relativamente à ideação paranóide medida PC (versão Portuguesa)

Tal como foi observado pelos autores originais da PC (Freeman e colegas, 2005 a), não se observaram na versão Portuguesa da PC diferenças significativas entre os sexos para o valor total da PC, com os sujeitos do sexo masculino a apresentarem uma $M= 87.55$, $DP= 33.878$ e os sujeitos de sexo feminino a apresentarem uma $M= 91.91$; $DP= 33.555$ [$t(165)= .985$, $p= .337$]. Sendo assim, da mesma forma que os estudantes masculinos e femininos de nacionalidade Inglesa, os estudantes de sexo masculino Portugueses ($M= 29.50$; $DP= 11.044$ para a frequência e $M= 36.98$; $DP= 17.167$ para a convicção respectivamente) não diferem significativamente dos estudantes de sexo feminino Portugueses ($M= 29.20$; $DP= 9.862$ para a frequência e $M= 36.54$; $DP= 14.759$ para a convicção respectivamente) nas dimensões da *frequência* e da *convicção* da PC [$t(386)= -.207$, $p= .836$ para a *frequência* e $t(386)= -.199$, $p= .843$ para a *convicção*]. No entanto e de acordo com os dados de Freeman e colegas (2005 a), observou-se uma diferença estatisticamente significativa para a dimensão de transtorno (*distress emocional*) da PC entre os sexos, visto que o sexo feminino apresentava significativamente valores mais altos ($M= 24.07$; $DP= 16.1281$) de *transtorno* emocional na PC do que o sexo masculino ($M= 18.97$; $DP= 16.126$) [$t(165)= 2.372$, $p= .020$].

6

Características das pontuações da GPS (versão Portuguesa)

Tal como foi observado no estudo de Fenigstein & Vanable (1992), a média da pontuação total nesta escala variando entre os 20-100, era de $M= 44,76$ ($M= 42$ no estudo original) com $DP= 11.31$ em $n= 674$. Isto quer dizer que, em média, os participantes relataram um item da escala como sendo “aplicável às vezes”. A distribuição das pontuações é normal com valores de “kurtosis” de 0.573 e de “skewness” de 0.389 e a maior parte das pontuações concentra-se na média da escala (52, percentil: 75).

Deve-se referir que a nossa amostra da população geral ($n= 158$) apresentou uma média relativamente mais alta ($M= 48.19$, $DP= 11.98$) do que a média apresentada pelos autores da GPS original, indicando que os indivíduos desta população pontuam (mais) acima do que os estudantes do estudo original da GPS e do que os estudantes da nossa amostra ($M= 43.71$, $DP= 10.89$).

No entanto, o teste de Kolmogorov-Smirnov apurou num nível de significância acima dos 0.05 ($p= 0.001$) para o resultado do total das pontuações da GPS, demonstrando que as pontuações na GPS versão Portuguesa distribuem-se normalmente em ambas as amostras de estudantes ($n= 516$) e da população geral ($n= 158$).

Fidelidade Teste-reteste

No estudo original da GPS, os autores apresentaram uma fidelidade teste-reteste de .70. No nosso estudo, a correlação de *Pearson* para uma amostra de 31 indivíduos mostrou que a escala tem uma boa consistência temporal ($r= 0.80$, $p<001$).

Tabela 4: Estabilidade Temporal da GPS (versão Portuguesa)

(n= 31)	R	P
Total da GPS (Escala Geral da Paranóia)	0.80	0.000

Estudo dos itens da GPS (versão Portuguesa)

Todos os itens da versão Portuguesa da GPS apresentam valores aceitáveis no que diz respeito às correlações item-total, visto essas correlações serem todas superiores a .30.

Tabela 5: Correlações item-total e Alpha de Cronbach se o item for retirado para os itens da GPS (versão Portuguesa)

Itens da GPS (versão Portuguesa)	r (item total) n= 674	Alpha de Cronbach (sem o item) N= 674
1. Alguém tem alguma coisa contra mim.	.539	.905
2. Às vezes sinto que estou a ser seguido(a).	.509	.906
3. Acredito que tenho sido muitas vezes castigado(a) sem haver razão para tal.	.547	.905
4. Algumas pessoas tentaram roubar as minhas ideias e receberem os louros.	.545	.905
5. Os meus pais e a minha família encontram mais falhas em mim do que deviam.	.446	.907
6. Ninguém quer saber o que é que se passa comigo.	.498	.906
7. Tenho a certeza que a vida não me traz nada de bom.	.498	.906
8. A maioria das pessoas usará meios injustos para ganhar lucro ou ganhar vantagem sobre os outros, em vez de perderem.	.465	.907
9. Penso muitas vezes que razão escondida terá outra pessoa para fazer algo atencioso para mim.	.607	.903
10. É mais seguro não confiar em ninguém.	.608	.903
11. Sinto muitas vezes que estranhos estão a olhar criticamente para mim.	.574	.904
12. A maioria das pessoas faz amigos (as) porque estes (as) podem vir a ser úteis.	.530	.905
13. Alguém tem andado a tentar influenciar a minha mente.	.561	.904
14. Tenho a certeza de que falam de mim nas minhas costas.	.642	.902
15. A maioria das pessoas no seu íntimo não gosta de oferecer ajuda às outras.	.574	.904
16. Costumo estar de pé atrás quando as pessoas são mais simpáticas comigo do que eu estava a espera.	.575	.904
17. As pessoas disseram coisas sobre mim que eram insultuosas e antipáticas.	.582	.904
18. As pessoas estão constantemente a decepcionar-me.	.595	.904
19. Sinto-me desconfortável com pessoas lá fora a observarem-me dos carros, nas lojas, etc.	.489	.906
20. Encontro muitas vezes pessoas que são invejosas das minhas ideias que são boas, só porque não pensaram nelas primeiro que eu.	.624	.903

Consistência Interna da GPS (versão Portuguesa)

A consistência interna de uma escala é uma das características que garante que os itens são da mesma família. A consistência interna é avaliada com a fórmula do Alpha de Cronbach.

Fenigstein e Vanable (1992) testaram a GPS em quatro amostras diferentes ao longo de uma escala temporal (1981-1995). As suas amostras tinham um tamanho considerável, de 119 a 180 indivíduos, e os coeficientes alfa para a consistência interna e fidelidade da escala eram bastante altos (variando desde .78 até .89). No nosso estudo com uma amostra total de 674 indivíduos de nacionalidade Portuguesa, o alpha de Cronbach da versão Portuguesa da GPS foi de .91. Para a nossa amostra de estudantes o alpha de Cronbach foi de .90 (n= 516) e para a nossa amostra da população geral foi de .91 (n= 158) demonstrando uma boa fiabilidade dos itens que compõem a escala em duas amostras diferentes.

Estrutura Factorial da GPS (versão Portuguesa)

Tendo em conta o procedimento estatístico para apuramento de factores através de uma análise factorial efectuada por Fenigstein & Vanable (1992), de onde extraíram um único factor explicativo de 38% da variância, decidiu-se replicar a mesma análise neste estudo. Ao usarmos a medida de Kayser-Meyer-Olkin (KMO) de 0.943, a amostra apresenta uma adequação muito boa para a análise factorial (Pestana e Gageiro, 2000)¹. O teste de esfericidade de Bartlett corrobora o índice de KMO, apresentando um valor significativo [$\chi^2(190) = 4572.072, p < 0.001$]².

No nosso estudo, após uma análise factorial feita aos itens da GPS, encontrou-se tal como no estudo Fenigstein & Vanable (1992), um único factor que explica 37% da variância. Todos os itens saturam-se num único factor com cargas significativas superiores a .35. Fenigstein e Vanable (1992) chamaram este factor de “Paranóia Geral”.

As análises factoriais feitas com as nossas duas amostras: estudantes (KMO = .936) e da população geral (KMO = .903), também mostraram que os itens da GPS saturam-se num único factor com cargas superiores a .35 para ambas as amostras (tabela 7).

Tabela 6: Itens da GPS (versão Portuguesa) correspondentes ao factor geral

Itens da GPS (versão Portuguesa)	Factor 1
GPS_1	.568
GPS_2	.536
GPS_3	.575
GPS_4	.579
GPS_5	.470
GPS_6	.527
GPS_7	.528
GPS_8	.492
GPS_9	.636
GPS_10	.650
GPS_11	.600
GPS_12	.568
GPS_13	.587
GPS_14	.675
GPS_15	.612
GPS_16	.609
GPS_17	.613
GPS_18	.622
GPS_19	.513
GPS_20	.664

¹ Segundo Pestana e Gageiro (2000) uma correlação menor que .2, indica uma associação linear muito fraca; entre 0.02 e 0.39 baixa; entre .4 e .69 moderada; entre .7 e .89 alta e entre .90 e 1 muito elevada.

² Uma adequação da amostra a uma análise factorial é inaceitável se o valor de KMO é <0.50; má entre .050 e 0.60; razoável entre 0.60 e 0.70; média entre 0.70 e 0.80; boa entre 0.80 e 0.90 e muito boa entre 0.90 e 1.

Tabela 7: Itens da GPS correspondentes a um factor geral para as amostras de estudantes e da população geral

Itens GPS (versão Portuguesa)	Grupo Estudantes n= 516	Grupo População geral n= 158
GPS_1	.593	.549
GPS_2	.493	.629
GPS_3	.575	.543
GPS_4	.541	.639
GPS_5	.494	.379
GPS_6	.547	.463
GPS_7	.500	.586
GPS_8	.493	.502
GPS_9	.630	.644
GPS_10	.623	.676
GPS_11	.571	.693
GPS_12	.575	.520
GPS_13	.596	.528
GPS_14	.688	.621
GPS_15	.585	.646
GPS_16	.587	.637
GPS_17	.594	.662
GPS_18	.619	.633
GPS_19	.483	.574
GPS_20	.622	.750

Validade Convergente da GPS (versão Portuguesa)

Validade Convergente: Define-se por ser uma das características que se propõe avaliar se o fenómeno que está a ser medido é aquilo que a escala se compromete a medir a nível conceptual.

De modo a avaliar se existe uma validade convergente entre a Escala Geral da Paranóia com uma outra medida da paranóia para uma população normal, compararam-se as correlações entre as dimensões da PC (versão Portuguesa) com o total da GPS (versão Portuguesa).

Validade Convergente entre a GPS (versão Portuguesa) e a PC (versão Portuguesa)

Na versão Portuguesa da PC, as correlações entre os totais das dimensões e o total das pontuações na GPS são menos fortes, embora estatisticamente significativas, do que na versão original (Freeman e colegas, 2005, *a*). O total da GPS correlaciona-se positivamente com a dimensão da “frequência” ($r = .57, p < 0.001$), com a dimensão da “convicção” ($r = .42, p < 0.001$) e do “transtorno” ($r = .51, p < 0.001$). Deste modo, pode-se argumentar que há uma validade convergente entre a versão Portuguesa da PC e a versão Portuguesa da GPS, pois os índices mais elevados de paranóia na GPS estão relacionados com uma frequência maior de pensamentos paranóicos, uma convicção mais forte desses mesmos pensamentos e um transtorno mais “agudo” provocado pelos pensamentos da PC. Contudo a nossa amostra era bastante pe-

quena, o que faz com que as correlações sejam menos fortes do que no estudo original da PC.

1.3. Estudo das diferenças da População e de Género nas variáveis em estudo

1.3.1. As diferenças entre as populações

Uma vez que o estudo é composto por duas amostras (estudantes e população geral), torna-se relevante estudar a existência de diferenças entre ambas relativas às variáveis em estudo (tabela 8).

Tabela 8 : Médias, desvios-padrão e respectivos testes *t-Student* das variáveis em estudo

Amostras	Estudantes (N= 516)		População Geral (N= 158)		t	p
	M	DP	M	DP		
GPS	43.71	10.899	48.20	11.984	-4.418	.000
EADS-42 Depressão	8.28	8.396	8.00	8.488	.367	.714
EADS-42 Ansiedade	7.39	7.390	7.84	7.055	-.710	.478
EADS-42 Stress	12.68	8.826	12.79	8.617	-.144	.884

Os resultados sugerem que a população geral é mais “paranóide” do que os estudantes [$t(516) = -4.418, p < 0.001$], não havendo no entanto diferenças estatisticamente significativas entre estas duas amostras relativamente ao afecto negativo: depressão, ansiedade e *stress*. Os estudantes parecem ligeiramente mais deprimidos ($M = 8.28$) mas menos ansiosos ($M = 7.39$) e menos “stressados” ($M = 12.68$) que os indivíduos da população geral (depressão: $M = 8.00$; ansiedade: $M = 7.84$ e *stress*: $M = 12.79$). Os índices da depressão e da ansiedade são baixos mas ligeiramente superiores aos índices apresentados por Pais-Ribeiro, Honrado e Leal (2004) (depressão: $M = 6.00$; ansiedade: 5.74). Quanto ao *stress*, as nossas amostras revelam níveis elevados de *stress* (estudantes $M = 12.68$; população geral, $M = 12.79$) tal como foi observado por Pais-Ribeiro e colegas, 2004 (*stress* = 12.34). O facto da escala de *stress* da EADS-42 exibir valores mais elevados que as escalas da Depressão e de Ansiedade, quer para uma amostra de estudantes quer para uma amostra de uma população geral, indicia que estas amostras não demonstraram sintomatologia clínica, embora fossem moderadamente mais deprimidas e ansiosas do que a amostra de estudantes de Pais-Ribeiro e colegas (2004).

1.3.2. Diferenças entre os géneros nas variáveis em estudo

Relativamente às diferenças entre os géneros, é possível verificar que nos estudantes, os homens pontuam mais alto na paranóia do que as mulheres [$t(516) = 2.228, p < 0.05$] e também pontuam mais alto na depressão do que as mulheres (embora esta diferença não seja muito significativa) [$t(516) = 1.658, p < 0.50$]. Na população geral não se verificaram diferenças significativas entre os sexos para as variáveis em estudo.

Tabela 9: Médias, desvios-padrão e respectivos testes *t-Student* das variáveis em estudo

Estudantes (N= 516)	Masculino N= 223		Feminino N= 293		t	p
	M	DP	M	DP		
	GPS	44.92	11.480	42.79		
EADS-42 Depressão	8.98	7.420	7.75	9.044	1.658	.098

EADS-42 Ansiedade	7.89	5.990	7.01	7.660	1.413	.242
EADS-42 Stress	12.04	7.574	13.16	9.656	-1.466	.156
	Masculino		Feminino			
População Normal	N= 54		N= 104			
(N= 158)	M	DP	M	DP	t	p
GPS	46.76	12.484	48.94	11.707	-1.087	.279
EADS-42 Depressão	7.02	7.932	8.51	8.756	-1.048	.296
EADS-42 Ansiedade	6.81	6.140	8.38	7.459	-1.322	.188
EADS-42 Stress	11.28	8.185	13.58	8.769	-1.599	.112

1.3.3. Estudo da relação entre a paranóia e a depressão, ansiedade e stress para duas amostras da população Portuguesa

A GPS encontra-se positivamente correlacionada com a depressão (dimensão “depressão” da EADS-42) em ambas as amostras com magnitudes de moderadas de .470 ($p < 0.001$) nos estudantes e .589 ($p < 0.001$) na população geral.

A GPS também se encontra positivamente correlacionada com a ansiedade (dimensão “ansiedade” da EADS-42) em ambas as amostras com magnitudes moderadas de .416 ($p < 0.001$) nos estudantes e .535 ($p < 0.001$) na população geral.

Por fim, a GPS também se encontra positivamente correlacionada com o stress (dimensão “stress” da EADS-42) em ambas as amostras com magnitudes moderadas de .372 ($p < 0.001$) nos estudantes e .497 ($p < 0.001$) na população geral.

Tabela 10: Correlações entre a GPS e as dimensões da EADS-42 para os estudantes e a população geral

Variáveis	Estudantes (n= 516)	População geral (n= 158)
EADS-42 Depressão	r .470*	r .589*
EADS-42 Ansiedade	r .416*	r .535*
EADS-42 Stress	r .372*	r .497*

* $p < 0.001$

Análises t-test comprovaram que as amostras de estudantes e da população geral diferem significativamente ao nível dos índices de paranóia, estudantes ($M = 43.71$; $DP = 10.89$) *versus* população geral ($M = 48.19$; $DP = 11.98$) [$t(241.835) = -4.200$, $p < 0.000$], visto que a população geral apresenta índices muito mais elevados de paranóia medida pela GPS do que os estudantes. Por outro lado, estas duas amostras não diferem relativamente aos índices de depressão, ansiedade e stress.

Análises de regressão: contribuição da depressão, ansiedade e stress para a variância da paranóia

Para avaliar a relação entre as variáveis de afecto negativo e a paranóia, fizeram-se análises de regressão linear (*directa*) para o total da amostra da população Portuguesa ($n = 674$) e para as duas amostras que compõem o total: a amostra de estudantes ($n = 516$) e da população geral ($n = 158$).

Uma análise de regressão linear para uma amostra total de 674 indivíduos demonstrou que a depressão (dimensão da EADS-42) foi a melhor preditora da paranóia medida pela GPS, ao explicar 45% da variância ($t = 5.877$; $p < 0.001$).

Para além da depressão, a ansiedade (dimensão da EADS-42) também contribui para a

variância da paranóia medida pela GPS, ao explicar 21% da variabilidade das pontuações nesta escala ($t= 2.162, p= .031$). O *stress* (dimensão da EADS-42) não contribui para a explicação da variância da paranóia ($t= 1.200, p= .230$).

Na amostra de estudantes, quando introduzimos as variáveis da depressão, ansiedade e *stress* (dimensões da EADS-42) como preditoras da paranóia medida pela GPS, vemos que a depressão foi a melhor preditora que por si só explica 47% da paranóia ($t= 5.599, p<0.001$), seguidamente a ansiedade que contribui com mais 18% para a explicação da variação da ideação paranoide ($t= 1.656, p= 0.098$). O *stress*, por sua vez, na amostra de estudantes não é um preditor da variância da paranóia ($t= .389, p= .689$).

Na amostra da população geral, quando introduzimos as variáveis da depressão, ansiedade e *stress* (dimensões da EADS-42) como preditores da paranóia medida pela GPS, constatamos que, tal como na amostra de estudantes, a depressão foi a melhor preditora, que só por si explica 41% da paranóia ($t= 2.386, p= 0.018$); seguidamente temos o *stress* (ao contrário da amostra de estudantes) que contribui com mais 35% para a variabilidade da paranóia ($t= 2.185, p= 0.037$). No caso da população geral, a ansiedade foi a dimensão do afecto negativo que não explicou a variância da paranóia ($t= .861, p= .390$).

Tabela 11: Análise de regressão linear para as dimensões da EADS-42 (Depressão, Ansiedade e Stress) para avaliar a paranóia (variável dependente) medida pela GPS

Preditores	β	R^2	R^2 change	F change	p
População total					
	.502	.252	.249	75.435	0.000***
Depressão	.452			5.877	0.000***
Ansiedade	.215			2.162	0.031*
Stress	0.087			1.200	0.230
Estudantes					
	.477	.227	.223	50.260	0.000***
Depressão	.469			5.599	0.000***
Ansiedade	.182			1.656	0.098+
Stress	.030			.389	.698
População geral					
		.381	.369	31.621	0.000
Depressão	.414			2.386	0.018*
Ansiedade	.182			.861	.390
Stress	.356			2.105	0.037*

** $p<0.001$, * $p<0.005$, + $p<0.05$, + quase estatisticamente significativo ao nível de $p<0.05$

2. Aferição das outras medidas utilizadas na tese

2.1. Descrição da amostra e Procedimento

Procedeu-se a um estudo transversal com uma amostra de 338 estudantes da Universidade de Coimbra, cujo objectivo era o de obter dados psicométricos sobre a fiabilidade e validade das versões Portuguesas das medidas usadas nos nossos estudo. Deste modo, solicitava-se aos participantes que preenchessem uma bateria de questionários composta pelas versões Portuguesas da GPS (Fenigstein e Vanable, 1992); da DASS-42 (Pais-Ribeiro, Honrado e Leal, 2004); da *Paranoia Checklist* (PC) (Freeman e colegas, 2005 a); da *Experience of Shame Scale* (ESS) (Andrews, Quian e Valentine, 2002); da *Other as Shamer Scale* (OAS) (Goss,

Gilbert & Allan, 1994); da *Sensitivity to Put down Scale* (Gilbert e Miles, 2000); do *Aggression Questionnaire* (Buss e Perry, 1992); da *Personal Experience of Paranoia Scale* (PEPS) (Ellet, Lopes, & Chadwick, 2003); da *Early Life Experiences Scale* (Gilbert, Cheung, Granfield, Campey, & Irons, 2003), do *Revised Victim/Bullying Questionnaire* (Olweus, 1992); do *Self-Perceptions and Emotional Reactions Questionnaire* (SPERQ) (Dutton & Brown, 1997); da *State Social Paranoia Scale* (SPSS) (Freeman, D.; Pugh, K.; Green, D.; Valmaggia, L.; Dunn, G. & Garety, P. A., 2007) e do *Laudnay-Slade Revised Hallucination Scale* (LSHRS) (Launay & Slade, 1981; Morrison, Wells & Nothard, 2000). A participação no estudo era voluntária e o procedimento e critérios de exclusão eram iguais ao do estudo anterior da aferição da GPS e da PC.

A amostra é constituída por 388 estudantes na sua maioria do sexo feminino $n= 320$ (82.47%), enquanto só 68 eram do sexo masculino (17.52%), com idades compreendidas entre os 16-46 anos ($M= 19.835$, $DP= 3.1759$). É importante salientar que há um predomínio de idades compreendidas entre os 17 e 21 anos, representando cerca de 85,4% da amostra, não havendo diferença estatisticamente significativa entre os sexos relativamente à idade [$t(386) = -1.589$, $p= .116$]. Em relação à escolaridade, há um predomínio de estudantes com 12, 13, 15 anos de escolaridade ($M= 13.35$, $DP= 1.558$). Nesta amostra não existe diferença significativa entre os sexos relativamente aos anos de escolaridade [$t(386) = -1.599$, $p= .116$]. A distribuição para os homens e as mulheres é equivalente para o estado civil [$\chi^2(1) = 372.165$, $p < .001$], sendo maioritariamente solteiros(as), e para a profissão, uma vez que esta amostra é constituída somente por estudantes (Quadro 3).

Quadro 3. Características gerais da amostra de Estudantes

Estudantes (N= 388)	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
	68	17.52	320	82.47	388	100
Idade						
≤17	16	23.5	30	9.4	46	11.85
18-21	29	42,7	257	80.3	286	73.71
22-25	20	29.5	23	7.2	43	11.08
26-29	2	3	5	1.5	7	1.80
30-46	1	1.5	5	1.5	6	1.28
Anos de Escolaridade						
≤13	37	54.4	212	66.3	249	64.17
14	5	7.4	13	4.1	18	4.63
15	13	19.1	75	23.4	88	22.68
16	11	16.2	15	4.7	26	6.70
17	1	1.5	2	0.6	3	0.77
≥18	1	1.5	3	0.9	4	1.03
Estado Civil						
Solteiro	67	98.5	317	99.1	384	98.96
Casado	1	1.5	3	0.9	4	1.03
	M	DP	M	DP	t	P
Idade	20.50	3.953	19.69	2.973	-1.589	.116
Anos de Escolaridade	13.64	1.717	13.28	1.518	-1.599	.113

2.1.2. Descrição dos instrumentos

Para além das versões da Portuguesa da GPS, da PC e da DASS-42 que já foram descritas os participantes preenchiam as seguintes escalas:

Experience of Shame Scale (ESS) de Andrews, Quian e Valentine (2002); *Escala das Experiências de Vergonha (EEV)*: Traduzida e Adaptada por Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. (em preparação)

Este questionário é composto por vinte e cinco itens que medem três tipos de vergonha. O primeiro tipo denominado de “*carácter*” é a vergonha relacionada as características da pessoa. Este primeiro tipo mede quatro áreas da vergonha: a) vergonha dos hábitos pessoais; b) vergonha da maneira de lidar com os outros; c) o tipo de pessoa que é e d) capacidade Pessoal. O segundo tipo de vergonha medido por esta escala é o “*comportamento*” que é definido como a vergonha relacionada com o acto de fazer algo de errado, ou de dizer algo que é estúpido ou embaraçoso, e ainda a vergonha relacionada com o insucesso em situações competitivas. Este segundo tipo mede três áreas da vergonha: a) vergonha de fazer alguma coisa mal feita; b) vergonha de dizer algo estúpido e c) insucesso nas situações competitivas. Por último, o terceiro tipo de vergonha é o tipo “*corporal*” que é caracterizado por o indivíduo ter vergonha do seu corpo, ou de certas partes do corpo. Para cada uma destas oito áreas da vergonha, existem sempre três itens que medem 1) o componente da experiência, que é apresentado na forma de uma pergunta directa sobre o sentimento da vergonha (como por exemplo: “sentiu-se envergonhado(a) dos seus hábitos pessoais?”); 2) o componente cognitivo que é apresentado na forma de uma pergunta sobre a nossa preocupação com o que os outros pensam sobre nós (como por exemplo: “Preocupou-se acerca do que as outras pessoas pensam de algum dos seus hábitos?”) e 3) o componente comportamental que é apresentado na forma de uma pergunta acerca das tentativas de esconder ou de evitar certos comportamentos que podem suscitar a vergonha pessoal (como por exemplo: “Tentou encobrir ou esconder algum dos seus hábitos?”).

14

Os participantes respondem numa escala de Likert de “0= nada a 4= Muito”, sobre o quanto é que eles acham que cada afirmação se aplica a eles (as) em termos de as experimentarem, sentirem ou evitarem. As pontuações mais elevadas referem-se a índices elevados da vergonha das características pessoais, dos comportamentos ou da aparência física.

Other As Shamer Scale (OAS) de Goss, Gilbert & Allan (1994); *Escala do Outro Como Causador de Vergonha (OCCV)* – Traduzida e Adaptada por Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. (em preparação)

É um questionário que contém 18 itens que medem a vergonha externa (juízos gerais sobre o que as pessoas pensam como os outros as vêem). Por exemplo, os participantes devem indicar numa escala de Likert de “0= nunca a 4= sempre”, a frequência dos seus sentimentos e experiências relacionadas com itens tais como “Sinto que as outras pessoas não me vêem como sendo suficientemente bom/boa” e “As outras pessoas olham-me como se eu não estivesse à altura deles(as)”. Esta escala mede, por conseguinte, crenças relacionadas com a vergonha de ser visto como sendo “inferior” (i.e. ter um estatuto social inferior aos outros) ou ainda a vergonha causada por um estigma social percebido pelo indivíduo. As pontuações na escala variam entre os 0-72, já que as pontuações mais altas referem-se a níveis mais elevados da vergonha acerca do que os outros pensam sobre nós (i.e. *vergonha externa*). Goss et al. (1994) mostraram que esta escala detinha boas qualidades psicométricas, pois no estudo que fizeram a escala apresentou um alfa de Cronbach de 0.92, sendo portanto uma escala fiel ao que mede e apropriada para ser utilizada numa população normal. Para além disso, esta escala já foi utilizada recentemente num estudo de Cheung, Gilbert & Irons (2003), e estes autores verifi-

caram numa amostra de cento e vinte e cinco estudantes, que a vergonha e a posição social estão extremamente relacionadas uma com a outra e que ambas, a vergonha como a posição social, estão relacionadas com a ruminação. Para além disso, a vergonha parece contribuir de uma forma única para a depressão. Sendo assim, pode-se constatar que este tipo de sentimentos e percepções de vergonha estão relacionados com diversas variáveis, muitas delas patológicas, como a depressão.

Aggression Questionnaire (AQ) de Buss e Perry (1992); Questionário da Agressividade Traduzido e adaptado por Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. (em preparação)

Este questionário mede os componentes da agressividade-traço. Estes componentes são a raiva que é usualmente definida como um “estado afectivo” ou um estado subjectivo emocional, a agressão que, por sua vez, é centrada no aspecto comportamental (agressões físicas e verbais) e a hostilidade que é uma variável sobre as “atitudes pessoais” que aborda percepções negativas gerais sobre os outros e um sentimento de ressentimento (Buss & Perry, 1992). Deste modo, o AQ é um questionário de 29 itens sobre a agressividade que são divididos em quatro sub-escalas diferentes: “agressão física”; “agressão verbal”; “hostilidade” e “raiva”. Os participantes tem que responder para cada um dos itens o quanto é que têm a ver com eles(as). As respostas são dadas para cada item numa escala de Likert de 5 pontos, de 1= “tem muito a ver comigo” a 5= “não tem nada a ver comigo”.

A pontuação mínima é 29 e a máxima de 145. As pontuações mais elevadas indicam índices de agressividade a nível comportamental, geral e em termos de atitudes hostis para com os outros. Este questionário é usado de forma consistente na literatura para estudar os comportamentos agressivos (Felsten & Hill, 1999).

Sensitivity to Put Down (SPD) Gilbert e Miles (2000); Escala da Sensibilidade à Crítica Traduzida e adaptada por Lopes, B. & Pinto Gouveia (em preparação)

Esta escala mede a forma como as pessoas experienciam emocionalmente e atribuem a culpa quando são alvos de *put-down*, sendo constituída por 20 itens representativos deste tipo de situações sociais (e.g. “As pessoas deitarem-no abaixo por trás das suas costas”, “Alguém a fazer comentários negativos acerca da sua aparência física”). Na coluna do lado esquerdo dos itens, o participante deve indicar o grau de *ansiedade/transtorno* que sentiria em cada situação, enquanto do lado direito deve indicar o quanto se sentiria *zangado/irritado*, numa escala tipo Likert de cinco pontos (de “nem um pouco” a “extremamente”). De seguida, apresenta-se uma escala idêntica, na qual, do lado esquerdo, deve apontar o grau de probabilidade de se culpar a si próprio e, do lado direito, o grau de probabilidade de culpar os outros. Assim, são obtidas quatro medidas, indicando os níveis de *ansiedade/transtorno*, de *raiva/irritação*, de *auto-culpabilização* e de *hetero-culpabilização* pelo *put-down*. Pontuações elevadas em cada uma das sub-escalas indicam níveis elevados de “ansiedade/transtorno” ou de “raiva/irritação” perante a crítica pessoal ou ainda de auto-culpabilização ou pelo contrário de hetero-culpabilização perante a crítica e humilhação pessoal.

The Early Life Experiences Scale “(ELES) de Gilbert, Cheung, Granfield, Campey, & Irons (2003); Escala de Experiências de Vida da Infância tradução e adaptação de Lopes & Pinto-Gouveia (em preparação)

A versão original da ELES contém 15 itens na evocação da “ameaça” percebida (8 itens)

(e.g. “Os meus pais poderiam magoar-me se eu não me comportasse como eles queriam” e focados nos e comportamentos de submissão (5 itens) e sentimentos de (des)valorização (3 itens) durante a infância (e.g. “Muitas das vezes tinha que ceder aos outros em casa”). Os sujeitos avaliam a frequência e veracidade da afirmação reportando-se ao período da sua infância (1= completamente falso a 5= muito verdadeiro). As pontuações variam entre os 16 e 80, considerando que as pontuações mais elevadas indiciam índices elevados de recordações de infância de ameaça, submissão e desvalorização. Os autores da escala original fizeram uma análise factorial que apresentou três factores: “ameaça” (“threat”), “submissão” (“submissiveness”) e “(des)valorização” (“(un)valued”). Para além disso, dado que o item apresentava uma correlação mais forte e estatisticamente significativa com a sub-escala da “ameaça” da ELES ($r= 0.53$) do que com a sub-escala de “submissão” ($r= 0.27$), foi incluído na sub-escala de “ameaça”. As pontuações elevadas para cada uma das dimensões reflectiam níveis elevados de “ameaça”, de “submissão” e de “desvalorização” percebidos no seio familiar.

The Revised Olweus Bullying/Victim Questionnaire (BVQ) de Solberg & Olweus (2003) *Questionário de Olweus de Perpetradores e de Vítimas de Bullying*: Traduzido e adaptado por Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. (em preparação)

O BVQ é um questionário sobre os vários componentes do *bullying* que tem sido usado de forma consistente na literatura (Smorti, Del Buffa; Maggino e Bacchereti, 2004). Embora o questionário tenha sido elaborado para medir comportamentos de *bullying* em crianças e devido a falta de medidas sobre este fenómeno, também tem sido usado em amostras de adolescentes e jovens adultos (Campbell e Morrison, 2007). No nosso estudo, usamos uma versão reformulada do questionário em que se solicita aos participantes que relembrem e relatem experiências de terem sido vítimas de *bullying* desde a infância até este preciso momento. O questionário assume, desta forma, um formato retrospectivo em que se avaliam memórias de experiências traumáticas e não efectivamente experiências actuais, já que, embora os participantes possam ter esse tipo de experiências e relatá-las, é de conhecimento geral que ser um *bullie*, i.e., perpetrador de actos maldosos contra colegas, ou ser vítima de *bullying* tende a declinar com a idade (Craig, 1998). Desta forma, esta reformulação ao BVQ permite-nos avaliar se os participantes da nossa amostra, que já são jovens adultos, tiveram experiências de *bullying* e se este tipo de experiências ainda continuam a acontecer neste preciso momento.

O questionário original apresenta três sub-escalas : a “escala de ser vítima de *bullying*” (39 itens); “a escala de ser perpetrador de *bullying*” (16) e a “a escala de ser vítima de *bullying* durante os últimos dez meses” (10).

No nosso estudo, e para servir os intuitos da investigação, embora se tenha obtido dados para todas as sub-escalas, só serão relatados e analisados os dados para a sub-escala de “*ser vítima de bullying*” que se referem aos tipos de comportamentos de *bullying* que são observados nas escolas, deixando de fora dados sobre os locais onde ocorre o *bullying* pois não têm relevância para o nosso estudo. A escala de “ser vítima de *bullying*” é composta por uma definição de *bullying* e solicita aos participantes que respondam se alguma vez foram vítimas do tipo de actos que foram descritos como sendo *bullying*. Caso os participantes reconheçam terem sido vítimas de *bullying*, terão que indicar a frequência de 12 situações que medem comportamentos de *bullying* e.g. “ser chamado nomes maldosos” e de assédio/abuso sexual e.g. “colegas apalparem sem consentimento” numa escala de Likert de 5 pontos desde 0= “não ocorre” a 5= “várias vezes durante a semana”.

Questionnaire of self-perceptions and emotional reactions (SPERQ) Dutton & Brown (1997) *Questionário de auto-percepções e de reacções emocionais* traduzido e adaptado por Lopes, B. e Pinto-Gouveia, J. (*em preparação*)

O SPERQ de Dutton e Brown (1997) é um questionário de auto-resposta dividido em duas partes. A primeira parte denominada de “*auto-percepções*” (*self-perceptions*) é composta por 10 adjectivos bipolares, em que 5 adjectivos descrevem traços pessoais positivos (e.g. “sou uma pessoa inteligente”) e os outros cinco descrevem traços pessoais negativos (e.g. “sou uma pessoa incompetente”). Deve-se notar que os itens que descrevem traços pessoais negativos são invertidos. A segunda parte denominada de “*reacções emocionais ao desempenho pessoal*” (*emotional reactions*) é composta por 10 reacções emocionais à tarefa. Da mesma forma que os adjectivos, quatro itens descrevem reacções emocionais positivas (e.g. “gostei de jogar o jogo”) enquanto seis itens descrevem reacções emocionais negativas (e.g. “o jogo fez-me sentir incompetente”). Os participantes têm que responder numa escala de Likert de 7 pontos o grau de concordância com cada uma afirmação (de 1= concordo totalmente a 7= discordo totalmente). As pontuações elevadas indicam, por um lado, índices de auto-percepções positivas *versus* negativas e, por outro, níveis elevados de reacções emocionais positivas *versus* negativas.

State Social Paranoia Scale (SSPS) de (Freeman, D.; Pugh, K.; Green, D.; Valmaggia, L.; Dunn, G. & Garety, P. A., 2007) *Escala da Paranóia Social-Estado* traduzida e adaptada para Português por Lopes & Pinto-Gouveia (*em preparação*)

A SSPS é um questionário de auto-resposta usado por Freeman e colegas (2007) para medir a ocorrência dos pensamentos paranóides sobre personagens que faziam parte de um contexto de realidade virtual. Para o propósito do nosso estudo, a SSPS foi utilizada como medida da “*paranóia social-estado*” para avaliar a ocorrência de pensamentos paranóides sobre pessoas “reais”, ou seja sobre o investigador e os outros estudantes presentes nas sessões experimentais. A SSPS apresenta três sub-escalas: “*perseguição*” (*persecution*) que contém 10 itens que medem pensamentos paranóides sobre as intenções dos outros em relação ao indivíduo (e.g. “alguém tem algo contra mim”, “alguém olhou fixamente para mim de modo a que ficasse perturbado(a)”) e que preenchem os critérios para a ideação paranóide sub-clínica (Freeman & Garety, 2000). As outras duas sub-escalas são: “*neutral*” (*neutral*), que contém cinco itens que medem ideias neutras acerca das pessoas e respectivos comportamentos e intenções para com o indivíduo, presentes nas sessões experimentais (e.g. “ninguém reparou em mim”) e “*positiva*” (*positive*), que por sua vez inclui cinco itens que medem a ideação positiva do indivíduo acerca do comportamento de pessoas presentes nas sessões experimentais para com ele(a) (e.g. “alguém foi amigável para comigo”). As respostas são dadas numa escala tipo Likert de cinco pontos (de 1= discordo totalmente, a 5= concordo totalmente). As pontuações variam entre 20 e 100. Assinale-se que as pontuações mais elevadas significam uma concordância maior com os itens.

Launay Slade Hallucination Revised Scale (LSHRS; Launay & Slade, 1981; Morrison, Wells and Nothard, 2000) *Escala de Alucinações de Launay Slade - Revista* traduzida e adaptada por Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. (*em preparação*)

A LSHRS é uma escala que deriva da investigação sobre os delírios paranóides que conceptualiza as experiências alucinatórias como processos psicológicos “normais” e fazendo parte de um contínuo entre as experiências alucinatórias não-clínicas e as alucinações auditivas

que são apresentadas por indivíduos que sofrem de Esquizofrenia (e.g. Bentall & Slade, 1985). A LSHRS propõe-se, então, estudar experiências alucinatórias que ocorrem em populações não-clínicas com o intuito de compreender os fenómenos psicopatológicos. A LSHRS é composta por 12 itens que medem a predisposição para experiências alucinatórias (alucinações visuais, olfactivas, auditivas, etc.) em indivíduos “normais” ao avaliar a frequência de fenómenos alucinatórios de cariz ambos psicopatológico (e.g. “Já ouvi a voz do Diabo”) e sub-clínico (e.g. “Os sons que eu ouço ao *sonhar acordado* são geralmente claros e distintos”). A versão inicial da escala por Launay e Slade (1984) solicitava aos participantes que respondessem “verdadeiro” ou “falso” para cada um dos itens. Mais tarde a escala foi reformulada por Bentall e Slade (1985) e Morrison, Wells e Nothard (2000) ao mudar dois itens de valência negativa (9 e 11) para positiva e o formato das respostas de categóricas para uma escala de Likert. Deste modo, os respondentes têm que indicar a frequência das alucinações numa escala de resposta Likert de quatro pontos (1= nunca, 2= às vezes, 3= muitas vezes, 4= sempre; Morrison, Wells, & Nothard, 2000). A pontuação mínima para esta escala é de 12 e a máxima de 48. As pontuações elevadas indicam uma frequência maior de experiências alucinatórias e delirantes no dia a dia. Esta escala é usada de forma consistente na investigação da paranóia sub-clínica para medir experiências alucinatórias, especialmente, de tipo auditivo em indivíduos “normais” (Allen, Freeman, McGuire, Garety, Kuipers, Fowler, Bebbington, Green, Dunn & Ray, 2005). O estudo de Morrison, Wells e Nothard com a LSHRS, numa população normal, apresentou uma análise de componentes principais que revela dois factores da experiência alucinatória: “agente externo” *versus* “agente interno”. A dimensão da experiência alucinatória “agente interno” refere-se a experiências alucinatórias (visuais e auditivas) vividas pelo sujeito no do dia a dia como por exemplo “sonhar acordado” que são percebidas como sendo “internas”; por outro lado, a dimensão da experiência alucinatória “agente externo” refere-se a experiências alucinatórias que são percebidas como sendo externas ao *self* (e.g. “voz de Deus”). No entanto, outros autores obtiveram para a LSHRS três dimensões (ver Bentall e Slade, 1985) diferentes. A literatura apresenta, assim, inconsistências, neste caso relativas ao número de dimensões da LSHRS, em parte devido aos objectivos diferentes de cada um dos estudos (medir alucinações auditivas *versus* visuais e.g. Morrison, Wells e Nothard, 2000; de agente interno *versus* externo ou ainda de componente religioso *versus* tendência geral para alucinação e.g. Bentall & Slade, 1985). Deste modo, autores como Allen e colegas (2005) usam o total das pontuações da LSHRS como variável da predisposição para experiências alucinatórias em populações não-clínicas. No nosso estudo iremos seguir o procedimento de Allen e colegas (2005) pois, tal como estes autores, pretendemos estudar a associação entre a paranóia e a predisposição alucinatória sub-clínicas.

2.1.3. Resultados

Tabela 12: Médias e respectivos desvios padrões para as variáveis em estudo

	M	DP
GPS_total	44.10	9.545
PC_total	91.15	36.609
PC_frequência	29.93	10.065
PC_convicção	36.61	15.185
PC_transtorno	23.18	16.224
DASS42_depressão	8.092	7.994
DASS42_ansiedade	7.84	6.972
DASS42_stress	12.83	8.589
ESS_total	44.41	11.562
ESS_carácter	19.04	5.491
ESS_comportamento	17.82	5.194
ESS_corporal	7.54	2.762
OAS_total	19.76	8.886
AQ_total	72.20	16.132
AQ_agressão física	18.01	7.291
AQ_agressão verbal	15.23	13.251
AQ_raiva	17.23	5.004
AQ_hostilidade	19.50	5.864
SPD_ansiedade/transtorno	54.20	21.241
SPD_raiva/irritação	62.52	16.123
SPD_culpar a si próprio	38.87	17.881
SPD_culpar os outros	60.30	20.182
ELES_total	30.25	9.557
ELES_ameaça	11.097	4.753
ELES_submissão	11.82	4.318
ELES_(des)valorização	7.33	7.835
BVQ_total	6.76	10.532
BVQ_“bullying”	15.48	6.675
BVQ_“assédio sexual”	4.03	15.077
SPERQ_auto-percepções positivas	22.63	4.645
SPERQ_auto-percepções negativas	11.57	4.0008
SPERQ_reacções emocionais positivas	16.35	5.515
SPERQ_reacções emocionais negativas	17.65	7.841
SPSS_total	39.42	7.465
SPSS_perseguição	13.12	5.818
SPSS_positiva	17.26	3.803
SPSS_neutral	12.39	3.659
LSHRS_total	19.79	7.397
LSHRS_“agente interno”	13.44	5.684
LSHRS_“agente externo”	6.34	2.189

Versões Portuguesas da GPS (General Paranoia Scale: paranóia geral); PC (Paranoia Checklist: dimensões da frequência, convicção e transtorno da ideação paranóide); DASS42 (Depression Anxiety Stress Scales); ESS (Experience of Shame Scale: vergonha interna e as dimensões de vergonha do carácter, do comportamento e corporal); OAS (Other as Shamer Scale: vergonha externa); AQ (Aggression Questionnaire: dimensões da agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade); SPD (Sensitivity to Put Down Scale: sensibilidade à crítica dimensões de ansiedade/transtorno *versus* raiva/irritação e de culpar a si próprio *versus* culpar os outros); ELES (Early Life Experiences Scale: dimensões da “ameaça”, “submissão” e “(des)valorização”); BVQ (Revised Bully/Victim Questionnaire); SPERQ (Self-Perceptions and Emotional Reactions Questionnaire: dimensões das auto-percepções positivas *versus* negativas e reacções emocionais positivas *versus* negativas); SPSS (State Social Paranoia Scale: paranóia social-estado e respectivas dimensões da “perseguição”, “positiva” e “neutral”); LSHRS (Launay Slade Hallucination Revised Scale: predisposição para as experiências alucinatórias).

Prevalência dos Pensamentos Paranóides numa amostra Portuguesa

A média da pontuação total da versão Portuguesa da GPS para este estudo foi de $M=44.10$, $DP=9.545$. Tal como foi observado no estudo anterior, não existem diferenças significativas entre os sexos, considerando que o sexo masculino apresenta uma média ligeiramente superior mas que não chega a ser estatisticamente significativa ($M=44.35$; $DP=10.887$) em relação à do sexo feminino ($M=43.93$, $DP=10.3483$) [$t(336)=-.288$, $p=.774$], o que está de acordo com o que foi encontrado pelos autores originais da escala.

No geral verificou-se que os estudantes Portugueses, tal como os Ingleses (Freeman e colegas, 2005 *a*), apresentam vários pensamentos paranóides, pelo menos uma vez por mês. A média para a pontuação total na versão Portuguesa é de $M=91.15$, $DP=36.609$.

A prevalência de uma vez por semana dos pensamentos paranóides variou desde os 3.6% (3% no estudo de Freeman e colegas, 2005*a*) para o item 17 “Posso detectar mensagens codificadas acerca de mim na imprensa/rádio/televisão” até os 21,1% para o item 1 “Tenho que estar de ‘pé atrás’ em relação aos outros.” (52% no estudo original). A “frequência” de pensamentos paranóides na PC apresentou uma média de: $M=29.25$ (11.9 no estudo de Freeman e colegas, 2005 *a*); $DP=10.0653$ (minimum= 18, maximum= 68; percentil 25= 22.00, percentil 50= 27.00, percentil 70= 33.00).

A variância dos pensamentos paranóicos para *uma vez por semana*, situou-se entre os 3% e os 21%; logo muito inferior ao que foi registado por Freeman e colegas (2005 *a*) que registaram uma variância entre 3% e 52%. Isto quer dizer que a amostra de Freeman e colegas (2005 *a*) apresentava valores mais elevados para a frequência de pensamentos paranóicos do que a nossa amostra. A razão desse resultado poderá estar relacionada com o facto da amostra de Freeman e colegas (2005 *a*) ter sido substancialmente maior ($n=1202$ *versus* $n=388$) que a deste estudo.

Na amostra deste estudo entre 3.6% (item 7: “Pessoas estranhas e meus amigos olham para mim de maneira crítica.”) e 7% (item 10: “Alguém que eu conheço tem más intenções para comigo.”) dos participantes estão *totalmente convictos* dos seus pensamentos paranóides. A variação da nossa amostra para a convicção dos pensamentos paranóicos é semelhante àquela apresentada pelos autores no estudo original da PC (entre 2% e 7%). A dimensão de “convicção” da PC apresentou uma média $M=36.61$ (16.7 no estudo de Freeman e colegas, 2005 *a*); $DP=15.185$ (minimum= 18, maximum= 90; percentil 25= 25.25; percentil 50= 33.00; percentil 75= 40.00).

Quanto ao grau de transtorno (*distress* emocional), nesta amostra em particular, entre 1.5% (item 6 “As pessoas comunicam comigo através de maneiras subtis”) e 15.2% (item 10 “Alguém que eu conheço tem más intenções para comigo”) dos participantes demonstrou-se *muito transtorno* (i.e. *distress emocional forte*) em relação aos seus pensamentos paranóides. Deve-se notar que variação entre o grau de transtorno elevado dos pensamentos paranóides da PC na nossa amostra foi maior do que no caso da amostra de Freeman e colegas (2005 a) que apresentaram uma variação entre 1% a 7% para o grau de *muito transtorno*. O “transtorno” dos pensamentos paranóides da PC apresentou uma $M= 23.18$ (14.6 no estudo de Freeman e colegas, 2005 a); $DP= 16.224$ (minimum= 0, maximum= 65; percentil 25= 9; percentil 50= 25; percentil 75= 35).

De acordo com os dados de Freeman e colegas (2005 a), não se registaram diferenças significativas entre os sexos para as dimensões da “frequência” e da “convicção” da ideação paranóide (sexo feminino: $M= 29.20$, $DP= 9.862$; sexo masculino: $M= 29.50$, $DP= 11.044$; $t(336)= -.207$, $p= .836$ para a dimensão da “frequência” e sexo feminino: $M= 36.54$, $DP= 14.759$; sexo masculino: $M= 36.98$, $DP= 17.167$; $t(336)= -.199$, $p= .843$ para a dimensão da “convicção” respectivamente). Por outro lado, observou-se que os indivíduos de sexo feminino apresentavam níveis significativamente mais elevados do “transtorno” da ideação paranóide ($M= 24.07$, $DP= 16.128$) do que os indivíduos de sexo masculino ($M= 18.97$, $DP= 16.126$), sendo a diferença entre os dois sexos estatisticamente significativa ($t(336)= 2.372$, $p= .020$).

Fiabilidade e validade convergente da PC

Na versão Portuguesa da PC, as correlações entre os totais das dimensões e o total das pontuações na GPS são menos fortes – embora estatisticamente significativas – do que na versão original (Freeman e colegas, 2005 a).

A versão Portuguesa da PC apresenta correlações moderadas, embora significativas, entre as dimensões da frequência e convicção ($r= .48$, $p<.001$), da frequência e do transtorno (*distress* emocional) ($r= .46$, $p<.001$) e da convicção e do transtorno ($r= .38$, $p<.001$). Estes dados sugerem que a PC apresenta consistência interna, já que as dimensões da escala se correlacionam significativamente entre si.

Tabela 13: Correlações entre as dimensões da PC (versão Portuguesa)

Dimensões da PC (versão Portuguesa)	PC-Frequência	PC-Convicção	PC-Transtorno
PC- Frequência	-----	.48**	.46**
PC - Convicção	.48**	-----	.38**
PC - Transtorno	.46**	.38**	-----

** $p < 0.001$

De modo a verificar se a PC (versão Portuguesa) apresenta validade, ou seja, mede efetivamente ideação paranóide e não outro fenómeno, procedeu-se, tal como Freeman e colegas (2005 a) o fizeram, à análise da correlação das dimensões da PC com o total da GPS (i.e. uma medida estabelecida de ideação paranóide em populações não-clínicas Fenigstein e Venable, 1992).

O total da GPS correlaciona-se positiva e moderadamente com a dimensão da “frequência” ($r= .58$, $p<0.001$), com a dimensão da “convicção” ($r= .42$, $p<0.001$) e do “transtorno” ($r= .48$, $p<0.001$). Os dados sugerem que há uma validade convergente entre a versão Portuguesa da PC e a versão Portuguesa da GPS, pois os índices mais elevados de paranóia na GPS estão relacionados com uma frequência maior de pensamentos paranóicos, uma convic-

ção mais forte desses mesmos pensamentos e um transtorno mais “agudo” (i.e., “*distress*” emocional mais forte) provocado pelos pensamentos da PC. Contudo, a nossa amostra era muito reduzida ($n=388$) comparativamente à amostra de Freeman e colegas (2005 *a*), o que faz com que as correlações sejam menos fortes do que no estudo original da PC.

Distribuições das pontuações das sub-escalas da DASS-42 e diferenças entre os sexos

As médias para os índices de psicopatologia da versão Portuguesa da DASS42 foram as seguintes: a dimensão da “depressão” apresentou uma $M=8.092$, $DP=7.994$ (valor mínimo=0 e máximo=41); a dimensão da “ansiedade” apresentou uma $M=7.84$, $DP=6.972$ (valor mínimo=0 e máximo=41) e a dimensão do *stress* apresentou uma $M=12.83$, $DP=8.589$ (valor mínimo=0 e máximo=42). Não se registaram diferenças significativas entre os sexos para as dimensões de “depressão” (sexo feminino: $M=7.87$, $DP=8.712$; sexo masculino $M=8.34$, $DP=7.075$; $t(336)=.670$, $p=.572$) e “ansiedade” (sexo feminino: $M=7.76$, $DP=7.692$; sexo masculino $M=7.93$, $DP=6.041$; $t(336)=.278$, $p=.781$). Por outro lado, os indivíduos de sexo feminino parecem demonstrar níveis mais elevados de *stress* ($M=13.50$, $DP=.9367$) do que os indivíduos do sexo masculino ($M=12.05$, $DP=7.0354$), embora esta tendência não seja suficientemente forte para atingir significância estatística ($t(336)=-1.907$, $p=.055$).

Distribuição das Pontuações da ESS e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa) e diferenças entre os sexos

A média total desta escala, numa variação possível entre 25-100, é de $M=44.41$ com $DP=11.562$ e com a pontuação mínima de 25 e a pontuação máxima de 87. A distribuição das pontuações é ligeiramente desviada para a esquerda na *Curva de Gauss*, o que indica que no geral os indivíduos não demonstraram muita vergonha, optando por responder, na maior parte das vezes, aos itens com a opção de “nada” ou de “um pouco”. Sendo assim, a distribuição das pontuações nesta sub-escala era mesocúrtica com índices de “kurtosis” 1.21 e a “skewness” de 0.95.

Relativamente às três sub-escalas desta escala, para a primeira sub-escala de vergonha do “carácter”, numa variação possível entre 12-48, a $M=19.04$ com $DP=5.491$ (com a pontuação mínima de 12 e a pontuação máxima de 40). A distribuição das pontuações nesta escala é desviada para a esquerda na curva de Gauss, o que indica que os indivíduos pontuam no geral muito baixo nesta escala), não demonstrando muita vergonha do carácter que possuem. Este resultado não está de acordo com o resultado de Andrews e colegas (2002) que observaram pontuações ligeiramente mais altas na sua amostra ($M=24.43$). De facto, os indivíduos optam por responder na maior parte das vezes a estes itens com a opção de “nada”. Deste modo, a distribuição das pontuações desta sub-escala demonstrou um “enviesamento” à esquerda, apresentando assim valores de “kurtosis” e de “skewness” altos, sendo a “kurtosis” de 1.22 e a “skewness” de 1.21.

Para a sub-escala de vergonha do “comportamento”, numa variação possível entre 9-36, a $M=17.82$ com $DP=5.194$ (com a pontuação mínima de 9 e a máxima de 33). A distribuição das pontuações nesta sub-escala já se assemelha a uma distribuição normal e mesocúrtica, sendo o valor de “kurtosis” baixo (0.33). Tal como foi observado na sub-escala de “carácter”, a média para a sub-escala de “comportamento” no estudo original é mais elevada ($M=21.25$) que neste estudo, o que se deve ao facto da amostra do estudo original da escala ser maior.

Por fim, para a sub-escala de vergonha “corporal”, numa variação possível entre 4-16, a $M=7.54$ com $DP=2.762$ (com a pontuação mínima de 4 e a máxima de 16). A média para es-

ta sub-escala no estudo original de Andrews e colegas (2002) também é superior ($M= 9.82$) à deste estudo. A distribuição das pontuações nesta sub-escala também tende a ser normal.

No geral, as mulheres da nossa amostra apresentam índices mais elevados de “vergonha interna” (ESS total) ($M= 49.62$, $DP= 12.998$) do que os homens ($M= 48.15$, $DP= 12.845$), visto que a diferença entre os dois sexos não é estatisticamente significativa ($t(338)= 1.275$, $p= .203$). Por outro lado, os homens apresentam índices mais elevados de vergonha do “carácter” ($M= 19.71$, $DP= 6.077$) do que as mulheres ($M= 18.72$, $DP= 5.459$), embora a diferença entre os dois sexos não seja suficientemente forte para atingir significância estatística ($t(338)= 1.741$, $p= .080$). As mulheres, por sua vez, apresentam índices mais elevados tanto de vergonha do “comportamento” ($M= 22.94$, $DP= 6.458$) como da vergonha “corporal” ($M= 7.85$, $DP= 3.0104$) do que os homens ($M= 21.89$, $DP= 6.154$ para a vergonha do “comportamento” e $M= 6.54$, $DP= 2.461$ para a vergonha “corporal” respectivamente). Constata-se que, por um lado, a diferença entre os dois sexos não é suficientemente forte para atingir significância estatística no caso da vergonha de “comportamento” ($t(336)= -1.885$, $p= 0.60$) mas, por outro, a diferença entre os dois sexos para a vergonha “corporal” é estatisticamente significativa ($t(336)= -5.396$, $p<.001$).

Estudo dos itens da ESS (versão Portuguesa)

Tal como se pode observar no quadro em baixo, todas as sub-escalas da ESS apresentam correlações dos itens - total superiores a .30, indicando uma boa consistência interna da escala.

Tabela 14: Correlações item-total e Alpha de Cronbach se o item for retirado para os itens da das sub-escalas da ESS (versão Portuguesa)

Itens	Sub-escalas	r item-total	Alpha de Cronbach (sem o item)
ESS_1	Carácter	.570	.884
ESS_2		.588	.883
ESS_3		.552	.885
ESS_4		.632	.881
ESS_5		.590	.883
ESS_6		.544	.886
ESS_7		.656	.880
ESS_8		.608	.882
ESS_9		.620	.882
ESS_10		.622	.881
ESS_11		.626	.881
ESS_12		.621	.882
ESS_13	Comportamento	.626	.884
ESS_14		.668	.880
ESS_15		.598	.886
ESS_16		.678	.880
ESS_17		.728	.875
ESS_18		.640	.883
ESS_19		.680	.879
ESS_20		.661	.881
ESS_21	Corporal	.588	.887
ESS_22		.765	.751
ESS_23		.604	.825
ESS_24		.562	.840
ESS_25		.771	.748

**ESS: versão Portuguesa da “Experience of Shame Scale”
Consistência interna da ESS (versão Portuguesa)**

Quanto à consistência interna da escala, o valor de alfa de Cronbach para o total dos itens da escala foi o seguinte: $\alpha = 0.92$ ($n = 25$ itens). Este valor de consistência interna para o total da escala esteve de acordo com o valor encontrado pelos autores originais da mesma (0.92). Isto quer dizer que a escala demonstrou ter uma consistência interna elevada e que se adaptou muito bem ao contexto de uma amostra portuguesa. Mais, para cada uma das sub-escalas da escala das experiências da vergonha, os alfas de Cronbach foram os seguintes: “carácter” ($\alpha = 0.87$, $n = 12$ itens); “comportamento” ($\alpha = 0.88$, $n = 9$ itens) e finalmente “corporal” ($\alpha = 0.81$, $n = 4$ itens). Estes valores de alfa de Cronbach são aproximados dos valores encontrados pelos autores originais da escala: “carácter” ($\alpha = 0.90$), “comportamento” ($\alpha = 0.87$) e “corporal” ($\alpha = 0.86$) (Andrews, Quian e Valentine, 2002). Deste modo, estes resultados só reforçaram a ideia que a escala é fiel ao que pretende medir em todas as suas áreas.

24

A inspeção da correlação entre as três sub-escalas da ESS, permitiu observar que elas estão significativamente correlacionadas entre si. A sub-escala do “carácter” está mais correlacionada com a sub-escala do “comportamento” do que com a sub-escala “corporal”. A correlação entre a sub-escala do “carácter” com a sub-escala do “comportamento” é semelhante ($r = 0.70$) àquela que foi observada por Andrews, Quian e Valentine (2002) de $r = 0.66$ (página 33). Deste modo, tanto neste estudo da adaptação e tradução da escala como no estudo dos autores da escala original, pode-se observar uma correlação bastante forte entre estas duas sub-escalas, a de “carácter” e a de “comportamento.” Ou seja, como seria de esperar, as características pessoais iriam estar mais relacionadas com o comportamento do indivíduo do que com os seus comportamentos àcerca da sua aparência física.

A sub-escala “corporal” apresenta as correlações mais fracas com as outras duas sub-escalas, pois é uma sub-escala demasiado específica; no entanto, esta correlaciona-se melhor com a sub-escala do “comportamento” do que com a sub-escala do “carácter”. Este resultado tem uma razão de ser, já que a sub-escala “corporal” avalia os comportamentos de vergonha que estão relacionados com comportamentos específicos como o esconder do corpo e não tanto com o carácter da pessoa.

Tabela 15: Correlações entre o total da ESS e as três sub-escalas da ESS: Carácter, Comportamento e Corporal

	Total ESS	ESS Carácter	ESS Comportamento	ESS Corporal
Total ESS	-----	0.89**	0.91**	0.68**
ESS Carácter	0.89**	-----	0.70**	0.41**
ESS Comportamento	0.91**	0.70**	-----	0.54**
ESS Corporal	0.68**	0.41**	0.54**	-----

** $p < 0.001$

Validade da ESS (versão Portuguesa)

Procedeu-se ainda a uma avaliação da validade convergente-discriminante dos itens. Este procedimento é considerado um bom indicador de que o item mede o constructo da escala a que pertence e não outro. Uma boa validade convergente-discriminante do item mostrará que a correlação do item com a escala a que pertence é substancialmente mais elevada do que a correlação deste com as escalas às quais não pertence. O quadro 4 apresenta a correlação dos itens com as escalas, apresentando-se o valor da correlação do item com a escala a que pertence, corrigido para a sobreposição. A correcção para a sobreposição, tal como foi já dito atrás, significa que o valor da soma dos itens da escala com a qual o item está a ser correlacionado não in-

clui o valor dele próprio. Se o valor desse item fosse considerado na soma, o valor da correlação seria alto e artificialmente aumentado (10 a 20 pontos conforme a magnitude da correlação), dado que a correlação do item com ele próprio, ser de 1.0.

Tabela 16: Análise da validade convergente - discriminante com os valores da correlação corrigidos para a sobreposição de cada item com a respectiva sub-escala

Item nº	ESS Carácter	ESS Comportamento	ESS Corporal
1. Sentiu-se envergonhado(a) dos seus hábitos pessoais?	0.43**	0.23**	0.13+
2. Preocupou-se acerca do que as outras pessoas pensam de algum dos seus hábitos?	0.45**	0.35**	0.28**
3. Tentou encobrir ou esconder algum dos seus hábitos?	0.53**	0.34**	0.17*
4. Sentiu-se envergonhado(a) da sua maneira de lidar com os outros?	0.70**	0.47**	0.17*
5. Preocupou-se acerca do que as outras pessoas pensam da sua maneira de lidar com os outros?	0.58**	0.50**	0.34**
6. Evitou as outras pessoas por causa da sua maneira de ser?	0.46**	0.36**	0.16*
7. Sentiu vergonha de ser o tipo de pessoa que é?	0.67**	0.52**	0.35**
8. Preocupou-se com o que as outras pessoas pensam daquilo que você é?	0.60**	0.57**	0.32**
9. Tentou esconder dos outros o tipo de pessoa que você é?	0.62**	0.46**	0.21**
10. Sentiu vergonha da sua capacidade de fazer coisas?	0.68**	0.56**	0.38**
11. Preocupou-se com o que as outras pessoas pensam da sua capacidade de fazer coisas?	0.53**	0.58**	0.35**
12. Evitou as outras pessoas por causa da sua incapacidade de fazer coisas?	0.55**	0.49**	0.30**
13. Sente-se envergonhado(a) quando faz algo errado?	0.53**	0.66**	0.45**
14. Preocupou-se com o que as outras pessoas pensam de si quando você faz algo de errado?	0.56**	0.68**	0.43**
15. Tentou encobrir ou esconder coisas das quais tenha vergonha de ter feito?	0.52**	0.60**	0.40**
16. Sentiu-se envergonhado quando disse alguma coisa estúpida?	0.45**	0.65**	0.35**
17. Preocupou-se com o que as outras pessoas pensam de si quando disse alguma coisa estúpida?	0.48**	0.67**	0.39**
18. Alguma vez tentou evitar o contacto com alguém que sabe que você disse alguma coisa estúpida?	0.52**	0.52**	0.30**
19. Sentiu vergonha quando teve insucesso numa situação competitiva?	0.42**	0.62**	0.38**
20. Preocupou-se com o que as outras pessoas pensam de si quando falha numa situação competitiva?	0.52**	0.63**	0.40**
21. Evitou as pessoas que o (a) viram a falhar?	0.55**	0.59**	0.35**
22. Sentiu vergonha do seu corpo ou de alguma parte do seu corpo?	0.39**	0.47**	0.71**
23. Preocupou-se com o que as outras pessoas pensam da sua aparência?	0.27**	0.47**	0.65**
24. Evitou olhar-se ao espelho?	0.39**	0.43**	0.50**
25. Quis esconder ou encobrir o seu corpo ou alguma parte dele?	0.27**	0.34**	0.66**

A negrito apresentam-se os valores da correlação (r) dos itens com a escala a que pertencem ** p < 0.001 * p < 0.05

Como se pode constatar pelo que está descrito no quadro, a maior parte dos itens das respectivas sub-escalas correlacionam-se muito mais com essa sub-escala do que com as outras duas sub-escalas, exceptuando o item 11 (“Preocupou-se com o que as outras pessoas podem pensar da sua capacidade de fazer coisas”) que, embora pertencendo à sub-escala do “carácter”, correlacionou-se ligeiramente melhor com a sub-escala do “comportamento”. Isto quer dizer que este item distribui-se ao longo destas duas sub-escalas. Para além do item 11, o item 18 que deveria pertencer à sub-escala do “comportamento”, mostra o mesmo valor da correlação

(r) para a sub-escala do “comportamento” e do “carácter”, o que quer dizer que este item também se distribui ao longo destas duas sub-escalas. Este resultados não são surpreendentes dada à correlação bastante forte que existiu neste estudo entre a sub-escala do “carácter” e a sub-escala do “comportamento”; daí haver itens que se distribuem nas duas sub-escalas, fazendo com que a correlação entre as duas sub-escalas seja bastante forte.

A diferença da correlação da maioria dos itens com as suas respectivas escalas em relação às outras sub-escalas, é igual a ou ultrapassa os 10 valores (exceptuando seis itens dos vinte e cinco da escala: os itens 5,8,12,15,21 e 24) o que indica por sua vez, uma boa validade discriminante dos itens. Sendo assim, este teste de validade convergente-discriminate suportou o argumento dos autores da escala original que era a favor de três factores diferentes: *vergonha do carácter; do comportamento e corporal*. Esta escala é, portanto, perfeitamente exequível numa amostra estudantil Portuguesa, já que, apesar de ter sido traduzida para outra língua que não a língua original, demonstrou, mesmo assim, valores de consistência interna e de validade iguais aos que foram apresentados para a escala original, sustentando, assim, o modelo tripartido proposto pelos autores da escala (Andrews, Quian e Valentine, 2002).

Validade de construto da ESS (versão Portuguesa)

Fizeram-se análises correlacionais entre o total da ESS e as suas dimensões “carácter”; “comportamento” e “corporal” e as dimensões de psicopatologia da DASS-42 (depressão, ansiedade e *stress*) e os comportamentos de submissão da SBS som o intuito de analisar a validade de construto da ESS.

Tal como se pode observar na tabela em baixo, o total da ESS e as suas dimensões da vergonha do “carácter”, do “comportamento” e “corporal” apresentam correlações positivas e de magnitude elevada com outro tipo de vergonha (“vergonha externa”, i.e., a vergonha do que os outros pensam sobre nós-OAS) ($r = .613, p < .001$; $r = .661, p < .001$; $r = .461, p < .001$ e $r = .383, p < .001$). Os resultados sugerem, assim, uma associação entre a vergonha interna e a vergonha externa. Para além disso, o total da ESS e as suas dimensões do “carácter”, “comportamento” e “corporal” apresentam correlações positivas e significativamente elevadas com sintomas de “depressão” ($r = .358, p < .001$; $r = .500, p < .001$; $r = .303, p < .001$ e $r = .449, p < .001$ respectivamente), de “ansiedade” ($r = .303, p < .001$; $r = .407, p < .001$; $r = .275, p < .001$ e $r = .382, p < .001$ respectivamente) e de *stress* (DASS-42) ($r = .338, p < .001$; $r = .418, p < .001$; $r = .327, p < .001$ e $r = .420, p < .001$ respectivamente). Os resultados sugerem que, quanto maiores os níveis de “vergonha interna”, especialmente de vergonha do “carácter” e “corporal”, maiores os índices de psicopatologia, especialmente de depressão e *stress*. Isto, quer dizer que, a “vergonha interna”, ou seja, a vergonha das características e comportamentos pessoais e da aparência física está fortemente associada à presença de índices de psicopatologia do foro afectivo.

Tabela 17: Correlações entre as dimensões da ESS (versão Portuguesa) com as dimensões da psicopatologia da DASS-42 e com os comportamentos de submissão (SBS)

	ESS_carácter	ESS_comportamento	ESS_corporal	ESS_total
DASS42_Depressão	.500**	.303**	.449**	.358**
DASS42_Ansiedade	.407**	.275**	.382**	.303**
DASS42_Stress	.418**	.327**	.420**	.338**

ESS: versão Portuguesa da “Experience of Shame Scale”; DASS42: versão Portuguesa da “Depression Anxiety Stress Scales” ** $p < .001$

Distribuição das pontuações da OAS (versão Portuguesa) e diferenças entre os sexos

A média para o total da escala da OAS é de $M= 19.76$, $DP= 8.886$ com um valor mínimo de 0 e máximo de 56. A distribuição das pontuações nesta escala é ligeiramente “enviesada” à esquerda, apresentando no entanto valores normais de “kurtosis” (.833) e de “skewness” (.619). Não se registaram diferenças entre os sexos relativamente às pontuações na OAS, visto que o sexo masculino apresenta uma $M= 19.60$, $DP= 7.930$ e o sexo feminino uma $M= 19.89$, $DP= 6.429$ ($t(336)= -.382$, $p= .702$).

Estudo dos itens da OAS (versão Portuguesa)

Tal como se pode observar no quadro, as sub-escalas da OAS apresentam correlações dos itens-total superiores a .30 o que indica uma boa consistência interna.

Tabela 18 : Correlações item-total e Alpha de Cronbach se o item for retirado para os itens da OAS e as respectivas sub-escalas (versão Portuguesa)

Itens	Sub-escalas	r item-total	Alpha de Cronbach (sem o item)
OAS_1	Inferioridade	.466	.806
OAS_2		.569	.785
OAS_4		.441	.814
OAS_5		.658	.771
OAS_6		.663	.770
OAS_7		.522	.794
OAS_8		.605	.780
OAS_3	Errar	.479	.731
OAS_9		.449	.738
OAS_11		.420	.747
OAS_12		.543	.713
OAS_13		.526	.719
OAS_14		.596	.699
OAS_15	Oco	.503	.754
OAS_16		.627	.684
OAS_17		.595	.699
OAS_18		.565	.717

OAS: versão Portuguesa da “Other as Shamer Scale” Consistência Interna da OAS (versão Portuguesa)

O nível da consistência interna escala da OAS ($n= 18$ itens) apresentou um alpha de Cronbach elevado de .90. Quanto às sub-escalas da OAS, os valores de alpha variam entre moderados a elevados, já que a sub-escala da “inferioridade” ($n= 7$ itens) apresentou um alpha de Cronbach de .81, a sub-escala de “errar” apresentou um alpha de Cronbach de .76 ($n= 6$ itens) e a sub-escala “oco” apresentou um alpha de Cronbach de .77 ($n= 4$ itens).

O total da OAS correlaciona-se de forma positiva e estatisticamente significativa com

as três dimensões da escala: “inferioridade” ($r = .935, p < .001$); “oco” ($r = .833, p < .001$) e “errar” ($r = .868, p < .001$).

A correlação entre o total da OAS e a dimensão “inferioridade” apresenta um valor quase igual a 1, o que significa que os “sentimentos de inferioridade” são aqueles que melhor representam a vergonha externa. A dimensão de “inferioridade” da OAS, por sua vez, correlaciona-se de forma positiva e estatisticamente significativa com a dimensão “oco” da OAS ($r = .702, p < .001$) e com a dimensão “errar” da OAS ($r = .713, p < .001$). Mais, a dimensão de “oco” da OAS correlaciona-se de forma positiva e estatisticamente significativa com a dimensão “errar” da OAS ($r = .592, p < .001$). Estes resultados sugerem que a escala apresenta consistência interna.

Estrutura Factorial da OAS (versão Portuguesa)

Seguindo o procedimento de Goss e colegas (1994) com o intuito de reavaliar a estrutura dimensional da escala, procedeu-se a uma análise em componentes principais, seguida de uma rotação varimax com a extracção prévia de três factores para os 18 itens que compõem esta escala. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de .923, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais. Também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(153) = 1554.240, p < .001$].

A solução permitiu extrair três factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 59.479% da variância total (45.928% da variância é explicada pelo factor 1 enquanto 6.955% e 6.595% da variância é explicada pelos factores 2 e 3 respectivamente), reproduzindo totalmente a estrutura encontrada pelos autores da versão original. Deste modo, a análise das saturações dos itens revelou que estes se saturam em três factores diferentes: “inferioridade”; “vazio” e “errar”. De acordo com o que foi observado por Goss e colegas (1994), no nosso estudo o factor 1, denominado de “inferioridade”, é composto pelos itens que medem a percepção do indivíduo de ser visto como sendo inferior aos outros. Este factor é composto pelos itens 1, 2, 4, 5, 6, 7 e 8 que demonstram níveis superiores a .35 indicando, assim, uma boa saturação dos itens nesse factor da mesma forma como foi observado na versão original da escala.

Por outro lado, o factor 2, denominado de “oco”, é composto pelos itens que medem a percepção que os outros nos vêm como sendo incompletos, vazios e insatisfeitos. Este factor é composto pelos mesmos itens encontrados pelos autores da escala original (15, 16, 17 e 18). Todos os itens apresentam índices de saturação elevados.

Por fim, o factor 3, tal como foi observado pelos autores da escala original (Goss e colegas, 1994), é composto por itens que medem como o indivíduo percebe os comportamentos dos outros quando este(a) comete erros, sendo denominado de “errar”. Este factor é composto pelos itens 3, 9, 11, 12, 13 e 14. Mais uma vez todos os itens apresentam índices de saturação no respectivo factor bastante elevados.

No nosso estudo, o item 10, tal como foi observado no estudo de Goss e colegas (1994), apesar de contribuir para a consistência interna da escala, não foi incluído na análise dos componentes principais, já que não se satura acima das pontuações “*cut off*” dos três factores. Concluindo, os estudantes Portugueses tais como os Ingleses apresentam dois tipos de sentimentos de vergonha diferentes, ou seja, ser visto como sendo inferior aos outros é diferente de ser visto como sendo “oco” (Goss e colegas, 1994).

Tabela 19: OAS-Itens correspondentes a factores e respectivas saturações

Itens	Factores		
	1	2	3
OAS_item1	.824	.154	.072
OAS_item2	.653	.368	.304
OAS_item3	.387	.174	.636
OAS_item4	.743	.307	.080
OAS_item5	.565	.379	.419
OAS_item6	.456	.591	.402
OAS_item7	.529	.287	.379
OAS_item8	.519	.605	.278
OAS_item9	.243	.220	.657
OAS_item11	.241	.076	.367
OAS_item12	.123	.223	.741
OAS_item13	.023	.502	.558
OAS_item14	.368	.078	.727
OAS_item15	.293	.645	-.143
OAS_item16	.275	.779	.202
OAS_item17	.166	.681	.346
OAS_item18	.118	.725	.298

Validade da OAS (Versão Portuguesa)

De acordo com os procedimentos de Goss e colegas (1994) e de Allan, Gilbert e Goss (1994) e tendo como objectivos avaliar a validade convergente, discriminante e de construto da escala OAS e analisar a relação entre a vergonha e a depressão, procedeu-se à análise das correlações entre o total da OAS e os totais das sub-escalas da OAS (inferioridade, oco e errar) e os totais de outras escalas que medem sentimentos de vergonha (ESS), comportamentos de submissão (SBS) e índices de psicopatologia (depressão, ansiedade e *stress* – DASS-42).

O total da OAS correlaciona-se positivamente e de forma estatisticamente significativa com as três dimensões da ESS: vergonha do “carácter” ($r = .661, p < .001$); vergonha do “comportamento” ($r = .461, p < .001$) e mais moderadamente com a vergonha “corporal” ($r = .383, p < .001$). As três dimensões da vergonha medida pela OAS também se correlacionam de forma moderada e estatisticamente significativa com as três dimensões da vergonha medida pela ESS. Deste modo, a dimensão “inferioridade” da OAS correlaciona-se moderadamente com a dimensão da vergonha do “carácter” da ESS ($r = .660, p < .001$), com a dimensão da vergonha do “comportamento” da ESS ($r = .495, p < .001$) e apresenta uma correlação mais fraca com a dimensão da vergonha “corporal” da ESS ($r = .420, p < .001$). A dimensão “oco” da OAS também se correlaciona, embora de forma mais fraca do que a dimensão “inferioridade”, com a dimensão da vergonha do “carácter” da ESS ($r = .588, p < .001$), com a dimensão da vergonha do “comportamento” da ESS ($r = .381, p < .001$) e com a dimensão da vergonha “corporal” da ESS ($r = .280, p < .001$). Por fim, a dimensão “errar” apresentou, em comparação com as outras duas dimensões da OAS, as correlações mais fracas com as dimensões da escala ESS. Sendo assim, a dimensão “errar” da OAS correlaciona-se de forma moderada mas estatisticamente significativa com a dimensão da vergonha do “carácter” da ESS ($r = .494, p < .001$), com a dimensão da vergonha do “comportamento” da ESS ($r = .326, p < .001$) e com a dimensão da vergonha “corporal” da ESS ($r = .275, p < .001$).

Quanto à relação entre a vergonha e os índices de psicopatologia, as análises correlacionais demonstram que o total da vergonha externa (OAS) correlaciona-se de forma moderada, mas estatisticamente significativa, com as dimensões da DASS-42: “depressão” ($r = .513$, $p < .001$), “ansiedade” ($r = .513$, $p < .001$) e *stress* ($r = .455$, $p < .001$).

Para além disso e tal como foi observado por Allan e colegas (1994), a dimensão “oco” da OAS apresenta as correlações mais fortes com os índices de psicopatologia da DASS-42: “depressão” ($r = .624$, $p < .001$), “ansiedade” ($r = .462$, $p < .001$) e *stress* ($r = .485$, $p < .001$). Em seguida, a dimensão “inferioridade” também apresenta correlações moderadas mas estatisticamente significativas com as três dimensões da DASS-42: “depressão” ($r = .617$, $p < .001$), “ansiedade” ($r = .411$, $p < .001$) e “*stress*” ($r = .466$, $p < .001$). Por fim, a dimensão “errar” da OAS apresenta as correlações mais fracas com as três dimensões da DASS-42: “depressão” ($r = .447$, $p < .001$), “ansiedade” ($r = .351$, $p < .001$) e *stress* ($r = .423$, $p < .001$). Os resultados sugerem que, de acordo com o que foi observado com uma amostra Inglesa, no nosso estudo com uma amostra Portuguesa, a vergonha externa (OAS) e mais especificamente a vergonha relacionada com a percepção que os outros nos vêem como sendo vazios e insatisfeitos está relacionada com a presença de índices mais elevados de depressão, ansiedade e *stress*.

Tabela 20: Correlações entre as dimensões da vergonha externa OAS (versão Portuguesa) e as dimensões da vergonha interna da ESS (versão Portuguesa)

	OAS_inferioridade	OAS_oco	OAS_errar	OAS_total
OAS_inferioridade		.702(**)	.713(**)	.935(**)
OAS_oco	.702(**)		.592(**)	.833(**)
OAS_errar	.713(**)	.592(**)		.868(**)
OAS_Total	.935(**)	.833(**)	.868(**)	
ESS_carácter	.660(**)	.588(**)	.494(**)	.661(**)
ESS_comportamento	.495(**)	.381(**)	.326(**)	.461(**)
ESS_corporal	.420(**)	.280(**)	.275(**)	.383(**)
DASS42_depressão	.617 (**)	.624 (**)	.447 (**)	.513 (**)
DASS42_ansiedade	.411 (**)	.462 (**)	.351 (**)	.513 (**)
DASS42_stress	.466(**)	.485 (**)	.423 (**)	.455 (**)

OAS: versão Portuguesa da “Other as Shamer Scale”; ESS: versão Portuguesa da Experience of Shame Scale”; SBS: versão Portuguesa da “Submissive Behaviour Scale”; ** $p < .001$

Distribuição das pontuações do AQ (versão Portuguesa) e diferenças entre os sexos

A pontuação mínima para o total da escala AQ é de 42 e a máxima de 114. A distribuição das pontuações totais nesta escala é mesocúrtica, apresentando no entanto um ligeiro “enviesamento” à esquerda (“kurtosis”-.375 e “skewness” .427). O total da escala AQ apresenta uma $M = 72.20$, $DP = 16.1321$. Quanto às sub-escalas do AQ, a pontuação mínima na sub-escala de “agressão física” é de 9 e a máxima de 42, sendo a distribuição das pontuações nesta sub-escala ligeiramente “enviesada” à esquerda (“kurtosis” .888 e “skewness” 1.105). A sub-escala de “agressão física” apresenta uma $M = 18.01$, $DP = 7.291$. Para a sub-escala de “agressão verbal”, a pontuação mínima é de 7 e a máxima de 25, sendo a distribuição das pontuações nesta sub-escala mesocúrtica e “normal” com valores de “kurtosis” e “skewness” baixos (.350 e .347 respectivamente). Esta sub-escala apresenta uma $M = 15.23$, $DP = 13.251$. Por sua vez, a sub-escala de “raiva” apresenta uma pontuação mínima de 10 e uma máxima de 32, sendo a distribuição das pontuações nesta sub-escala mesocúrtica e “normal” com valores de “kurtosis” e “skewness” baixos (-.509 e .322 respectivamente). Esta sub-escala apresenta uma $M = 17.23$, $DP = 5.004$. Por fim, a sub-escala da “hostilidade” apresenta uma pontuação mínima de 8 e uma máxima de 34, sendo a distribuição das pontuações mesocúrtica com um ligeiro en-

viesamento à esquerda (“kurtosis” .-386, “skewness” .377). Esta sub-escala apresenta uma M= 19.50, DP= 5.684.

Os participantes de sexo feminino apresentam as seguintes médias e desvios-padrões para as sub-escalas do AQ e o seu total: M= 71.16, DP= 15.250 (AQ total); M= 16.78, DP= 6.592 (AQ “agressão física”); M= 15.14, DP= 3.238 (AQ “agressão verbal”); M= 19.76, DP= 5.005 (AQ “raiva”) e M= 19.46, DP= 5.403. Por sua vez, os participantes de sexo masculino do nosso estudo apresentam uma M= 75.23, DP= 18.336 (AQ total); M= 21.59; DP= 7.739 (AQ “agressão física”); M= 15.50, DP= 3.314 (AQ “agressão verbal”); M= 18.57, DP= 4.278 (AQ “raiva”) e M= 19.61, DP= 6.506. Os resultados sugerem que os indivíduos de sexo masculino, no nosso estudo, são geralmente mais agressivos que os indivíduos de sexo feminino, sendo a única diferença estatisticamente significativa entre os sexos para os índices de “agressão física” em que os homens pontuam significativamente acima das mulheres ($t(336) = 3.602, p = .001$).

Estudo dos itens do AQ e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa)

Como se pode constatar no quadro abaixo, no geral os itens pertencentes a cada sub-escala apresentam correlações com o total acima dos .30, sendo os itens da sub-escala de “agressão verbal” que apresentam as correlações mais baixas (entre .32 e .36), visto que esta sub-escala é a que apresenta menos consistência interna numa amostra de estudantes Portugueses.

Tabela 21: Correlações item-total e Alpha de Cronbach se o item for retirado para os itens do AQ e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa)

Itens	Sub-escalas	r-item total	Alpha de Cronbach (sem o item)
AQ_1	Agressão Física	.649	.851
AQ_6		.765	.839
AQ_12		.554	.860
AQ_16		.506	.863
AQ_18		.597	.856
AQ_21		.489	.865
AQ_24		.653	.852
AQ_27		.696	.846
AQ_29		.558	.861
AQ_2	Agressão verbal	.363	.441
AQ_5		.339	.457
AQ_11		.362	.438
AQ_14		.355	.506
AQ_22		.322	.544
AQ_3	Raiva	.605	.788
AQ_8		.400	.820
AQ_10		.579	.794
AQ_13		.366	.825
AQ_19		.635	.783
AQ_20		.656	.779
AQ_25	Hostilidade	.683	.775
AQ_4		.321	.774
AQ_7		.501	.742
AQ_9		.583	.728
AQ_15		.408	.758
AQ_17		.476	.747
AQ_23		.391	.761
AQ_26	.663	.716	
AQ_28	.476	.747	

AQ: versão Portuguesa do “Aggression Questionnaire”

Consistência Interna do AQ e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa)

Ao nível da consistência interna escala do AQ (n= 29 itens) apresentou um alpha de Cronbach elevado de .90. Quanto às sub-escalas do AQ, os valores de alpha variam entre moderados a elevados, já que a sub-escala da “agressão física” (n= 9 itens) apresentou um alpha de Cronbach de .87, a sub-escala de “agressão verbal” apresentou um alpha de Cronbach de .63 (n= 5 itens), a sub-escala “raiva” apresentou um alpha de Cronbach de .82 (n= 7 itens) e a sub-escala de “hostilidade” apresentou um alpha de Cronbach de .77 (n= 8 itens).

O total do AQ correlaciona-se de forma positiva e estatisticamente significativa com as quatro dimensões da escala: “agressão física” (r= .851, p<.001); “agressão verbal” (r= .574, p<.001), “raiva” (r= .798, p<.001) e “hostilidade” (r= .752, p<.001).

32

Estes resultados sugerem que a escala apresenta consistência interna. Em concordância com o que foi observado pelos autores originais da escala (Buss e Perry, 1992), o nosso estudo apresentou correlações positivas e significativamente elevadas entre as sub-escalas da “raiva” e “agressão física” (r= 0.53 p<0.001) e “agressão verbal” (r= .44, p<.001) e a “hostilidade” (r= 0.49, p<0.001). Logo, a “raiva” parece ser o factor em comum e a “ponte” entre a “agressão física”, “agressão verbal” e a “hostilidade”. A sub-escala de “agressão física” apresenta, por sua vez, correlações positivas e de magnitude elevada com a “agressão verbal” (r= .39, p<.001) e com a “hostilidade” (r= .48, p<.001). As sub-escalas de “agressão verbal” e “hostilidade” apresentam a correlação mais fraca de todas, sendo no entanto estatisticamente significativa (r= .19, p= .014).

Estrutura factorial do AQ (versão Portuguesa)

De acordo com o procedimento de Buss e Perry (1992) e com o intuito de reavaliar a estrutura dimensional da escala procedeu-se a uma análise em componentes principais seguida de uma rotação varimax com a extracção prévia de quatro factores para os 29 itens que compõem esta escala. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de .845, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais, assim como também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(430)= 2019.436$, p<.001].

A solução permitiu extrair quatro factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 50.024% da variância total (28.144% da variância é explicada pelo factor 1, enquanto 8.574%, 7.875% e 5.443 % da variância é explicada pelos factores 2,3 e 4 respectivamente), reproduzindo parcialmente a estrutura encontrada pelos autores da versão original. Embora, pelas saturações dos itens, se tenha encontrado quatro factores diferentes – agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade – existem algumas divergências em relação à versão americana.

Deste modo, o factor 1 é composto pelos itens que avaliam comportamentos de “agressão física” como “entrar em lutas”, etc. Este factor é composto pelos itens 1,6,12,16,18,21,24,27 e 29.

No entanto o item 21 “há pessoas que me irritaram tanto que entramos em conflito” satura-se no factor de “raiva” enquanto na versão original está incluído no factor “agressão física”. Isto quer dizer que, numa amostra Portuguesa, este tipo de situação não está tão relacionado com comportamentos de agressão física mas com sentimentos de raiva, ou seja, o conflito poderá não levar ao confronto físico.

O factor 2 é composto por itens que avaliam sentimentos de “raiva”. Este factor inclui os itens 3,8,10,13,19,20,25 tal como foi obtido no nosso estudo. No nosso estudo, porém, os

itens 4 e 5 saturam-se neste factor, enquanto no estudo original o item 4 está incluído no factor de “hostilidade” e o 5 está incluído no factor “agressão verbal”.

O factor 3, por sua vez, inclui itens sobre sentimentos de hostilidade, ressentimento e desconfiança dos outros, sendo denominado de “hostilidade”. Este factor inclui os itens 4,7,9,15,17,23,26,28. Excepto o item 4, todos os outros itens saturam-se no factor “hostilidade” tal como foi observado no estudo original.

Por último, o factor 4 é constituído por itens que medem comportamentos de “agressão verbal”. Tal como foi observado no estudo original, os itens 2,11,14,22 saturam-se neste factor, exceptuando o item 5 que, como já foi dito, saturou-se no factor “raiva”. Concluindo, no geral, no nosso estudo com uma amostra Portuguesa, os itens apresentam bons índices de saturação acima dos .35, saturando-se nas respectivos factores, tal como foi observado no estudo original.

Tabela 22: AQ-Itens correspondentes a factores e respectivas saturações

Itens	Factores			
	1	2	3	4
AQ_item1	.609	.326	.144	-.133
AQ_item2	-.032	.163	-.151	.728
AQ_item3	.091	.686	.156	.098
AQ_item4	-.028	.580*	.206	-.212
AQ_item5	.086	.539*	.016	.114
AQ_item6	.792	.198	.094	.031
AQ_item7	.012	.227	.578	-.306
AQ_item8	.040	.597	-.036	.140
AQ_item9	-.069	.330	.681	-.071
AQ_item10	.119	.614	.274	-.031
AQ_item11	.130	.303	.029	.648
AQ_item12	.598	.156	.107	.387
AQ_item13	-.340	.488	-.074	-.310
AQ_item14	.117	.092	.035	.466
AQ_item15	.126	.372	.443	.020
AQ_item16	.546	.282	.168	-.354
AQ_item17	.156	.088	.649	-.077
AQ_item18	.727	.001	.069	.204
AQ_item19	.314	.562	.327	-.092
AQ_item20	.433	.639	.032	-.181
AQ_item21	.391	.599*	.062	.342
AQ_item22	.136	.278	.000	.395
AQ_item23	.352	-.042	.551	.184
AQ_item24	.749	.092	.212	-.068
AQ_item25	.330	.666	.145	-.032
AQ_item26	.199	.097	.795	-.045
AQ_item27	.773	.108	.221	-.142
AQ_item28	.305	.029	.617	.039
AQ_item29	.551	.282	.220	-.058

Validade do AQ (versão Portuguesa)

Procederam-se a análises correlacionais entre as dimensões do AQ e índices de psicopatologia (sintomas de depressão, ansiedade e *stress* da DASS-42) e reacções emocionais diferentes (ansiedade *versus* raiva) perante a crítica (SPD), com o intuito de analisar a validade convergente, discriminante e de construto das sub-escalas do AQ e o seu total. Como se pode observar no quadro em baixo, as dimensões de “agressão física” e “agressão verbal” apresentam correlações negativas e fracas com a dimensão de “ansiedade” perante a crítica pessoal (SPD) ($r = -.092$, $p = .44$ e $r = -.092$, $p = .42$ respetivamente). Por outro lado, as dimensões da “raiva” e da “hostilidade” apresentam correlações positivas e, não sendo significativas estatisticamente, com a “ansiedade” perante a crítica pessoal (SPD) ($r = .078$, $p = .324$ e $r = .052$, $p = .509$ respetivamente). No entanto, todas as dimensões do AQ apresentam correlações positivas, apresentando magnitudes fracas a moderadas com a dimensão “raiva” perante a crítica da SPD, sendo as únicas correlações significativas estatisticamente entre a dimensão da “raiva” do AQ e a “raiva” perante a crítica do SPD ($r = .201$, $p = .010$) e entre a dimensão da “hostilidade” do AQ e a “raiva” perante a crítica do SPD ($r = .165$, $p = .034$).

Relativamente à associação entre as dimensões do AQ e índices de psicopatologia, pode-se observar que todas as dimensões do AQ se correlacionam de forma positiva e com magnitudes moderadas a elevadas com as dimensões de depressão, ansiedade e *stress* (DASS-42). Deste modo, as correlações entre a “depressão” e as dimensões do AQ são positivas, sendo a mais fraca entre a “depressão” e a “agressão verbal”, que não atinge significância estatística, e a mais forte entre a “depressão” e a “hostilidade”. Logo as correlações entre a “depressão” e as dimensões do AQ são as seguintes: “agressão física” ($r = .206$, $p = .008$); “agressão verbal” ($r = .115$, $p = .114$); “raiva” ($r = .223$, $p = .004$) e “hostilidade” ($r = .458$, $p < .001$); total do AQ ($r = .343$, $p < .001$). Da mesma forma, as correlações entre a dimensão de “ansiedade” (DASS-42) e as dimensões do AQ são positivas e de magnitude moderada: “agressão física” ($r = .213$, $p = .006$); “agressão verbal” ($r = .252$, $p = .001$); “raiva” ($r = .259$, $p < .001$); “hostilidade” ($r = .342$, $p < .001$) e total do AQ ($r = .344$, $p < .001$). Por fim, as correlações entre a dimensão de *stress* (DASS-42) e as dimensões do AQ apresentam as magnitudes mais elevadas de todas, visto que o *stress* correlaciona-se significativamente com a “agressão física” ($r = .243$, $p = .002$) e a “agressão verbal” ($r = .259$, $p = .001$) e apresenta as correlações mais elevadas com a “raiva” ($r = .491$, $p < .001$) e com a “hostilidade” ($r = .415$, $p < .001$). Sendo assim, pode-se argumentar que o AQ mede efectivamente sentimentos de raiva e as suas dimensões de agressão física e verbal, raiva e hostilidade associam-se significativamente aos índices de psicopatologia, especialmente aos níveis de *stress*.

Tabela 23: Correlações entre as dimensões de agressividade traço do AQ e as dimensões de psicopatologia da DASS-42 e as dimensões de ansiedade *versus* raiva perante a crítica da SPD

	AQ agressão física	AQ agressão verbal	AQ raiva	AQ hostilidade	AQ total
AQ agressão física		.386**	.527**	.480**	.851**
AQ agressão verbal	.386**		.442**	.191*	.574**
AQ raiva	.527**	.442**		.490**	.798**
AQ hostilidade	.480**	.191*	.490**		.752**
AQ total	.851**	.574**	.798**	.752**	
SPD ansiedade	-.092	-.092	.078	.052	-.017
SPD raiva	.109	.079	.201**	.165*	.183*
DASS42 depressão	.206**	.115	.223**	.458**	.343**
DASS42 stress	.243**	.259**	.491**	.415**	.454**
DASS42 ansiedade	.213**	.252**	.259**	.342**	.344**

AQ: versão Portuguesa do “Aggression Questionnaire”; SPD: versão Portuguesa da “Sensitivity to Put Down Scale”; DASS-42: versão Portuguesa das “Depression Anxiety Stress Scales”; ** $p < .005$; * $p < .050$

Distribuição das pontuações para as dimensões da SPD (versão Portuguesa) e diferenças entre os sexos

A média para o total da sub-escala da “ansiedade/transtorno” do SPD foi de $M= 54.20$ com $DP= 21.241$, com uma pontuação mínima de 3 e uma máxima de 88 (numa variação possível de 20-100). Isto quer dizer que, em média, os participantes demonstraram terem níveis médios ligeiramente altos de ansiedade. Aliás, para a maioria dos itens, os participantes respondem na sua maioria “Mais ou menos” a “Bastante”, por vezes “pouquíssimo” e muito raramente “nem um pouco”. Aliás, a distribuição das pontuações é normal mas ligeiramente “enviesada” para a direita, dado o facto das pontuações serem elevadas para esta sub-escala com uma “kurtosis” de -0.267 e uma “skewness” de -0.716 .

As mulheres da nossa amostra apresentam índices significativamente mais elevados de “ansiedade”, perante a crítica e humilhação pessoal ($M= 54.63$, $DP= 23.552$), do que os homens ($M= 43.24$, $DP= 25.166$), sendo a diferença entre os dois sexos estatisticamente significativa ($t(336)= 2.550$, $p= .013$).

A média para o total da sub-escala da “raiva/irritação” do SPD foi de $M= 62.52$ com $DP= 16.123$, com uma pontuação mínima de 20 e uma máxima de 94 (numa variação possível entre 20 e 100). Isto quer dizer que os participantes em média pareciam demonstrar estar irritados(as) com as situações sociais que lhes eram apresentadas. Aliás, para cada item, a maioria dos participantes tende a escolher “mais ou menos” e “bastante” chegando, por vezes, a escolher, e principalmente nos últimos itens (exemplo item 15 “Não ser tratado com respeito” e item 19 “Alguém fazer pouco de si em público”), a opção de “extremamente” irritado(a). Sendo assim, as pontuações nesta escala parecem ser bastante altas, logo a distribuição das pontuações nesta escala é normal mas ligeiramente “enviesada” para a direita na curva de Gauss, com uma “kurtosis” -0.073 e uma “skewness” de -0.648 . As mulheres da nossa amostra também apresentam índices significativamente mais elevados de “raiva” perante a crítica e humilhação pessoal ($M= 64.80$, $DP= 15.135$) do que os homens ($M= 57.16$, $DP= 16.651$), sendo a diferença entre os dois sexos estatisticamente significativa ($t(336)= 2.625$, $p= .011$).

Quanto à sub-escala de “culpar a si próprio” (*auto-culpa*) do SPD, a média para o total foi de $M= 38.87$ com $DP= 17.811$, com uma pontuação mínima de 2 e uma máxima de 90 (numa variação possível entre 20 a 100). No geral, a maioria dos participantes não parece culpar-se a si próprio pelas situações que são expostas; aliás, para cada um dos itens e em média, os participantes tendem a escolher entre as opções de “nem um pouco”, “pouquíssimo” e “pouco”, raramente escolhendo “bastante”. A distribuição das pontuações nesta escala é normal e mesocúrtica. Mais uma vez, as mulheres da nossa amostra apresentam níveis significativamente mais elevados de “culpar a si próprio” (auto-culpa) perante a crítica pessoal ($M= 39.43$, $DP= 19.656$) do que os homens ($M= 34.14$, $DP= 18.530$). A diferença entre os dois sexos não era suficientemente forte para atingir significância estatística ($t(336)= 1.560$, $p= .123$).

Por fim, a sub-escala de “culpar os outros” (*hetero-culpa*) do SPD demonstrou uma $M= 60.30$ com um $DP= 20.182$ e com uma pontuação mínima de 10 e uma máxima de 100 (numa variação possível entre 20-100). Isto quer dizer que esta amostra demonstrou uma tendência para em média culpar os outros pelas situações que lhes eram apresentadas, pois esta apresenta pontuações elevadas e acima da média esperada para o total da escala ($M= 50$). Aliás, em média, os participantes tendem a escolher para os itens as opções “mais ou menos” e “bastante”, chegando mesmo nalguns itens, como no item 12 “As pessoas deitarem-no(a) abaixo por trás das suas costas” e no item 15 “não ser tratado com respeito”, a culparem completamente os outros.

Sendo assim, a distribuição das pontuações nesta escala é normal com uma ligeira tendência para estar “enviesada” para a direita na curva de Gauss, dado o facto das pontuações tenderem a ser elevadas, com uma “kurtosis” de -0.6 e uma “skewness” de -0.63. As mulheres apresentam por fim níveis significativamente mais elevados de “culpar os outros” (*hetero-culpa*) perante a crítica pessoal (M= 62.64, DP= 19.587) do que os homens (M= 54.57, DP= 19.114), sendo a diferença entre os dois sexos estatisticamente significativa ($t(336) = 2.585, p = .012$).

Análise das correlações das sub-escalas da SPD (versão Portuguesa)

36

Tal como se pode constatar pelo quadro das correlações entre as sub-escalas do SPD, a sub-escala da “ansiedade/transtorno” correlaciona-se de forma moderada e estatisticamente significativa com a sub-escala “culpar a si próprio” ($r = 0.55, p < 0.001$; 0.57 na versão original da escala), logo a seguir com a sub-escala da “raiva/irritação” ($r = 0.51, p < 0.001$; 0.62 na versão original da escala) e, por último, correlaciona-se positivamente mas de forma menos significativa com a sub-escala de “culpar os outros” ($r = 0.42, p < 0.001$; 0.090 na versão original da escala). Este resultado está de acordo com o que foi obtido pelos autores da escala original (Gilbert e Miles, 2000) que afirmaram que a ansiedade perante críticas pessoais está relacionada com o afecto negativo e uma auto-estima baixa, que poderá levar a que a pessoa se culpe a si própria.

O total da sub-escala da “raiva/irritação” está correlacionado de forma estatisticamente significativa com o total da sub-escala de “culpar os outros” ($r = 0.55, p < 0.001$), ou seja, quanto mais irritado o indivíduo fica ao ser criticado (a), maior a tendência para culpar o outro. Aliás, esta escala encontra-se menos correlacionada com a escala de se “culpar a si próprio” ($r = 0.32, p < 0.001$), embora a correlação seja significativa, o que indica que a irritação está mais associada à tendência de culpar os outros do que a se culpar a si próprio. Mais uma vez este resultado está de acordo com o que foi observado por Gilbert e Miles (2000).

A escala de se “culpar a si próprio” correlaciona-se de uma maneira muito fraca com a escala de “culpar os outros” ($r = 0.19, p < 0.05$; $r = -0.15$ no estudo original da escala). Isto seria de esperar, já que as duas são o oposto uma da outra. Teoricamente tal como foi observado por Gilbert e Miles (2000) esperava-se que os participantes que se culpam a si próprios não culpariam os outros e vice-versa. Esta correlação no entanto é significativa ao nível de $p < 0.05$.

Como se seria de esperar, o total da escala de se “culpar a si próprio” correlaciona-se de forma moderada e estatisticamente significativa com o total da escala da “ansiedade/transtorno”. Logo, há uma tendência para os indivíduos mais ansiosos de se culparem a si próprios. Por outro lado, os indivíduos mais irritados e zangados têm a tendência de culparem mais os outros. Em conclusão os resultados da nossa amostra sugerem, de acordo com os estudos com populações Inglesas cujas amostras continham indivíduos deprimidos clinicamente (Gilbert, Irons, Olsen, Gilbert & MckEwan, 2006) ou indivíduos sem historial de perturbações psicológicas (Gilbert e Miles, 2000), que a raiva está significativamente associada à hetero-culpabilização, i.e., a culpar os outros pelas críticas.

Tabela 24: Correlações entre SPD ansiedade, SPD raiva/irritação; SPD culpar a si próprio e SPD culpar os outros

	SPD ansiedade/ transtorno	SPD raiva/irritação	SPD Culpar a si próprio	SPD Culpar os outros
SPD ansiedade/transtorno	-----	0.50**	0.54**	0.42**
SPD raiva/irritação	0.50**	-----	0.32**	0.55**
SPD Culpar a si próprio (autoculpa)	0.54**	0.32**	-----	0.19*
SPD Culpar os outros (heteroculpa)	0.42**	0.55**	0.19*	-----

SPD: versão Portuguesa da “Sensitivity to Put Down” Scale ** $p < 0.01$ * $p < 0.05$

Análise da Fidelidade e da Consistência interna da SPD e das suas sub-escalas (versão Portuguesa)

Quanto à consistência interna das sub-escalas do SPD, para a sub-escala da “ansiedade/transtorno” o alfa de Cronbach foi de $\alpha = 0.94$ com 20 itens ($\alpha = 0.92$ na versão original da escala). Este valor é bastante alto, o que demonstra que a escala é consistente e fiável, sendo perfeitamente adaptada ao contexto de uma amostra portuguesa de estudantes.

Relativamente à consistência interna da sub-escala da “raiva/irritação” o alfa de Cronbach foi de $\alpha = 0.94$ com 20 itens ($\alpha = 0.91$ na versão original da escala). Mais uma vez, este valor é bastante alto, o que demonstra que esta sub-escala é consistente e mede o que pretende medir, que são os níveis de irritação dos participantes, sendo perfeitamente adequada para uma amostra estudantil Portuguesa.

A sub-escala de “culpar a si próprio” (auto-culpa) mostrou, por sua vez, um alfa de Cronbach de $\alpha = 0.93$ em com 20 itens ($\alpha = 0.91$ na versão original da escala). Este valor também é bastante alto, o que demonstrou, tal como no caso das sub-escalas anteriores, que esta sub-escala é consistente e fiável, sendo perfeitamente adequada para uma amostra estudantil Portuguesa.

Por último, a sub-escala de “culpar os outros” (hetero-Culpa) mostrou um alfa de Cronbach de $\alpha = 0.95$ com 20 itens ($\alpha = 0.90$ na versão original da escala). Mais uma vez, este valor também é bastante alto, o que demonstrou que esta sub-escala é extremamente consistente e fiável, sendo adequada para uma amostra estudantil Portuguesa.

Para o total dos itens de ambas as sub-escalas da ansiedade/transtorno e de raiva/irritação (a) o alfa de Cronbach foi de $\alpha = 0.96$ com 40 itens enquanto o total dos itens de ambas as sub-escalas de “culpar a si próprio” e de “culpar os outros” obteve um alfa de Cronbach de $\alpha = 0.93$ com 40 itens. Ambos os alfas são bastante elevados, revelando mais uma vez a consistência interna dos itens das escalas. No geral, os alfas de Cronbach das sub-escalas da SPD numa amostra Portuguesa são bastante elevados e semelhantes àqueles obtidos na amostra Inglesa. Logo, a SPD demonstra fiabilidade psicométrica no contexto Português.

Validade da SPD (versão Portuguesa)

Utilizou-se o procedimento dos autores originais da escala da SPD (Gilbert e Miles, 2000), para analisar a validade convergente da SPD, fazendo-se, assim, a análise da relação entre a medida da SPD que mede a sensibilidade pessoal à humilhação com medidas de psicopatologia.

Os sentimentos de ansiedade e transtorno relativo à humilhação pessoal estavam relacionados com sintomas de stress (DASS-42) (correlação positiva mas fraca $r = .146$, $p = .063$). Por outro lado, sentimentos de irritação face à humilhação pessoal estavam relacionados de forma moderada, mas estatisticamente significativa, com os componentes da agressividade-traço, como “raiva” (AQ) ($r = .201$, $p = .010$) e a “hostilidade” (AQ) ($r = 1.65$, $p = .034$) e com índices de stress (DASS-42) ($r = .204$, $p < .001$). Os sentimentos de irritação também estavam relacionados com índices de “depressão” ($r = .131$, $p = .093$) e de “ansiedade” (DASS-42) ($r = .144$, $p = .066$) embora isso não fosse estatisticamente significativo. Mais, “culpar-se a si próprio” pelas críticas e humilhação correlaciona-se de forma negativa com o componente da “agressividade física” do AQ ($r = -.161$, $p = .040$). “Culpar-se a si próprio” correlaciona-se de forma positiva e moderada com os três índices de psicopatologia do DASS-42: “depressão” ($r = .159$, $p = .042$); “ansiedade” ($r = .189$, $p = .015$) e stress ($r = .241$, $p = .001$) e com a vergo-

nha externa (OAS) ($r = .249, p = .001$). Estes resultados estão de acordo com o que foi observado por Gilbert e Miles (2000), demonstrando, assim, que a auto-culpa está relacionada com a vergonha externa e com índices de psicopatologia. Por outro lado, “culpar os outros” (hetero-culpa) correlaciona-se de forma negativa e fraca com o índice de “depressão” da DASS-42 ($r = -.158, p = .046$) e parece correlacionar-se de forma negativa embora não fosse estatisticamente significativo com a vergonha externa (OAS) ($r = -.104, p = .189$). Mais uma vez estes resultados são similares aos resultados de Gilbert e Miles (2000), sugerindo que a amostra Portuguesa apresenta resultados semelhantes à amostra Inglesa.

Tabela 25: Correlações entre as dimensões de ansiedade *versus* raiva e de auto-culpa *versus* heteroculpa da SPD e as dimensões da agressividade do AQ e as dimensões de psicopatologia da DASS-42 e a vergonha externa medida pela OAS

	SPD_raiva	SPD_autoculpa	SPD_heteroculpa	SPD_ansiedade
SPD_raiva		.274(**)	.552(**)	.341(**)
SPD_autoculpa	.274(**)		.174(*)	.570(**)
SPD_heteroculpa	.552(**)	.174(*)		.384(**)
SPD_ansiedade	.341(**)	.570(**)	.384(**)	
AQ_agressão física	.109	-.161(*)	-.015	-.092
AQ_agressão verbal	.079	-.117	.102	-.092
AQ_raiva	.201(*)	-.010	.091	.078
AQ_hostilidade	.165(*)	.086	-.021	.052
DASS42_depressão	.131	.159(*)	-.158(*)	-.062
DASS42_stress	.204(**)	.241(**)	.011	.146
DASS42-ansiedade	.144	.189(*)	-.090	.010
OAS_total	.032	.249(**)	-.104	.034

Versões Portuguesas do SPD “Sensitivity to Put Down Scale”; OAS “Other as Shamer Scale”; DASS-42 “Depression Anxiety Stress Scales”; AQ “Aggression Questionnaire” ** $p < 0.005$, * $p < 0.05$

Validade de construto da SPD (versão Portuguesa)

Da mesma forma que os autores da escala original da SPD e com o intuito de analisar a validade de construto das dimensões da SPD e de compreender melhor a relação entre as variáveis de afecto (ansiedade *versus* raiva da SPD) e atribuição de culpa enquanto criticado(a) e humilhado (i.e. auto-culpa, hetero-culpa da SPD) com sintomas de afecto negativo (DASS-42), índices de vergonha (OAS) e traços e comportamentos de agressividade (AQ), procedeu-se a uma análise em componentes principais seguida de uma rotação varimax com a extracção prévia de três factores. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de .717, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais, assim como também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(45) = 759.290, p < .001$].

A análise de componentes principais incluiu as seguintes variáveis: sub-escalas da SPD; as sub-escalas do AQ (agressão física; agressão verbal; raiva e hostilidade); as sub-escalas da DASS-42 (depressão, ansiedade e *stress*) e a vergonha externa (OAS). A solução permitiu extrair três factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 69.879% da variância total (36.955% da variância é explicada pelo factor 1, enquanto 21.282% e 11.642% da variância é explicada pelos factores 2 e 3 respectivamente), reproduzindo totalmente a estrutura encontrada pelos autores da versão original.

Tabela 26: Itens das escalas da SPD, OAS, DASS-42 e AQ (versões Portuguesas) correspondentes a factores e respectivas saturações

Variáveis	Factores		
	1	2	3
SPD_raiva	.064	.229	.740
SPD_ansiedade	.077	-.158	.798
SPD_autoculpa	.351	-.366	.639
SPD_heteroculpa	-.242	.203	.747
OAS_total	.802	.040	.002
DASS42_depressão	.895	.078	-.061
DASS42_stress	.796	.272	.171
DASS42_ansiedade	.815	.148	.017
AQ_agressão física	.207	.766	-.064
AQ_agressão verbal	.035	.727	.002
AQ_raiva	.295	.744	.161
AQ_hostilidade	.587	.447	.064

SPD "Sensitivity to Put Down Scale"; OAS "Other as Shamer Scale"; DASS-42 "Depression Anxiety Stress Scales"; AQ "Aggression Questionnaire"

Os resultados estão de acordo com o que foi obtido por Gilbert e Miles (2000). Como se pode constatar, as variáveis que medem psicopatologia do âmbito das "neuroses" como os índices de "depressão", "ansiedade" e "stress" (DASS-42) e o componente da "hostilidade" do AQ saturam-se no factor 1 que Gilbert e Miles apelidaram de factor de "negatividade geral" ou factor "neurótico".

Por outro lado, as variáveis que medem a agressividade como traço, comportamento e atitude (AQ) constituem um factor independente (factor 2) que, segundo Gilbert e Miles (2000), representa um tipo de *coping* de "exteriorização" em comparação com o *coping* de "interiorização" do factor 1 que representa os aspectos negativos do *self* (a vergonha pessoal e a depressão).

Por fim, o factor 3 engloba todas as variáveis da SPD desde "ansiedade/transtorno" *versus* "raiva/irritação" a "culpar-se a si próprio" (auto-culpa) *versus* "culpar os outros" (hetero-culpa). Deste modo, e de acordo com o que foi observado por Gilbert e Miles (2000), este factor é constituído pelos sentimentos que as pessoas têm quando atribuem a culpa da humilhação pessoal, sendo, assim, um domínio separado dos outros que não pode ser simplesmente atribuído a um factor "neurótico".

Distribuição das pontuações da ELES e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa) e diferenças entre os sexos

A distribuição das pontuações do total da ELES apresenta um "enviesamento" à esquerda, sendo os valores de "kurtosis" de .538 e de "skewness" de .971 o que indica uma predominância de pontuações baixas. O total da ELES apresenta, assim, a pontuação mínima de 17 e a máxima de 60 e uma $M = 30.25$, $DP = 9.557$. A sub-escala "ameaça" da ELES, por sua vez, apresenta uma distribuição das suas pontuações com um "enviesamento" pronunciado à esquerda e com uma curva mais "achatada" que a distribuição "normal" em forma de sino, logo os valores de "kurtosis" e "skewness" são bastante altos (3.202 e 1.696 respectivamente). A pontuação mínima para esta sub-escala é de 7 e a máxima de 31, sendo a $M = 11.097$, $DP =$

4.7539. A sub-escala “submissão” da ELES apresenta também uma distribuição das pontuações com um ligeiro “enviesamento” à esquerda (“kurtosis” $-.376$ e “skewness” $.697$). A pontuação mínima desta sub-escala é de 6 e a máxima de 24, sendo a $M= 11.82$, $DP= 4.318$. Por fim, a sub-escala “(des)valorização” apresenta uma distribuição das pontuações mesocúrtica (“kurtosis” $-.020$ e “skewness” $.560$), sendo a pontuação mínima de 3 e a máxima de 15 e apresentando um $M= 7.33$, $DP= 7.835$. Não se registaram diferenças entre os sexos para o total da ELES (sexo feminino: $M= 30.19$, $DP= 10.552$; sexo masculino: $M= 30.42$, $DP= 8.067$; $t(336) = -.149$, $p= .882$) e para as suas dimensões: “ameaça” (sexo feminino: $M= 11.12$, $DP= 4.996$; sexo masculino: $M= 11.02$, $DP= 4.015$; $t(336) = .128$, $p= .898$); “submissão” (sexo feminino: $M= 11.93$, $DP= 4.467$; sexo masculino: $M= 11.50$, $DP= 3.877$; $t(163) = .603$, $p= .548$) e “(des)valorização” (sexo feminino: $M= 7.13$, $DP= 2.820$; sexo masculino: $M= 7.90$, $DP= 2.620$; $t(336) = -1.605$, $p= .113$).

Estudo dos itens da ELES e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa)

Como se pode constatar no quadro abaixo, os itens das sub-escalas da ELES apresentam correlações de magnitude elevada com o total, sendo superiores a $.35$. O total da escala da ELES apresenta correlações positivas e de magnitude elevada com as suas dimensões: “ameaça” ($r= .887$, $p<.001$); “submissão” ($r= .873$, $p<.001$) e “(des)valorização” ($r= .708$, $p<.001$), o que indica uma boa consistência interna da escala e respectivas sub-escalas.

Tabela 27: Correlações item-total e alpha de Cronbach sem o item para os itens das sub-escalas da ELES (versão Portuguesa)

Itens		r item-total	Alpha de Cronbach (sem o item)
ELES_4	Ameaça	.507	.846
ELES_8		.534	.833
ELES_11		.717	.804
ELES_13		.710	.809
ELES_14		.699	.808
ELES_15		.677	.811
ELES_16		.435	.846
ELES_1	Submissão	.604	.759
ELES_2		.623	.754
ELES_3		.634	.751
ELES_5		.517	.780
ELES_10		.566	.769
ELES_12		.396	.802
ELES_6	(Des)valorização	.451	.684
ELES_7		.605	.505
ELES_9		.507	.629

ELES: Versão Portuguesa da “Early Life Experiences Scale”

Estrutura factorial da ELES (versão Portuguesa)

Seguindo o procedimento de Gilbert e colegas (2003) tendo como objectivo o de reavaliar a estrutura dimensional da escala, procedeu-se a uma análise em componentes principais seguida de uma rotação varimax com a extracção prévia de três factores para os 16 itens que compõem esta escala. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de $.864$, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais, assim como também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(120) = 1105.408$, $p<.001$].

A solução permitiu extrair três factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 57.389% da variância total (38.937% da variância é explicada pelo factor 1, enquanto

10.525% e 7.936% da variância é explicada pelos factores 2 e 3 respectivamente), reproduzindo a estrutura encontrada pelos autores da versão original. Deste modo, a análise das saturações dos itens revelou que estes se saturam em três factores diferentes: “ameaça”; “submissão” e “(des)valorização”. O factor 1 denominado de “ameaça” é composto pelos itens que avaliam recordações de infância de um ambiente familiar “perigoso” em que os comportamentos dos pais eram percebidos como uma ameaça. Este factor é composto pelos itens 4,8,11,13,14,15 e 16 que demonstram níveis superiores a .35 indicando, assim, uma boa saturação dos itens nesse factor da mesma forma como foi observado na versão original da escala. Mais, o item 16, que foi acrescentado à escala, apresenta um índice de saturação de .655, o que indica que este item faz parte da sub-escala da “ameaça” e mede efectivamente comportamentos de “ameaça” percebida como o assédio sexual.

Por outro lado, o factor 2 denominado de “submissão” é composto pelos itens que medem recordações de infância em que a pessoa se sentiu uma subordinada dos próprios pais e adoptou comportamentos de submissão perante os pais e familiares de modo a evitar conflitos. Este factor é composto pelos mesmos itens 1,2,3,5,10 e 12 encontrados pelos autores da escala original. Todos os itens apresentam índices de saturação elevados demonstrando que medem comportamentos de subordinação. Por último, o factor 3 tal como foi observado pelos autores da escala original (Gilbert e colegas, 2003) é composto por itens que medem recordações de infância mais positivas em que o indivíduo lembra ter-se sentido (a) aceite e apreciado(a) pelos pais. Este factor é composto pelos itens 6,7 e 9. Os índices de saturação são bastante elevados, o que revelou que estes itens medem efectivamente recordações positivas da infância em família, demonstrando um estilo familiar de cooperação e aceitação do outro, ao contrário dos outros itens que abordam memórias negativas do ambiente familiar.

Tabela 28: ELES- Itens correspondentes a factores e respectivas saturações

Itens	Factores		
	1	2	3
ELES_item1	.066	.704	.180
ELES_item2	.311	.697	.098
ELES_item3	.141	.759	.128
ELES_item4	.563	.375	.136
ELES_item5	.104	.720	.027
ELES_item6	.156	-.050	.837
ELES_item7	.279	.284	.703
ELES_item8	.460	.393	.190
ELES_item9	.018	.460	.659
ELES_item10	.419	.504	.275
ELES_item11	.693	.340	.233
ELES_item12	.355	.525	-.051
ELES_item13	.824	.174	.177
ELES_item14	.773	.165	.163
ELES_item15	.766	.179	.101
ELES_item16	.655	-.018	.052

Consistência interna da ELES e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa)

Na versão original, os alphas de Cronbach foram de .92 para o total da escala; e .89, .85, e .71 para os factores “ameaça”, “submissão” e “(des)valorização”, respectivamente. O nosso es-

tudo apresenta alphas de Cronbach com valores elevados e semelhantes aos obtidos pelos autores da escala original (α .88, .89, .80, e .70, respectivamente).

Validade da ELES (versão Portuguesa)

Procederam-se a análises correlacionais entre as dimensões da ELES e o seu total, as dimensões do BVQ e o seu total, o total da OAS (i.e. vergonha externa); o total da SBS (i.e. comportamentos de submissão); o total da ESS (i.e. vergonha interna) e as suas dimensões (carácter, comportamento e corporal) e as dimensões de psicopatologia (DASS-42 depressão, ansiedade e *stress*) com o intuito de analisar a validade de construto, convergente e discriminante dos dois construtos de recordações de infância de um ambiente familiar “ameaçador” e de experiências de vitimação de *bullying* e de assédio sexual na escola. Tal como se pode observar no quadro em baixo, o total da ELES apresenta correlações positivas e de magnitude elevada com o total da frequência “das vitimações por *bullying*” BVQ ($r = .301, p < .001$) e com as suas dimensões de experiências de vitimações por *bullying* ($r = .413, p = 0.002$) e experiências de assédio sexual ($r = .284, p = .037$). Por sua vez a dimensão “ameaça” da ELES apresenta correlações positivas e de magnitude elevada com o total da frequência de vitimações por *bullying* do BVQ ($r = .257, p = .001$) e com a dimensão de experiências de vitimação por *bullying* do BVQ ($r = .409, p = .002$), apresentando uma correlação positiva embora não sendo estatisticamente significativa com a dimensão de assédio sexual do BVQ ($r = .246, p = .073$). Da mesma forma que a dimensão “ameaça” da ELES, a dimensão “submissão” apresenta correlações positivas e significativamente elevadas com o total das frequências de vitimações por *bullying* do BVQ ($r = .306, p < .001$) e com a dimensão das experiências de vitimação por *bullying* do BVQ ($r = .337, p = .016$). A correlação entre a dimensão da “submissão” (ELES) e a dimensão de “assédio sexual” (BVQ) não é suficientemente forte para atingir significância estatística ($r = .217, p = .114$). Por fim, a dimensão de “(des)valorização” da ELES apresenta também correlações positivas embora fracas com o total da frequência das experiências de *bullying* do BVQ ($r = .164, p = .035$) e com as dimensões das experiências de vitimação por *bullying* do BVQ ($r = .228, p = .098$) e assédio sexual do BVQ ($r = .254, p = .064$). Os resultados sugerem uma associação entre experiências de um ambiente familiar ameaçador com a presença de comportamentos submissos por parte do indivíduo perante pais e familiares e sentimentos de desvalorização e a experiência de vitimação por *bullying* na escola por parte de colegas. Logo, quanto maiores os índices de ameaça na família durante a infância, mais elevada é a frequência de experiências de vitimação por *bullying*. Os resultados sugerem também uma associação entre as dimensões da ELES com comportamentos de submissão (SBS) e “vergonha externa” (OAS). De facto, o total da ELES e as suas dimensões de “ameaça”, “submissão” e “(des)valorização” apresentam correlações positivas de magnitude elevada a moderada com os comportamentos de submissão ($r = .311, p < .001$; $r = .247, p = .001$; $r = .331, p < .001$ e $r = .177, p = .023$ respectivamente) e com a “vergonha externa” (OAS) ($r = .323, p < .001$; $r = .222, p = .004$; $r = .373, p < .001$ e $r = .197, p = .011$ respectivamente). Tal como seria de esperar, a dimensão de “submissão” da ELES, que mede as recordações de infância de comportamentos submissos do indivíduo perante os pais e familiares, apresenta a associação mais forte e estatisticamente significativa com ambas as variáveis de comportamentos de submissão e de “vergonha externa”. Mais, o total da ELES e as suas dimensões de “ameaça”, “submissão” e “(des)valorização” também apresentam correlações significativamente elevadas com as dimensões da ESS (i.e. vergonha interna) da vergonha do “carácter” ($r = .324, p < .001$; $r = .216, p = .005$, $r = .386, p < .001$ e $r = .192, p = .014$) da vergo-

nha do “comportamento” ($r = .270, p < .001$; $r = .213, p = .006$; $r = .298, p < .001$ e $r = .222, p = .004$ respectivamente) e especialmente com a vergonha “corporal” ($r = .342, p < .001$; $r = .288, p < .001$; $r = .329, p < .001$ e $r = .222, p = .004$ respectivamente). Por fim, os resultados sugerem também uma associação entre o total da ELES e as suas dimensões com índices de psicopatologia (DASS-42). O total da ELES e as dimensões de “ameaça”, “submissão” e “(des)valorização” apresentam correlações positivas e estatisticamente significativas com sintomas de “depressão” (DASS-42) ($r = .335, p < .001$; $r = .271, p < .001$; $r = .279, p < .001$ e $r = .302, p < .001$ respectivamente), de “ansiedade” (DASS-42) ($r = .328, p < .001$; $r = .297, p < .001$; $r = .273, p < .001$ e $r = .241, p = .002$ respectivamente) e de *stress* (DASS-42) ($r = .236, p = .002$; $r = .175, p = .024$, $r = .244, p = .002$ e $r = .166, p = .033$ respectivamente). Logo, quanto mais elevados os níveis de recordações de infância de “ameaça” e “(des)valorização” e especialmente de “submissão”, mais elevados são os índices de sintomas de psicopatologia afectiva, nomeadamente de depressão e ansiedade. As recordações de um ambiente familiar perigoso na infância parecem ter um impacto emocional grave no indivíduo adulto.

Tabela 29: Correlações entre as dimensões da ELES (versão Portuguesa) e as dimensões de vitimação por *bullying* medidas pela BVQ (versão Portuguesa), de vergonha interna medida pela ESS, de psicopatologia medida pela DASS-42, de vergonha externa medida pela OAS e de comportamentos de submissão medidos pela SBS

	ELES_ame	ELES_submi	ELES_(des)val	ELES_total	BVQ_bullying	BVQ_assed_sexual	BVQ_tot
ELES_ameaça		.642**	.467**	.887**	.409**	.246	.257**
ELES_submissão	.642**		.474**	.873**	.337*	.217	.306**
ELES_(des)valo	.467**	.474**		.708**	.228	.254	.164*
ELES_total	.887**	.873**	.708**		.413**	.284*	.301**
BVQ_bullying	.409**	.337*	.228	.413**		.124	.969**
BVQ_assed_sexual	.246	.217	.254	.284*	.124		.349**
BVQ_total	.257**	.306**	.164*	.301**	.969**	.349**	
DASS42_depressão	.271**	.279**	.302**	.335**	.176	.181	.248**
DASS42_stress	.175*	.244**	.166*	.236**	.203	.125	.219**
DASS42_ansiedade	.297**	.273**	.243**	.328**	.096	.090	.252**
ESS_carácter	.216**	.386**	.192*	.324**	.184	.110	.202**
ESS_comportam	.213**	.298**	.139	.270**	.202	.149	.232**
ESS_corpo	.288**	.329**	.222**	.342**	.388**	.223	.340**
SBS_total	.247**	.331**	.177*	.311**	.187	.090	.130
OAS_total	.222**	.373**	.197*	.323**	.120	.117	.191*

ELES: versão Portuguesa da “Early Life Experiences Scale”- dimensões da “ameaça”; “submissão” e “(des)valorização”; DASS-42: versão Portuguesa da “Depression Anxiety Stress Scales”; BVQ: versão Portuguesa do “Bully/Victim Questionnaire” (revised) - dimensões de “bullying” e “assédio sexual”; ESS: versão Portuguesa da “Experience of Shame Scale”- dimensões da vergonha do carácter, comportamento e corporal; SBS: versão Portuguesa da “Submission Behaviour Scale”; OAS: versão Portuguesa da “Other as Shamer Scale”; ** $p < .005$; * $p < .050$

Distribuição das pontuações do BVQ (versão Portuguesa) e diferenças entre os sexos

O total da frequência de vitimações por *bullying* do BVQ, numa amostra de 165 estudantes, apresenta uma distribuição das pontuações mesocúrtica e “normal” (“kurtosis” .553, e “skewness” 1.292), sendo a pontuação mínima de 0 e a máxima de 39 (0-60) com uma $M = 6.76$, $DP = 10.532$). A dimensão de experiências de *bullying* do BVQ apresenta, por sua vez, uma distribuição das pontuações com um “enviesamento” à esquerda e com uma curva “achatada”, logo os valores de “kurtosis” e “skewness” são elevados (.608, 1.232 respectivamente). A pontuação mínima para esta dimensão é de 8 e a máxima de 35 com uma $M = 15.48$, $DP =$

6.678, o que indica que a maioria das pontuações situam-se abaixo da média. Por fim, a dimensão de assédio sexual apresenta uma distribuição das pontuações também “enviesada” à esquerda e com uma curva bastante “achatada” (valores de “kurtosis” e “skewness” bastante elevados: 2.457 e 1.703 respectivamente). A pontuação mínima para esta dimensão é 3 e a máxima 9 com uma $M= 4.03$, $DP= 15.077$, o que indica que a maioria das pontuações situa-se abaixo da média. Não se registaram diferenças entre os sexos para o total da frequência das vitimações por *bullying* (sexo feminino: $M= 6.78$, $DP= 10.775$; $t(163)= .054$, $p= .957$) e para a dimensão das “experiências de *bullying*” do BVQ (sexo feminino: $M= 16.05$, $DP= 6.601$; sexo masculino: $M= 14.00$, $DP= 6.886$; $t(52)= .992$, $p= .331$). Por outro lado, os indivíduos de sexo feminino apresentam níveis mais elevados de “assédio sexual” no BVQ ($M= 4.25$, $DP= 1.772$) do que os indivíduos de sexo masculino ($M= 3.46$, $DP= .6399$), sendo a diferença entre os dois sexos estatisticamente significativa ($t(52)= 2.204$, $p= .020$).

Estudo dos itens da BVQ (versão Portuguesa)

Os itens das duas dimensões do BVQ apresentam correlações de magnitude moderada a elevada com o total e superiores a .30, já que a dimensão de “assédio sexual” contém os itens que apresentam as correlações mais fracas (de .32 a .46). O total da frequência das vitimações por *bullying* do BVQ apresenta correlações positivas e de magnitude elevada com a dimensão das “experiências de *bullying*” do BVQ ($r= .969$, $p<.001$) e de “assédio sexual” do BVQ ($r= .349$, $p= .010$). A correlação entre o total da frequência das vitimações por *bullying* do BVQ e das “experiências de *bullying*” apresenta um valor próximo de 1, o que significa que o BVQ mede efectivamente experiências de vitimação por *bullying*. Os resultados sugerem, assim, que a escala do BVQ apresenta uma boa consistência interna.

Tabela 30: Correlações item-total e alpha de Cronbach sem o item para os itens da BVQ

Itens	Sub-escalas	R item-total	Alpha de Cronbach (sem o item)
BVQ_3a	<i>Bullying</i>	.457	.802
BVQ_3b		.705	.760
BVQ_3c		.553	.788
BVQ_3d		.523	.793
BVQ_3e		.365	.812
BVQ_3g		.685	.764
BVQ_3i		.320	.821
BVQ_3j		.703	.760
BVQ_3f	Assédio sexual	.366	.371
BVQ_3h		.422	.263
BVQ_3k		.320	.575

BVQ: versão Portuguesa do “Bully/Victim” Questionnaire (revised)

Consistência Interna da BVQ (versão Portuguesa)

A consistência interna do BVQ foi avaliada através dos valores de alpha de Cronbach. Deste modo, o total da frequência das vitimações por *bullying* (BVQ) apresenta um alpha de Cronbach com um valor de magnitude moderada e aceitável ($\alpha .77$ $n= 11$), visto que a dimensão das “experiências de *bullying*” do BVQ apresenta um alpha de Cronbach de magnitude elevada ($\alpha .81$ $n= 8$) enquanto a dimensão do “assédio sexual” apresenta um alpha de Cronbach baixo embora aceitável devido a ser composta unicamente por três itens ($\alpha .52$). Os resultados sugerem que o BVQ é fiável numa amostra Portuguesa de estudantes.

Estrutura Factorial da BVQ (versão Portuguesa)

Com o intuito de analisar a estrutura dimensional desta escala procedeu-se a uma análise em componentes principais seguida de uma rotação varimax. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de .631, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais, assim como também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(66) = 209.071, p < .001$].

A solução permitiu extrair três factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 54.936 % da variância total (30.229% da variância é explicada pelo factor 1 enquanto 14.881% e 9.826% da variância são explicadas pelos factores 2 e 3 respectivamente).

O factor 1 inclui itens que medem vários comportamentos de *bullying* tais como agressões verbais (e.g. chamar nomes); agressões físicas (e.g. ser ponteados); excluir e humilhar (e.g. excluir do grupo de amigos); vandalismo (e.g. danificar objectos pessoais de outras pessoas); sabotagem (e.g. fazer queixinhas aos professores com o intuito de prejudicar a pessoa); ameaças (e.g. obrigar alguém a fazer algo que não queira). Os itens que se saturam neste factor são os seguintes: 1,2,3,4,5,7,9 e 10. Estes itens apresentam índices de saturação superiores a .35.

O factor 2, por sua vez, inclui itens que avaliam comportamentos de assédio e abuso sexual como, por exemplo, ameaças e comportamentos de assédio sexual (e.g. ser forçado a fazer coisas que não queria); gestos obscenos; violação (abuso sexual) e apalpadelas. Os itens que se saturaram neste factor foram os seguintes: 6,8,11. Todos os itens apresentam índices de saturação elevados demonstrando, assim, que fazem parte de um factor diferente do factor 1, medindo, assim, comportamentos que não são *bullying* mas, sim, abuso sexual.

Por último o factor 3, inclui o item 12, que mede todos os comportamentos descritos pelos participantes que eles (as) consideram ser *bullying* como, por exemplo, “chatear os outros de propósito”. O índice de saturação é de .88. Este factor não é levado em conta nas análises já que não apresenta uma associação com os outros itens.

Tabela 31: BVQ-Itens correspondentes a factores e respectivas saturações

Itens	Factores		
	1	2	3
BVQ_3a_item 1	.614	.167	-.385
BVQ_3b_item 2	.823	-.305	-.079
BVQ_3c_item 3	.672	.173	.152
BVQ_3d_item 4	.632	.072	.454
BVQ_3e_item 5	.464	.225	.009
BVQ_3f_item 6	.047	.704	-.153
BVQ_3g_item 7	.787	-.025	.066
BVQ_3h_item 8	.230	.804	.246
BVQ_3i_item 9	.355	.289	.172
BVQ_3j_item 10	.815	-.068	-.088
BVQ_3k_item 11	-.137	.530	.037
BVQ_3l_item 12	-.020	.077	.887

Validade da BVQ (versão Portuguesa)

Como foi observado anteriormente o total da frequência das “experiências de vitimação por *bullying*” (BVQ) e das suas dimensões de “experiências de *bullying*” e de “assédio sexual” apresentam correlações positivas e significativas, com as dimensões de “ameaça”, “submissão” e “(des)valorização” da ELES, o que indica uma convergência entre os fenómenos de

vitimação do indivíduo na infância por *bullying* e a experiência de ambientes familiares ameaçadores e a presença de consequentes comportamentos de submissão perante pais e familiares. A recordação de *bullying* na infância e as suas dimensões de “experiências de *bullying*” e de “assédio sexual”, medidas pelo BVQ, também parecem estar associadas à demonstração de comportamentos de submissão (SBS) e à presença da “vergonha externa” na idade adulta (i.e. vergonha do que os outros pensam sobre nós), visto que a única correlação estatisticamente significativa é entre o total das “experiências de vitimação por *bullying*” e a “vergonha externa” (OAS) ($r = .191$, $p = .014$). O total da frequência “das experiências de vitimação por *bullying*” e a dimensão das “experiências de *bullying*” (BVQ) apresentam correlações positivas e estatisticamente significativas com a dimensão da vergonha “corporal” da ESS ($r = .340$, $p < .001$ e $r = .388$, $p < .001$ respectivamente). Mais, o total da frequência das “experiências de vitimação por *bullying*” apresenta também correlações positivas e estatisticamente significativas com as dimensões de vergonha do “carácter” ($r = .202$, $p = .009$) e do “comportamento” ($r = .232$, $p = .003$) da ESS. Por último, o total da frequência das “experiências de vitimação por *bullying*” apresenta correlações positivas de magnitude moderada com a “depressão” ($r = .248$, $p = .001$) a “ansiedade” ($r = .252$, $p = .001$) e o *stress* ($r = .219$, $p = .005$) (DASS-42). Concluindo, a recordação de experiências de vitimação por *bullying* na infância está associada à presença de “vergonha externa” e de vergonha do carácter, do comportamento e da aparência física (i.e. vergonha interna) e ainda à presença de sintomas de depressão, ansiedade e *stress* na idade adulta. Os resultados sugerem, assim, que o *bullying* parece ter um impacto emocional na vítima, e a respectiva memória das vitimações tem aspectos traumáticos e disfuncionais nos aspectos afectivo e psicológicos do mesmo.

Distribuição das pontuações das dimensões do SPERQ (versão Portuguesa) e diferenças entre os sexos

A distribuição das pontuações na dimensão das “auto-percepções positivas” do SPERQ numa amostra de 84 estudantes universitários é mesocúrtica com um ligeiro “enviesamento” à direita, logo os valores de “kurtosis” e “skewness” são baixos (.082 e .084 respectivamente). A pontuação mínima para esta sub-escala é de 5 e a máxima de 32 (5-35) apresentando uma $M = 22.63$, $DP = 4.645$. Da mesma forma, a distribuição das pontuações na dimensão das “auto-percepções negativas” do SPERQ é mesocúrtica e “normal” com um ligeiro “enviesamento” à esquerda, logo os valores de “kurtosis” e “skewness” também são baixos para esta sub-escala (-.474, .480 respectivamente). A pontuação mínima é de 5 e a máxima de 22 (5-35), apresentando uma $M = 11.57$, $DP = 4.0008$. Por sua vez, a distribuição das pontuações na dimensão das “reações emocionais positivas” ao desempenho pessoal do SPERQ apresenta um “enviesamento” à direita sendo os valores de “kurtosis” -.839 e de “skewness” .315, o que indica que as pontuações nesta sub-escala tendem a ser elevadas. A pontuação mínima para esta sub-escala é de 5 e a máxima de 27 (5-28), apresentando uma $M = 16.35$, $DP = 5.515$. Por fim, a distribuição das pontuações na dimensão “reações emocionais negativas” ao desempenho pessoal do SPERQ apresenta um ligeiro “enviesamento” à esquerda com valores de “kurtosis” de -.1035 e de “skewness” de .250. A pontuação mínima para esta sub-escala é de 6 e a máxima de 36 (6-42), apresentando uma $M = 17.65$, $DP = 7.841$. Não se registaram diferenças significativas entre os sexos para as dimensões de “auto-percepções positivas” (sexo feminino ($n = 65$): $M = 21.86$, $DP = 4.401$; sexo masculino ($n = 19$): $M = 24.63$, $DP = 5.536$; $t(82) = -1.580$, $p = .140$) versus “auto-percepções negativas” (sexo feminino ($n = 65$): $M = 11.83$, $DP = 3.781$; sexo masculino ($n = 19$): $M = 10.09$, $DP = 5.068$, $t(82) = -1.088$, $p = .298$). Em geral, as mulheres da nossa amostra tendem a demonstrar menos “auto-percepções positivas” e mais “auto-percep-

ções negativas” do que os homens, embora não seja estatisticamente significativo. Mais, não se registaram diferenças significativas entre os sexos para as dimensões de “reações emocionais positivas” ao desempenho pessoal (sexo feminino: $M= 16.47$, $DP= 5.517$; sexo masculino: $M= 15.63$, $DP= 5.714$; $t(82)= .453$, $p= .658$) *versus* “reações emocionais negativas” ao desempenho pessoal (sexo feminino: $M= 17.83$, $DP= 7.999$; sexo masculino: $M= 16.63$, $DP= 7.089$; $t(82)= .507$, $p= .620$). As mulheres da nossa amostra apresentam uma tendência para demonstrarem mais “reações emocionais positivas *versus* negativas” ao desempenho pessoal que os homens, embora não seja estatisticamente significativo.

Estudo dos itens do SPERQ (versão Portuguesa)

Tal como se pode constatar no quadro em baixo, as duas dimensões bipolares das “auto-percepções” do SPERQ apresentam correlações dos itens com o total acima das .30. A dimensão das “auto-percepções” negativas apresenta as correlações mais baixas entre os itens e o total (.303 a .418 respectivamente).

Tabela 32: Correlações item-total e alpha de Cronbach sem o item para os itens das dimensões de “auto-percepções” do SPERQ (versão Portuguesa)

Itens	Sub-escalas	r item -total	Alpha de Cronbach (sem o item)
SPERQ_ auto-perc_1	Auto-percepções positivas	.604	.654
SPERQ_ auto-perc_2		.584	.660
SPERQ_ auto-perc_3		.625	.642
SPERQ_ auto-perc_4		.732	.614
SPERQ_ auto-perc_5		.337	.634
SPERQ_ auto-perc_6	Auto-percepções negativas	.418	.505
SPERQ_ auto-perc_7		.383	.525
SPERQ_ auto-perc_8		.332	.624
SPERQ_ auto-perc_9		.655	.451
SPERQ_ auto-perc_10		.303	.605

SPERQ: versão Portuguesa do “Questionnaire of Self Perceptions and Emotional Reactions”: dimensão de “auto-percepções”

Relativamente às duas dimensões bipolares de “reações emocionais ao desempenho pessoal” do SPERQ pode-se observar que ambas apresentam correlações entre os seus itens e o total da respectiva sub-escala superiores a .35, considerando que a sub-escala “reações emocionais negativas” é composta por o item com a correlação mais baixa com o total (item 1 $r= .397$). Os resultados sugerem que as quatro sub-escalas apresentam uma boa consistência interna.

Tabela 33: Correlações item-total e alpha de Cronbach sem o item para os itens das dimensões de “reações emocionais” do SPERQ (versão Portuguesa)

Itens	Sub-escalas	r item-total	Alpha de Cronbach (sem o item)
SPERQ_ reac_emo_1	reações emocionais negativas	.397	.896
SPERQ_ reac_emo_4		.701	.804
SPERQ_ reac_emo_7		.619	.820
SPERQ_ reac_emo_8		.855	.769
SPERQ_ reac_emo_9		.806	.790
SPERQ_ reac_emo_10		.725	.799
SPERQ_ reac_emo_2	reações emocionais positivas	.819	.805
SPERQ_ reac_emo_3		.871	.773
SPERQ_ reac_emo_5		.435	.947
SPERQ_ reac_emo_6		.837	.787

SPERQ : versão Portuguesa do “Questionnaire of Self Perceptions and Emotional Reactions”: dimensão de “reações emocionais”

Consistência Interna das dimensões do SPERQ (versão Portuguesa)

Análises correlacionais sugerem, tal como seria de esperar e de acordo com os dados da versão original do SPERQ com uma amostra de estudantes Norte-Americana (Dutton & Brown, 1997), que a dimensão das “auto-percepções positivas” apresenta correlações negativas e significativamente elevadas com a dimensão das “auto-percepções negativas” ($r = .597$, $p < .001$) e com a dimensão das “reações emocionais negativas” ($r = -.258$, $p = .024$). Logo, as duas dimensões das “auto-percepções” são de facto bipolares e dicotómicas, visto que também, quanto maiores os índices de auto-percepções positivas, menores os índices de “reações emocionais” negativas ao desempenho pessoal. Por sua vez, a dimensão das “auto-percepções negativas” apresenta uma correlação positiva de magnitude moderada com a dimensão das “reações emocionais negativas” ($r = .266$, $p = .020$); logo, os resultados sugerem uma associação entre as “auto-percepções negativas” e as “reações emocionais negativas” ao desempenho pessoal. Por sua vez, a dimensão das “reações emocionais positivas” apresenta uma correlação negativa e significativamente elevada com a dimensão das “reações emocionais negativas” ($r = .686$, $p < .001$), o que sugere que ambas as dimensões são dicotómicas e bipolares. As “reações emocionais positivas” apresentam também correlações positivas mas fracas e sem serem estatisticamente significativas com ambas as dimensões de “auto-percepções” ($r = .058$ “positivas” e $r = .079$ “negativas” respectivamente). Optou-se pelo procedimento de Dutton e Brown (1997) de avaliar a consistência interna ao verificar os valores de alpha de Cronbach para cada uma das sub-escalas. Os valores de alpha de Cronbach eram razoáveis, já que a sub-escala de “auto-percepções positivas apresenta um alfa de Cronbach .739 ($n = 5$) enquanto a sub-escala de “auto-percepções negativas” apresenta um alpha de Cronbach .653 ($n = 5$). Por sua vez, as sub-escalas de “reações emocionais” ao desempenho pessoal apresentam alphas de Cronbach elevados sendo .871 ($n = 4$) para a sub-escala “reações emocionais positivas” e .844 ($n = 6$) para a sub-escala “reações emocionais negativas”. Os resultados sugerem que o questionário apresenta uma boa consistência interna.

Tabela 34: Correlações entre as dimensões de “auto-percepções” e de “reações emocionais” do SPERQ

	SPERQ_ auto-perc_pos	SPERQ_ auto-perc_neg	SPERQ_ reac_emo_pos	SPERQ_ reac_emo_neg
SPERQ_auto-perc_pos		-.597**	.058	-.258*
SPERQ_auto-perc_neg	-.597**		.079	.266*
SPERQ_reac_emo_pos	.058	.079		-.686**
SPERQ_reac_emo_neg	-.258*	.266*	-.686**	

SPERQ_auto-perc_pos: dimensão de auto-percepções positivas da versão Portuguesa do SPERQ; SPERQ_auto-perc_neg: dimensão de auto-percepções negativas da versão Portuguesa do SPERQ; SPERQ_reac_emo_pos: dimensão de reações emocionais positivas ao desempenho pessoal; SPERQ_reac_emo_neg: dimensão de reações emocionais negativas ao desempenho pessoal; ** $p < .005$; * $p < .050$

Estrutura factorial do SPERQ (versão Portuguesa)

De acordo com o procedimento de Dutton e Brown (1997) e com o intuito de reavaliar a estrutura dimensional da escala, procedeu-se a uma análise em componentes principais seguida de uma rotação varimax com a extracção prévia de dois factores bipolares (adjectivos positivos *versus* negativos) que compõem a sub-escala de auto-percepções do SPERQ. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de .739, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais, assim como também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(45) = 428.951$, $p < .001$].

A solução permitiu extrair dois factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 58.738% da variância total (40.573% da variância é explicada pelo factor 1 enquanto 18.165% da variância é explicada pelo factor 2), reproduzindo totalmente a estrutura encon-

trada pelos autores da versão original. Todos os itens apresentam índices de saturação acima dos .35. Desta forma e de acordo com o que foi observado pelos autores da escala original, os itens 1,2,3,4,5 saturam-se no factor 1 (auto-percepções positivas) enquanto os itens 6,7,8,9,10 se saturam no factor 2 (auto-percepções negativas).

Tabela 35: SPERQ_”auto-percepções”- Itens correspondentes a factores e respectivas saturações

Itens	Factores	
	1	2
SPERQ_ auto-perc_1	.711	-.175
SPERQ_ auto-perc_2	.805	-.037
SPERQ_ auto-perc_3	.871	-.132
SPERQ_ auto-perc_4	.807	-.057
SPERQ_ auto-perc_5	.367	-.044
SPERQ_ auto-perc_6	-.249	.729
SPERQ_ auto-perc_7	-.182	.769
SPERQ_ auto-perc_8	-.110	.784
SPERQ_ auto-perc_9	-.439	.720
SPERQ_ auto-perc_10	-.193	.747

SPERQ: reacções emocionais

Procedeu-se também a uma análise em componentes principais seguida de uma rotação varimax com a extracção prévia de dois factores bipolares (reacções emocionais positivas *versus* reacções negativas) que compõem a sub-escala de “reacções emocionais” do SPERQ. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de .842, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais, assim como também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(45) = 592.478, p < .001$].

A solução permitiu extrair dois factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 70.653% da variância total (55.125% da variância é explicada pelo factor 1 enquanto 15.528% da variância é explicada pelo factor 2), reproduzindo totalmente a estrutura encontrada pelos autores da versão original. Todos os itens apresentam índices de saturação acima dos .35. Sendo assim, e de acordo com o que foi observado pelos autores da escala original, os itens 1,4,7,8,9 e 10 saturam-se no factor 1 (reacções emocionais negativas) enquanto os itens 2,3,5 e 6 se saturam no factor 2 (reacções emocionais positivas).

Tabela 36: SPERQ_”reacções emocionais”- Itens correspondentes a factores e respectivas saturações

Itens	Factores	
	1	2
SPERQ_ reac_emo_1	.550	-.110
SPERQ_ reac_emo_2	-.325	.878
SPERQ_ reac_emo_3	-.420	.835
SPERQ_ reac_emo_4	.878	-.018
SPERQ_ reac_emo_5	-.264	.577
SPERQ_ reac_emo_6	-.343	.855
SPERQ_ reac_emo_7	.561	-.526
SPERQ_ reac_emo_8	.865	-.336
SPERQ_ reac_emo_9	.838	-.283
SPERQ_ reac_emo_10	.860	-.068

SPERQ: dimensão reacções emocionais

Validade das dimensões bipolares do SPERQ (versão Portuguesa)

A validade de construto, convergente e discriminante das dimensões bipolares das “auto-percepções” e a validade das “reações emocionais ao desempenho” do SPERQ de Dutton e Brown (1997), adaptado e traduzido para Português, foram avaliadas através das correlações entre estas dimensões e a “vergonha externa” (OAS) e índices de psicopatologia de foro afectivo (depressão, ansiedade e *stress* - DASS-42). A dimensão das “auto-percepções positivas” (SPERQ) apresenta correlações negativas, embora não sejam suficientemente fortes para atingir significância estatística com os sintomas de “depressão” ($r = -.196$, $p = .089$) “ansiedade” ($r = -.185$, $p = .109$) e “*stress*” (DASS-42) ($r = -.142$, $p = .22$) e uma correlação negativa e significativa com a “vergonha externa” (OAS) ($r = -.365$, $p = .001$). Por outro lado, a dimensão das “auto-percepções negativas” (SPERQ) apresenta correlações positivas, embora não sejam suficientemente fortes para atingir a significância estatística com sintomas de “depressão” ($r = .120$, $p = .302$), “ansiedade” ($r = .183$, $p = .114$) e “*stress*” ($r = .216$, $p = .062$) e uma correlação positiva e de magnitude moderada com a “vergonha externa” (OAS) ($r = .345$, $p = .002$). Os resultados sugerem, assim, que as “auto-percepções positivas” parecem estar associadas a índices baixos de sintomatologia depressiva, ansiosa e de *stress* e a níveis baixos de “vergonha externa” enquanto as “auto-percepções negativas” estão associadas a índices altos de sintomatologia depressiva, ansiosa e de *stress* e a níveis altos de “vergonha externa”. Da mesma forma com o que foi observado anteriormente, as “reações emocionais positivas” (SPERQ) ao desempenho pessoal apresentam uma correlação negativa e de magnitude moderada com a “depressão” ($r = -.270$, $p = .018$) e ainda correlações negativas sem serem estatisticamente significativas com a “ansiedade” ($r = -.215$, $p = .062$) e com o “*stress*” (DASS-42) ($r = -.039$, $p = .741$). Apresentam, pelo contrário, uma correlação positiva embora muito fraca com a “vergonha externa” (OAS) ($r = .015$, $p = .900$). Por outro lado, a dimensão das “reações emocionais negativas” ao desempenho pessoal (SPERQ) apresenta correlações positivas de magnitude moderada com a “depressão” ($r = .384$, $p = .001$) e com a “ansiedade” ($r = .250$, $p = .029$) e ainda correlações positivas embora fracas com o “*stress*” (DASS-42) ($r = .105$, $p = .365$) e com a “vergonha externa” (OAS) ($r = .220$, $p = .057$). Os resultados sugerem, desta forma, que as “reações emocionais positivas” parecem estar associadas a índices baixos de psicopatologia enquanto as “reações emocionais negativas” estão associadas a índices de humor depressivo e ansioso e ainda a níveis de “vergonha externa”. Logo, as “auto-percepções negativas” e consequentes “reações emocionais negativas” ao desempenho pessoal parecem estar associadas a índices de sintomas depressivos, ansiosos e de *stress* e a níveis de “vergonha externa”.

Tabela 37: Correlações entre as dimensões de “auto-percepções” e “reações emocionais” do SPERQ com as dimensões de psicopatologia (DASS-42) e com a vergonha externa (OAS)

	SPERQ_auto-perc_pos	SPERQ_auto-perc_neg	SPERQ_reac_emo_pos	SPERQ_reac_emo_neg
DASS42_depressão	-.196	.120	-.270*	.384**
DASS42_ansiedade	-.185	.183	-.215	.250*
DASS42_stress	-.142	.216	-.039	.105
OAS_total	-.365**	.345**	.015	.220

** $p < .005$; * $p < .050$

Distribuição das pontuações da SSPS (versão Portuguesa) e das respectivas sub-escalas e diferenças entre os sexos

A distribuição das pontuações do total da SSPS apresenta um “enviesamento” à esquerda, logo os valores de “kurtosis” e “skewness” são elevados (3.587, 1.458 respectivamente). A pontuação mínima é de 20 e a máxima de 69, apresentando uma $M= 39.42$, $DP= 7.465$. Por sua vez, a dimensão da “perseguição” da SSPS apresenta uma distribuição das pontuações com um “enviesamento” à esquerda e uma curva “achatada” o que sugere que a maioria das pontuações nesta dimensão são baixas (“kurtosis” 13.442 e “skewness” 3.214). A pontuação mínima é de 10 e a máxima, de 46 (10-50), apresentando uma $M= 13.22$, $DP= 5.818$. A dimensão “positiva” da SSPS, por outro lado, apresenta uma distribuição das pontuações com um “enviesamento” à direita, o que sugere que a maioria das pontuações nesta dimensão são elevadas (“kurtosis” -.353, “skewness” .891). A pontuação mínima nesta dimensão é de 5 e a máxima de 24 (5-25), apresentando uma $M= 17.26$, $DP= 3.803$. Por fim, a dimensão “neutral” da SSPS apresenta uma distribuição das pontuações mesocúrtica e “normal” com valores de “kurtosis” 1.742 e “skewness” .891, sendo a pontuação mínima de 5 e a máxima de 24 (5-25) e a $M= 12.39$, $DP= 3.659$.

Não se registaram diferenças entre os sexos para o total da SSPS (sexo feminino: $M= 39.04$, $DP= 6.774$; sexo masculino: $M= 41.63$, $DP= 10.865$; $t(82)= -.766$, $p= .459$) e as respectivas sub-escalas de “perseguição” (sexo feminino: $M= 12.66$, $DP= 4.143$; sexo masculino: $M= 16.54$, $DP= 11.396$; $t(82)= -.118$, $p= .289$); “positiva” (sexo feminino: $M= 17.43$, $DP= 3.635$; sexo masculino: $M= 16.27$, $DP= 4.556$; $t(82)= .770$, $p= .456$) e “neutral” (sexo feminino: $M= 12.43$, $DP= 3.526$; sexo masculino: $M= 12.18$, $DP= 4.556$; $t(82)= .173$, $p= .886$).

Estudo dos itens da SSPS (versão Portuguesa)

A dimensão da “perseguição” da SSPS é composta pelos itens que apresentam as correlações mais elevadas com o total, embora o item 1 apresente uma correlação de .35, o que indica que este item não apresenta uma associação forte com a sua respectiva sub-escala. No entanto, todos os itens apresentam correlações acima dos .30 com o total. A dimensão “positiva” da SSPS é composta por itens que apresentam correlações dos itens com o total entre os .35 e .51, enquanto a dimensão “neutral” é composta por itens que apresentam as correlações mais fracas com o total (entre .33 e .39 respectivamente). Os resultados sugerem, assim, que as dimensões da SSPS apresentam índices de consistência interna, considerando que a dimensão “neutral” é a que apresenta índices mais fracos de consistência interna e fiabilidade na amostra Portuguesa de estudantes.

O total da SSPS apresenta correlações positivas e significativamente elevadas com as dimensões da “perseguição” ($r= .678$, $p<.001$) e “neutral” ($r= .737$, $p<.001$) apresentando também uma correlação positiva mas de magnitude moderada com a dimensão “positiva” ($r= .240$, $p= .037$). Por sua vez, a dimensão “perseguição” da SSPS, da mesma forma como foi observado pelos autores da escala original, apresenta uma correlação negativa e significativamente elevada com a dimensão “positiva” ($r= -.409$, $p<.001$), o que sugere que ambas as dimensões são ortogonais. Mais, tal como seria de esperar, as dimensões “perseguição” e “positiva” da SSPS apresentam correlação positivas, embora sendo fracas e não significativas estatisticamente com a dimensão “neutral” da SSPS ($r= .195$, $p= .091$ e $r= .212$, $p= .022$ respectivamente).

Tabela 38: Correlações item-total e alpha de Cronbach sem o item para os itens das sub-escalas da SSPS (versão Portuguesa)

Itens	Sub-escalas	r item-total	Alpha de Cronbah (sem o item)
SSPS_1	Perseguição	.353	.888
SSPS_3		.573	.875
SSPS_5		.578	.879
SSPS_7		.614	.872
SSPS_9		.715	.866
SSPS_12		.653	.870
SSPS_13		.684	.868
SSPS_15		.802	.860
SSPS_17		.511	.880
SSPS_20		.786	.861
SSPS_4	Positiva	.354	.652
SSPS_6		.509	.564
SSPS_8		.513	.563
SSPS_11		.387	.660
SSPS_16		.442	.598
SSPS_2	Neutral	.354	.532
SSPS_10		.355	.582
SSPS_14		.339	.508
SSPS_18		.349	.582
SSPS_19		.396	.504

SSPS: versão Portuguesa da “State Social Paranoia Scale”

Consistência interna da SSPS e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa)

Procedeu-se à análise dos alphas de Cronbach com o intuito de avaliar a consistência interna da SSPS e das suas dimensões, visto que no nosso estudo o alpha de Cronbach para o total da SSPS era de .77, ou seja, inferior ao observado por Freeman et al. (2007) no estudo da versão original da SSPS (.90). No entanto, o alpha de Cronbach no nosso estudo para a dimensão de “perseguição” era elevado (.88) (n= 10 itens), já que os alphas de Cronbach para as dimensões “positiva” (n= 5) e “neutral” (n= 5) eram satisfatórios (.66 e .62) tendo em conta o número reduzido de itens destas duas sub-escalas. Os resultados sugerem, assim, que a SSPS (versão Portuguesa) e respectivas dimensões apresentam índices razoáveis de consistência interna.

Estrutura factorial da SSPS (versão Portuguesa)

De acordo com o procedimento de Freeman et al. (2007) e com o intuito de analisar a estrutura dimensional desta escala, procedeu-se a uma análise em componentes principais seguida de uma rotação varimax com a extração prévia de três factores. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de .650, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais, assim como também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(190) = 856.213, p < .001$].

A solução é composta por três factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 51.813% da variância total (29.146% da variância é explicada pelo factor 1 enquanto 13.234% e 9.433 % da variância são explicadas pelos factores 2 e 3 respectivamente), repro-

duzindo totalmente a estrutura encontrada pelos autores da versão original. Deste modo, a análise das saturações dos itens revelou que estes se saturam em três factores diferentes: “perseguição” (*persecution*); “positiva” (*positive*) e “neutral” (*neutral*). De acordo com o que foi observado por Freeman et al. (2007), no nosso estudo o factor 1 denominado de “perseguição” é composto pelos itens que medem a percepção *in loco* do indivíduo de intenções maldosas (i.e. perseguição) e comportamentos negativos das outras pessoas em relação a ele(a) na sessão experimental (“e.g. alguém foi hostil para comigo”). Este factor é composto pelos itens 1, 3,5,7,9,12,13,15,17e 20 que demonstram níveis superiores a .35 indicando, assim, uma boa saturação dos itens nesse factor da mesma forma como foi observado com a versão original da escala.

Por outro lado, o factor 2, denominado de “positivo”, é composto pelos itens que medem a percepção do indivíduo *in loco* de intenções positivas e comportamentos amistosos das outras pessoas em relação a ele(a) nas sessões experimentais (e.g. “alguém foi amigável para comigo”). Este factor é composto pelos mesmos itens encontrados pelos autores da escala original (4,6,8,11 e 16). Todos os itens apresentam índices de saturação elevados, excepto o item 11 “alguém tem boas intenções para comigo” que apresenta índices de saturação baixos nos três factores (-.123, .359 e .287, respectivamente).

Por fim, o factor 3, tal como foi observado pelos autores da escala original (Freeman et al. 2007), é composto por itens que medem as percepções do indivíduo de cariz “neutral” relativamente aos comportamentos das outras pessoas para com ele(a) na sessão experimental (e.g. “ninguém reparou em mim”). Este factor é composto pelos itens 2,10,14,18 e 19. Todos os itens apresentam índices de saturação elevados no respectivo factor.

Tabela 39: SSPS- Itens correspondentes a factores e respectivas saturações

Itens	Factores		
	1	2	3
SSPS_1	.414	-.076	-.055
SSPS_2	.332	-.166	.704
SSPS_3	.661	-.031	-.080
SSPS_4	-.346	.683	-.122
SSPS_5	.680	-.193	.052
SSPS_6	-.237	.733	.168
SSPS_7	.661	-.186	-.140
SSPS_8	-.422	.689	.175
SSPS_9	.770	-.170	-.076
SSPS_10	.333	.130	.559
SSPS_11	-.123	.359	.287
SSPS_12	.724	-.108	-.033
SSPS_13	.719	.205	-.193
SSPS_14	.153	-.031	.667
SSPS_15	.870	.121	.192
SSPS_16	-.327	.659	-.045
SSPS_17	.640	.293	-.171
SSPS_18	-.044	.059	.554
SSPS_19	-.004	.052	.444
SSPS_20	.864	.104	.099

Validade da SSPS (versão Portuguesa)

A validade convergente, discriminante e de construto da SSPS e das suas dimensões foi avaliada através de análises correlacionais entre o total da SSPS e as suas dimensões com índices de psicopatologia do foro afectivo (DASS-42), com índices de “ansiedade-estado e traço” (STAI) e de “vergonha externa” (OAS) e com as dimensões da ideação paranóide sub-clínica (PC). Como se pode constatar no quadro em baixo, o total da SSPS e a dimensão da “perseguição” apresentam correlações positivas e significativamente elevadas com a “frequência” da ideação paranóide ($r = .300, p = .008$ e $r = .383, p = .001$ respectivamente) e com a “convicção” da ideação paranóide (PC) ($r = .313, p = .006$ e $r = .309, p = .007$ respectivamente). O total da SSPS apresenta ainda uma correlação positiva de magnitude moderada com a dimensão do “transtorno” da ideação paranóide ($r = .241, p = .036$), visto que a dimensão da “perseguição” da SPSS apresenta uma correlação positiva embora não seja suficientemente forte para atingir significância estatística com o “transtorno” da ideação paranóide (PC) ($r = .225, p = .051$). Por outro lado, e tal como seria de esperar, a dimensão “positiva” da SSPS apresenta correlações negativas com todas as dimensões da ideação paranóide da PC, considerando que a única correlação estatisticamente significativa é entre a dimensão “positiva” da SSPS e a dimensão da “frequência” da ideação paranóide ($r = -.237, p = .039$). Mais, a dimensão “neutra” apresenta correlações positivas de magnitude moderada com as dimensões da “frequência” ($r = .232, p = .043$) e da “convicção” ($r = .270, p = .019$) e uma correlação positiva mas fraca com o “transtorno” da PC ($r = .223, p = .053$). Os resultados sugerem que a SSPS mede efectivamente a paranóia sub-clínica, visto que a sua dimensão da “perseguição” apresenta correlações positivas e estatisticamente significativas com a “frequência” e “convicção” da ideação paranóide da PC, o que, por sua vez, demonstra uma convergência entre os dois fenómenos. Por outro lado, o facto da dimensão “positiva” da SSPS apresentar correlações negativas com a “frequência”, “convicção” e “transtorno” da ideação paranóide da PC, demonstra que a ideação, que é medida nesta dimensão, é ortogonal e contrasta com a paranóia, ao focar em características positivas dos outros em vez da malevolência. Tal como seria de esperar, enquanto a dimensão “perseguição” da SSPS apresenta uma correlação positiva e estatisticamente significativa com a “vergonha externa” (OAS) ($r = .275, p = .016$), a dimensão “positiva”, por outro lado, apresenta uma correlação negativa e estatisticamente significativa com a “vergonha externa” (OAS) ($r = -.270, p = .018$). Os resultados sugerem assim, que a ideação de “perseguição” da SPSS associa-se a índices de “vergonha externa” (vergonha do que os outros estão a pensar de nós); por outro lado, a ideação “positiva” não se associa a sentimentos de vergonha.

Tal como seria de esperar, por um lado, a dimensão “perseguição” da SSPS apresenta correlações positivas e estatisticamente significativas com a “depressão” ($r = .228, p = .048$) e com a “ansiedade” ($r = .244, p = .034$), por outro lado e em contraste, a dimensão “positiva” da SSPS apresenta correlações negativas e estatisticamente significativas com a “depressão” ($r = -.369, p = .001$); a “ansiedade” ($r = -.253, p = .027$) e o “stress” ($r = -.253, p = .027$). Os resultados sugerem que a ideação de “perseguição” da SSPS está associada a índices de depressão e ansiedade, enquanto a ideação “positiva” está associada a índices baixos de depressão, ansiedade e stress. Logo, por um lado, a dimensão da “perseguição” relaciona-se com um humor depressivo e ansioso, com ideação paranóide sub-clínica e com sentimentos de vergonha externa e um temperamento ansioso, por outro lado e em contraste com a dimensão “perseguição”, a dimensão “positiva” da SSPS mede pensamentos e sentimentos associados de cariz afectivo positivo, sendo menos ansiosos e menos paranóides.

Tabela 40: Correlações entre as dimensões de paranóia social-estado (SPSS) com as dimensões de psicopatologia (DASS-42) e da ideação paranoíde sub-clínica (PC)

	SSPS_perseguição	SSPS_neutral	SSPS_positiva	SSPS_total
SSPS_perseguição		.195	-.409**	.678**
SSPS_neutral	.195		.212	.737**
SSPS_positiva	-.409**	.212		.240*
SSPS_total	.678**	.737**	.240*	
DASS42_depressão	.228*	.009	-.369**	.011
DASS42_ansiedade	.244*	-.024	-.253*	.071
DASS42_stress	.039	-.150	-.253*	-.155
OAS_total	.275*	.196	-.270*	.183
PC_frequência	.383**	.234*	-.237*	.300**
PC_convicção	.309**	.270*	-.120	.313**
PC_transtorno	.225	.223	-.108	.241*

SSPS: versão Portuguesa da “State Social Paranoia Scale”; DASS42: versão Portuguesa da “Depression Anxiety Stress Scales”; OAS: versão Portuguesa da “Other as Shamer Scale” e PC: versão Portuguesa da “Paranoia Checklist”; ** p<.005; * p<.050

Distribuição das pontuações da LSHRS (versão Portuguesa) e diferenças entre os sexos

A distribuição das pontuações do total da LSHRS numa amostra de 153 estudantes universitários é enviesada à esquerda e apresenta uma curva “achatada”, sendo os valores de “kurtosis” e “skewness” altos (-.718, .936 respectivamente). A pontuação mínima é de 12 e a máxima de 36 (12-48) e a M= 19.79, DP= 7.397. Estes resultados estão de acordo com o que foi obtido por Bentall e Slade (1985) que apresentam com uma amostra Inglesa de estudantes uma média de 19.35. As distribuições das dimensões “agente interno” *versus* “agente externo” são ambas enviesadas à esquerda com valores de “kurtosis” e “skewness” de -.641 e .892 e 1.860 e 1.660, respectivamente. A dimensão “agente interno” apresenta uma pontuação mínima de 7 e máxima de 27 (7-28) e uma M= 13.44, DP= 5.684 enquanto a dimensão “agente externo” apresenta uma pontuação mínima de 5 e máxima de 14 (5-20) e uma M= 6.34, DP= 2.189.

Tal como foi observado por Bentall e Slade (1985) e Wells, Morrison & Nothard (1000), não se registaram no nosso estudo diferenças entre os sexos relativamente ao total da LSHRS (sexo feminino: M= 19.61, DP= 7.251; sexo masculino: M= 21.00, DP= 8.472; t (151)= -.676, p= .506) e às dimensões “agente interno” (sexo feminino: M= 13.37, DP= 5.663; sexo masculino: M= 13.94, DP= 5.967; t (151)= -.395, p= .697) e “agente externo” (sexo feminino: M= 6.24, DP= 2.068; sexo masculino: M= 7.05, DP= 2.786; t (151)= -1.179, p= .252).

Estudo dos itens da LSHRS (versão Portuguesa)

Tal como se pode constatar no quadro em baixo, ambas as dimensões da LSHRS apresentam correlações dos seus itens com o total acima de .30. O item 11 (“no passado ouvi a voz de Deus a falar comigo”) da dimensão “agente externa” apresenta a correlação mais baixa. O total da LSHRS apresenta correlações positivas e significativamente elevadas com as dimensões “agente interno” (r= .978, p<.001) e “agente externo” (r= .849, p<.001). Mais, a dimensão “agente interno” apresenta uma correlação positiva e singificativamente elevada com a dimensão “agente externo” (r= .707, p<.001) o que significa que ambas estão a medir o mesmo fenómeno, já que se torna metodologicamente fiável utilizar o total das pontuações da LSHRS pa-

ra o estudo. Os resultados sugerem, assim, que a escala apresenta uma boa consistência interna e que mede experiências alucinatórias do dia a dia.

Tabela 41: Correlações item-total e alpha de Cronbach sem o item para os itens das sub-escalas da LSHRS (versão Portuguesa)

Itens	Sub-escalas	r item-total	Alpha de Cronbach (sem o item)
LSHRS_1	Agente interno	.749	.918
LSHRS_2		.721	.920
LSHRS_3		.806	.912
LSHRS_4		.806	.912
LSHRS_5		.788	.913
LSHRS_6		.770	.915
LSHRS_7		.756	.917
LSHRS_8	Agente externo	.844	.418
LSHRS_9		.777	.458
LSHRS_10		.442	.716
LSHRS_11		.350	.745
LSHRS_12		.565	.648

LSHRS: versão Portuguesa da “Launay Slade Hallucination Revised Scale”

Consistência Interna da LSHRS e respectivas sub-escalas (versão Portuguesa)

Os alphas de Cronbach obtidos no nosso estudo estão de acordo com os valores apresentados por Morrison, Wells & Nothard (2000) com uma amostra Inglesa de estudantes. Deste modo, os alphas de Cronbach para o total da LSHRS e as dimensões “agente interno” (n= 7) e “agente externo” (n= 5) foram de .91, .92 e .65 respectivamente. Estes dados sugerem que a escala apresenta uma boa consistência interna.

Estrutura Factorial da LSHRS (versão Portuguesa)

Seguindo o procedimento de Morrison, Wells e Nothard (2000) e com o intuito de re-avaliar a estrutura dimensional da escala procedeu-se a uma análise em componentes principais seguida de uma rotação varimax com a extracção prévia de dois factores (“agente interno” e “agente externo”) que compõem a LSHRS. A medida Kaiser-Meyer-Olkin apresentou um valor de .976, revelando uma boa adequação da amostragem a uma análise em componentes principais, assim como também foi significativo o teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(66)=1291.914, p<.001$].

A solução permitiu extrair dois factores com valores próprios superiores a 1 e responsáveis por 63.897% da variância total (52.654% da variância é explicada pelo factor 1 enquanto 11.243% da variância é explicada pelo factor 2), reproduzindo totalmente a estrutura encontrada por Morrison, Wells e Nothard (2000) com a versão revista da “*Launay Slade Hallucination Scale*”. Todos os itens apresentam índices de saturação acima dos .35. Desta forma e de acordo com o que foi observado por Morrison, Wells e Nothard (2000), os itens 1,2,3,4,5,6 e 7 saturam-se no factor 1 (“agente interno”) enquanto os itens 8,9,10,11 e 12 se saturam no factor 2 (“agente externo”).

Tabela 42: LSHRS -Itens correspondentes a factores e respectivas saturações

Itens	Factores	
	1	2
LSHRS_1	.802	.180
LSHRS_2	.808	.058
LSHRS_3	.821	.234
LSHRS_4	.784	.399
LSHRS_5	.827	.155
LSHRS_6	.799	.265
LSHRS_7	.771	.283
LSHRS_8	.379	.733
LSHRS_9	.310	.682
LSHRS_10	.069	.425
LSHRS_11	-.140	.449
LSHRS_12	-.078	.904

Validade da LSHRS (versão Portuguesa)

A validade de construto, convergente e discriminante da LSHRS foi avaliada através de análises correlacionais entre o total da LSHRS e as suas dimensões (agente interno e externo) com as dimensões do afecto da PANAS (afecto positivo *versus* negativo), com as dimensões de psicopatologia (depressão, ansiedade e *stress*) e com a paranóia geral (GPS). Tal como seria de esperar, a paranóia geral da GPS, que contém itens de ideação persecutória e de suspeita, apresenta correlações positivas e significativamente elevadas com o total da LSHRS ($r = .652$, $p < .001$) e com as dimensões “agente interno” ($r = .625$, $p < .001$) e “agente externo” ($r = .580$, $p = .002$). Os resultados sugerem que há uma associação entre a predisposição para alucinações e traços de paranóia. De acordo com os dados de Allen e colegas (2005), o total da LSHRS e as dimensões “agente interno” e “externo” apresentam correlações positivas e de magnitude elevada especialmente com a “ansiedade” ($r = .503$, $p < .001$; $r = .486$, $p < .001$ e $r = .436$, $p < .001$) e com o “*stress*” ($r = .515$, $p < .001$; $r = .477$, $p < .001$ e $r = .502$, $p < .001$) e menos significativas com a “depressão” (DASS-42) ($r = .188$, $p = .020$; $r = .172$, $p = .034$ e $r = .189$, $p = .019$). Os resultados sugerem que as experiências de alucinações estão associadas a sintomas de ansiedade e *stress*.

Tabela 43: Correlações entre as dimensões de predisposição para as experiências alucinatórias (LSHRS) com as dimensões de psicopatologia (DASS-42) e a paranóia geral (GPS)

	LSHRS_agente_interno	LSHRS_agente_externo	LSHRS_total
LSHRS_agente_interno		.707**	.978**
LSHRS_agente_externo	.707**		.840**
LSHRS_total	.978**	.840**	
DASS42_depressão	.172*	.189*	.188*
DASS42_ansiedade	.486**	.436**	.503**
DASS42_stress	.477**	.502**	.515**
GPS_total	.625**	.580**	.652**

Versões Portuguesas da LSHRS: “Launay Slade Hallucination Revised Scale”; DASS42: “Depression Anxiety Stress Scales”; GPS: “General Paranoia Scale”; ** $p < .005$, * $p < .050$

Discussão

O fenómeno da paranóia, numa população normal, tem vindo a ser investigado por autores anglo-saxónicos (Fenigstein & Vanable, 1992; Freeman e colegas, 2005 *a*, entre outros), no entanto, a investigação em Portugal não se debruçou sobre este tema. Desta forma propusemo-nos a aferir uma escala sobre a ideação “paranóide” para duas amostras da população Portuguesa (uma amostra de estudantes e uma amostra da população geral). Os dados sugeriram que as adaptações da GPS de Fenigstein & Vanable (1992); da PC de Freeman e colegas (2005 *a*) e da PEPS (Ellet, Lopes e Chadwick, 2003) para o contexto Português foram bem sucedidas, já que por um lado os valores da consistência interna, da fiabilidade e da validade foram estatisticamente fortes, por outro lado os dados das amostras de estudantes Portugueses na PEPS são semelhantes aos observados pelos autores originais desta escala. Logo, o objectivo metodológico de aferir estas escalas foi alcançado.

58

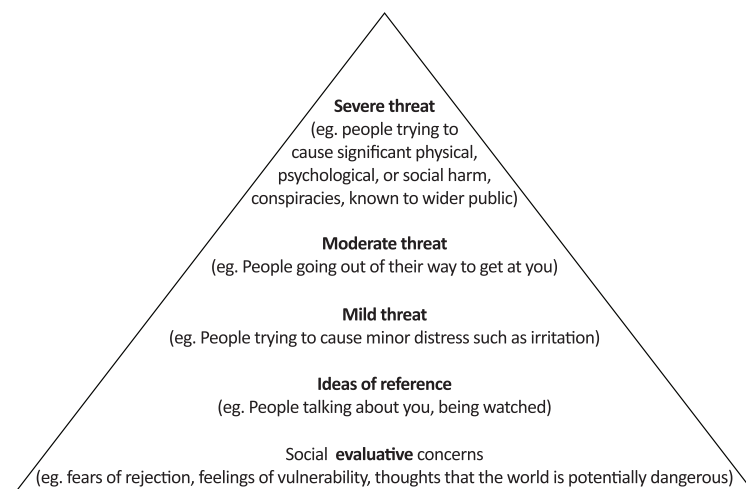
A importância a nível metodológico e conceptual da aferição de três medidas da paranóia sub-clínica diferentes é indiscutível, já que por um lado pode proporcionar um despertar de um interesse neste fenómeno, que tem sido largamente ignorado à escala nacional, por outro lado permite analisar o fenómeno da paranóia em termos de traços de personalidade, de crenças da malevolência dos outros e da frequência, convicção e transtorno da ideação paranóide, o que concede uma validade acrescida ao estudo da paranóia. Mais, ao utilizar três medidas diferentes para a paranóia poder-se-á comprovar estatisticamente que este fenómeno está presente no contexto nacional, ou seja, há uma proporção razoável de indivíduos Portugueses que relatam ideação relacionada com a sensibilidade interpessoal e sentimentos de rejeição e de ressentimento associados ao pensamento de que os outros lhes querem fazer mal de propósito (i.e. crenças “paranóides”).

Para além disso, pode-se constatar que as versões Portuguesas das medidas de vergonha interna a “Experience of Shame scale” (ESS) e de vergonha externa “Other as Shamer scale” (OAS); de traços, comportamentos e atitudes agressivas “Aggression Questionnaire” (AQ); de sensibilidade à crítica “Sensitivity to Put down”; de recordações de ameaça percebida na infância “The Early Life Experiences Scale” (ELES) e de recordações de experiências de *bullying* e assédio sexual “Bully/Victim Revised Questionnaire” (BVQ); de auto-percepções e reacções emocionais ao desempenho pessoal “Self-Perceptions and Emotional Reactions Questionnaire” (SPERQ); de paranóia social-estado “State Social Paranoia scale” (SSPS) e ainda de predisposição para as experiências alucinatórias “Launay Slade Hallucination Revised Scale” (LSHRS) apresentam boas qualidades psicométricas, visto que apresentam bons índices de validade e de consistência interna ao apresentarem alphas de Cronbach elevados e ao reproduzirem os resultados observados pelos autores originais das respectivas escalas. Por fim, tal como foi observado no contexto da literatura anglo-saxónica (Martin & Penn, 2001; Freeman e colegas, 2003), a ideação paranóide medida pela GPS está relacionada com variáveis de psicopatologia de foro afectivo, tais como depressão, a ansiedade e o *stress*. No nosso estudo, a depressão como emoção negativa tiveram uma enorme importância na explicação da variância da paranóia. A ansiedade e o *stress*, também têm o seu valor, mas o *stress* só se revelou importante quando se examinaram os valores da GPS numa população de não-estudantes. Sendo assim, pode-se afirmar que o nosso estudo replicou os resultados dos estudos ingleses, ao demonstrar que há uma relação evidente entre o afecto negativo (principalmente depressogénico e ansioso) e níveis elevados de paranóia.

Propomos que sejam feitos mais estudos que utilizem e adaptem as novas escalas de medição da paranóia numa população normal, numa perspectiva multi-dimensional.

ANEXO II

Figuras e tabela dos estudos da paranóia numa população não-clínica: influência das variáveis de *ranking*, familiares, psicológicas, afectivas e das experiências de *bullying*



*Adaptado com a permissão dos autores Freeman, D.; Dunn, G.; Garety, P.; Bebbington, P. E.; Slater, M. .; Kuipers, E; Fowler, D.; Green, C.; Jordan, J. & Ray, K. (2005)

Figura 1. A hierarquia da paranóia sub-clínica

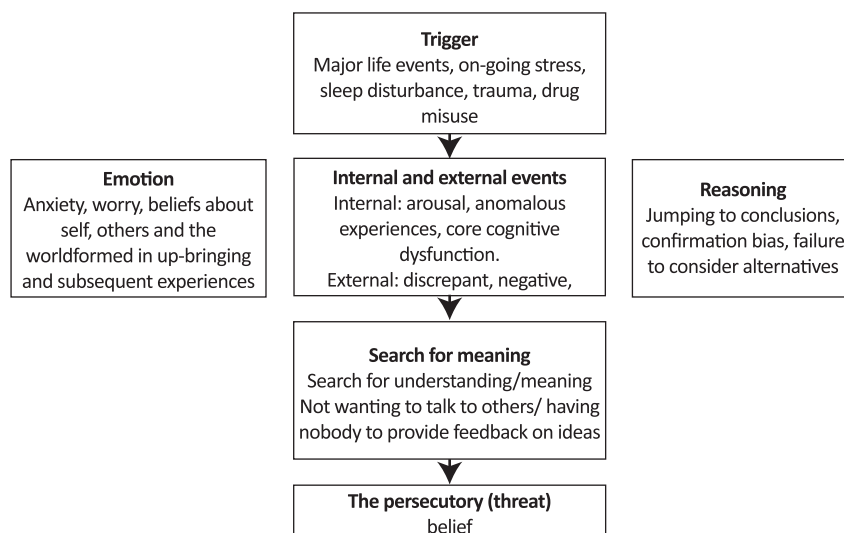


Figura 2. Factores por detrás do aparecimento dos delírios paranóides (Freeman e colegas, 2008)

Tabelas do estudo de adaptação da PEPS a duas amostras Portuguesas: estudantes e clínica

Tabela 1. Categorias para as questões 2, 2a) e 2b) da PEPS (Ellet, Lopes & Chadwick, 2003)

1) Eventos inesperados	2) Social e vinculação	3) Conspiração
Eventos negativos inesperados e incontroláveis	Sentimentos de rejeição, de ser excluído e avaliado negativamente pelos outros(as). A crença de ser diferente dos outros e que estes(as) não gostam de si.	Sentimentos de “perseguição” por parte dos outros e de ser desvalorizado e criticado pelos outros. Ideia de uma conspiração contra o próprio, i.e. alguém está a tentar fazer com que a pessoa seja mal sucedida e que falhe.

60

Tabela 2. Manual de codificação das respostas às questões 2, 2a) e 2b)

Não sabe	Eventos Inesperados	Rejeição por uma pessoa (rej1)	Rejeição por mais de uma pessoa (rej>1)	Conspiração por uma pessoa (Consp1)	Conspiração por mais de uma pessoa (Consp>1)
1	2	3	4	5	6

Tabela 3. Manual de codificação das respostas à questão 4a)

Não sabe	Mudança Cognitiva (Mudança de crença)	Racionalização (providencia uma explicação mais elaborada para a crença)	Repressão (tentativa de ignorar a crença e os sentimentos associados)	Nenhuma mudança
1	2	3	4	5

Tabela 4. Manual de codificação das respostas à questão 5

Não sabe	Injustiça Sentimento de ser vítima da malevolência dos outros ou das circunstâncias	Avaliação Situações de avaliação negativa, exep: receber nota baixa	Stress Muitas tarefas para desempenhar	Falta de controlo sentimentos de catatofização e de impotência	Ressentimento Sentimentos de hostilidade em relação aos outros exep “têm uma vida melhor que a minha”	Eventos inesperados Eventos negativos inesperados	Exclusão Ser rejeitado pelos outros, exep: os amigos não convidarem para festas	Nenhuma
1	2	3	4	5	6	7	8	9

Tabela 5. Manual de codificação das respostas às questões 7 e 8

Não sabe	Nada	Confrontação (exep: falar com o a pessoa que cometeu uma injúria propositada)	Racionalização (tentar elaborar uma explicação lógica para a crença)	Evitamento (exep: evitar a pessoa que cometeu a injúria)	Catarse (exep: chorar, gritar e outros comportamentos que exteriorizam os sentimentos)
1	2	3	4	5	6

Tabela 6. Manual de codificação das respostas às questões 1, 4, 6, 10, 12 e 14

Não	Sim
1	2

Dados descritivos da PEPS (versão Portuguesa)

No nosso estudo, tal como aconteceu com o estudo original da PEPS (Ellet, Lopes e Chadwick, 2003), a maioria dos participantes era do género feminino (n= 123 num total de 165). As duas amostras eram portanto semelhantes relativamente ao rácio de homens: mulheres e às idades (17-25). Observamos da mesma forma que Ellet, Lopes & Chadwick (2003), que as experiências de paranóia são frequentes numa amostra Portuguesa, visto que, do total de 165 estudantes da amostra, 63.6% (n= 105) relataram não terem experiências de paranóia nem crenças paranóides, sendo por conseguinte classificados como o “Grupo Não-Paranóide”

(GNP); 33.3%(n= 55) relataram experiências de paranóia e a crença paranóide que as outras pessoas estavam *de forma intencional e propositada* a tentar magoá-los (as) de alguma forma, sendo por conseguinte, classificados de “Grupo Paranóide”(GP). Constatou-se que muito poucos indivíduos faziam parte do “Grupo Ambíguo” (GA) (só n= 5, 3%), o que quer dizer que foi raro a nossa amostra apresentar indivíduos que identificam as suas experiências como sendo paranóia sem apresentarem, no entanto, a crença da intencionalidade da malevolência dos outros. Este grupo deveria, segundo Ellet e colegas (2003), apresentar outro tipo de pensamentos que não aqueles que são claramente paranóides. Dado o facto do GA ser constituído só por cinco indivíduos, decidiu-se não o incluir nas análises.

Análise e teste da fidelidade entre observadores para as categorias da PEPS

Foi feito um teste de fidelidade entre os observadores para as categorias da PEPS. Todas as respostas dadas pelos participantes foram codificadas por outro investigador que não estava por dentro dos objectivos investigação. O objectivo consistia em verificar, se o investigador nº2 codificava os dados qualitativos da mesma maneira que os investigadores que adaptaram esta escala. Para as questões 2,2a,2b o valor kappa era de $\alpha= 0,97$, o que indicou consistência inter-observacional na codificação das respostas. Para a questão número 4 e para a questão número 5, o nível de entendimento e consistência entre as codificações dos investigadores foi bom, o valor kappa era de $\alpha= 0.95$ e, finalmente, para as questões 7 e 8, o valor kappa era de $\alpha= 0.97$ o que indicava que as categorias tinham sido bem escolhidas porque os observadores concordavam entre eles sobre a categorização das respostas. Para além disso, neste estudo, tal como no caso de Ellet, Lopes e Chadwick (2003), foi feita outra análise da fidelidade entre observadores onde se usou outro investigador ainda para classificar cem participantes à sorte segundo a pertença destes(as) a um dos três grupos. Verificou-se que havia um kappa de 0.97 o que indicava um nível bastante bom de consistência e de entendimento entre os codificadores. Isto, quer dizer que este investigador, alheio ao interesse e objectivo da investigação, foi capaz de identificar e de separar (com a ajuda de instruções que lhe foram dadas como por exemplo, o facto da crença da intenção da malevolência dos outros contra si próprio ter que ser explícita para ser classificado como paranóide) correctamente os participantes que eram paranóides, dos não-paranóides, e dos ambíguos, estando de acordo com a classificação feita pelos autores deste estudo.

Estes resultados indicam, portanto, que a adaptação e a tradução da escala foram bem conseguidas e que as categorias eram apropriadas para as respostas, independentemente da língua em que foram concebidas.

Análise da Validade Convergente entre a PEPS e a GPS numa amostra Portuguesa de estudantes

Relativamente à validade convergente, tal como foi feito por Ellet, Lopes & Chadwick (2003), procedeu-se primeiro a uma análise das médias e dos desvios padrão dos três grupos em relação às suas pontuações na GPS de Fenigstein & Venable (1992). Tal como se pode constatar na tabela 3, os Não-Paranóides (NP) apresentam os seguintes valores: M= 41.12; DP= 8.396; n= 105 (valor mínimo= 20 *versus* máximo= 100; variância: 23-68) na GPS. Por outro lado, o GP apresenta os seguintes valores: M= 50.56; DP= 9.138; n= 55 (valor mínimo= 20 *versus* máximo= 100; variância: 33-73) na GPS e por último o GA apresenta os seguintes valores: M= 37.00; DP= 5.099; n= 5 (valor mínimo= 20 *versus* máximo= 100; variância: 31-45) na GPS de Fenigstein e Venable (1992) (tabela 7).

Tabela 7. Médias, desvios padrões com variações das pontuações dos três grupos da PEPS (versão Portuguesa) na GPS (versão Portuguesa)

	NP*	GP*	GA*
	M DP Variância	M DP Variância	M DP Variância
GPS	41.12 (8.396) (23-68)	50.56 (9.138) (33-73)	122,92 (5.099) (31-45)

* NP – Não-Paranóide GP – Grupo Paranóide GA – Grupo Ambíguo

Em segundo lugar, de modo a avaliar se existe uma validade convergente entre esta escala e a Escala Geral da Paranóia (Fenigstein e Vanable, 1992), fez-se uma análise de variância (ANOVA) de modo a constatar se existem diferenças significativas entre o grupo Não-Paranóide, o Grupo Paranóide e o Grupo Ambíguo quanto às suas pontuações na *Escala Geral da Paranóia*. Esperava-se, tal como foi observado no estudo de Ellet, Lopes e Chadwick (2003), que o Grupo Paranóide pontuasse significativamente acima dos outros dois grupos na GPS (versão Portuguesa). De facto, a análise da variância apresentou uma diferença significativa entre os grupos ($F(2,164) = 23.592, p < .001$). Esta estatística revelou que os grupos não pontuavam da mesma maneira na GPS.

De modo a analisar em maior profundidade as diferenças entre os grupos, fez-se o teste Post-Hoc Tukey HSD. Este teste revelou que o Grupo Paranóide (GP) pontua significativamente mais alto que o Grupo Ambíguo (GA) ($t = 13.56364, p < .005$) e que o grupo Não-Paranóide (NP) ($t = 9.43983, p < .001$) na Escala Geral da Paranóia (tabela 8). Este resultado significa, então, que existe uma validade convergente entre a GPS e o PEPS, pois aqueles que são classificados como paranóides são também os que obtêm as pontuações mais elevadas na GPS. Por outro lado, aqueles que não são classificados como sendo paranóides obtêm as pontuações mais baixas na GPS. Os indivíduos classificados no Grupo Ambíguo não apresentam ideação paranóide e não demonstram portanto pontuações muito elevadas na GPS, sendo, assim, os indivíduos que apresentam os valores medianos nesta escala, entre 31-45. Deste modo, verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o Grupo Ambíguo e o Não-Paranóide ($t = -4.12381, n.s.$), ao contrário do que foi observado no estudo de Ellet, Lopes & Chadwick (2003) em que o grupo ambíguo apresentava significativamente pontuações mais elevadas do que o grupo não-paranóide na versão Portuguesa da GPS de Fenigstein e Vanable (1992). No entanto, o facto de neste estudo não existirem diferenças entre estes dois grupos, está relacionado com o número baixo de indivíduos classificados no Grupo Ambíguo, ao contrário do que aconteceu no estudo de Ellet et al. (2003). Estes autores verificaram num grupo de estudantes Ingleses que o Grupo Ambíguo tinha pontuações significativamente mais altas que o grupo Não-Paranóide, mas tinham também pontuações significativamente mais baixas que o Grupo Paranóide, situando-se, portanto, nos valores médios da distribuição das pontuações da GPS. Pode-se afirmar que no estudo original foi observado o mesmo tipo de distribuição das pontuações para este grupo no contexto Português, tendo em conta que estes indivíduos pontuam a meio da escala.

Tabela 8. Diferenças entre os Grupos do PEPS: Não-Paranóide; Grupo Paranóide e Grupo Ambíguo nas suas pontuações na GPS numa amostra de estudantes Portugueses

Grupos	t	P
GP x NP	9.43983	0.000**
NP x GP	-9.43983	0.000**
GA x GP	-13.56364	0.003*
GP x GA	13.56364	0.008*
NP x GA	4.12381	.547

GP (Grupo Paranóide); NP (Não-Paranóide); GA (Grupo Ambíguo) ; ** $p < 0.01$ * $p < 0.05$ n.s. não-significativo

Perfil Cognitivo do Grupo Paranoíde da PEPS

Nesta secção dos resultados, os autores deste estudo, ao seguirem o procedimento de Ellet et al. (2003), concentram-se naqueles 55 indivíduos que relatam claramente terem pensamentos paranoídes ao descreverem a percepção da *malevolência* propositada dos outros em relação a eles (as) (Freeman e Garety, 2000), de modo a que seja possível construir um perfil cognitivo, comportamental e emocional das experiências destes participantes.

As situações que os participantes descreviam em que experienciavam paranóia (pergunta 2) eram classificadas em cinco categorias: *eventos inesperados*; *rejeição por uma pessoa* (Rej1); *rejeição por várias pessoas* (Rej<1); *conspiração por uma pessoa de modo a prejudicar e a impedir o sucesso pessoal* (Consp 1) e *conspiração por várias pessoas de modo a prejudicar e a impedir o sucesso pessoal* (Consp<1).

Só duas pessoas relataram eventos inesperados (3.6%) (exemplo: “tive má nota num projecto quando tinha a certeza que iria ser bem sucedido”) enquanto 3 pessoas relataram experiências de rejeição por uma pessoa (5.4%); 7 pessoas relataram experiências de rejeição por várias pessoas (12.5%) como, por exemplo: “os meus amigos deixam-me de fora das actividades sociais” (participante nº 47); 23 participantes (41.1%) relataram experiências de conspiração por parte de um indivíduo, normalmente, de estatuto superior ao deles(as) que tentava impedir que eles(as) tivessem sucesso como, por exemplo, “o meu professor deu-me uma nota baixa de propósito porque não gostava de mim, tentando prejudicar-me” (participante nº11) e, por fim, 21 indivíduos (37.5%) relataram experiências de conspiração por parte de várias pessoas que tinham como objectivo impedir o sucesso ou de tramá-los(as) como, por exemplo, “em questões de escola ou da família quando mentem sobre mim e fazem acusações de propósito sobre mim para me magoarem” (participante nº49). Como se pode constatar, a maior parte dos indivíduos relata experiências de conspiração, em que sentem que os outros estão de conluio entre eles(as) para os magoarem de propósito e para impedirem o seu sucesso e bem-estar.

Quando se perguntava aos participantes de que maneira é que os outros estavam a tentar magoá-los(as) de propósito (pergunta 2a), as suas respostas eram classificadas com as mesmas categorias da pergunta anterior, tirando uma categoria nova que era a do “Não sabe”. As repostas dadas foram as seguintes: ou que não sabiam (2 participantes: 3.6%); ou que eram alvo de eventos inesperados e incontroláveis (1 participante: 1.8%); ou que eram rejeitados por alguém (5 participantes: 8.9%); ou que eram rejeitados por várias pessoas que não gostavam deles (6 participantes: 10.7%); ou que eram vítimas de uma conspiração de uma pessoa mal intencionada (20 participantes: 35.7%) ou, finalmente, que eram vítimas de uma conspiração por parte de várias pessoas mal intencionadas (22 participantes: 39.3%).

Na pergunta 2b, quando era perguntado aos participantes qual era a razão por detrás do mal provocado intencionalmente pelos outros contra eles(as) (i.e. da *malevolência*), as suas respostas foram codificadas da mesma maneira que na pergunta anterior. Deste modo, 8 participantes (14.3%) não sabiam a razão por detrás do comportamento maldoso dos outros contra eles(as); 1 participante (1.8%) achava que era uma situação inesperada que não iria voltar a acontecer; 5 participantes (8.9%) achavam que, por detrás da *malevolência* dos outros, estava a rejeição por parte de uma pessoa em particular, enquanto 6 participantes (10.7%) achavam que, por detrás do mal provocado de forma intencional, estava a rejeição por várias pessoas e, como foi visto em respostas anteriores, a maioria dos participantes (17 participantes: 30.4%) achava que a causa do mal provocado pelos outros e a maneira como ele foi provocado tinha a ver ou com uma conspiração feita por um indivíduo de estatuto superior ao deles(as),

ou com uma conspiração feita por vários indivíduos com o intuito de prejudicá-los (19 participantes: 33.9%).

Na pergunta 3, os participantes tinham que indicar o quanto eles(as) acreditam nas suas crenças paranóides, ou seja, o quanto é que eles(as) acham que as explicações dadas por eles(as) para o comportamento dos outros são verdadeiras ou falsas. Aqui, os participantes têm que escolher uma opção de uma escala de Likert de “1= definitivamente falsa a 5= definitivamente verdadeira”. Só 4 indivíduos (7.1%) achavam que as suas explicações paranóides para os comportamentos maliciosos dos outros eram provavelmente falsas. Por outro lado, 17 indivíduos (30.4%) não tinham a certeza se as suas explicações eram verdadeiras ou falsas. No entanto, a maior parte dos participantes continuava a acreditar que os outros lhes fizeram mal de propósito, já que 28 participantes (50%) achavam que as suas explicações paranóides relativamente à malícia e ao propósito intencional do acto feito contra eles(as) eram provavelmente verdadeiras e 7 participantes (12.5%) acreditavam veementemente nas suas explicações paranóides em relação ao comportamento dos outros, pois achavam que as suas crenças eram definitivamente verdadeiras. Como se pode constatar, as crenças paranóides tendem a ser rígidas e não são facilmente alteradas, podendo ser muito persistentes, especialmente, se o sujeito paranóide acredita nelas.

64

De facto, na pergunta nº4, quando se pergunta aos participantes se eles(as) alteraram a explicação para o acontecido, o que se observou foi que a maior parte dos participantes continuam convictos das suas crenças paranóides da malevolência propositada do outro ou dos outros contra eles(as). Dos 55 participantes paranóides, 51 (91.1%) continuam a acreditar nas suas crenças paranóides da intenção propositada dos outros lhes fazerem mal, enquanto só 5 participantes é que entretanto mudaram de ideais e encontraram outras explicações para as suas experiências (8.9%).

Para aqueles 5 participantes que encontraram outras explicações para o acontecido, foi observado na pergunta 4a, que 3 participantes (75%) pura e simplesmente mudaram de crença (como por exemplo, uma participante que achava que não era tão boa naquilo que fazia quanto pensava e usou isso como justificação para a rejeição e exclusão que sofria) enquanto 1 participante (25%) tentou racionalizar e encontrar explicações mais racionais para o acontecido (“ talvez naquela altura andasse nervoso e isso fizesse com que achasse que estava tudo a correr mal”).

A pergunta nº5 questionou os participantes sobre em que circunstâncias é que eles(as) experimentam sentimentos e pensamentos semelhantes aos que foram referidos anteriormente. Para esta pergunta haviam nove categorias: “não sabe”; “injustiça”; “situações de avaliação”; “stress”; “falta de controlo”; “ressentimento”; eventos inesperados”; “exclusão” e “nenhuma”. Dos 55 participantes paranóides, 11 dizem que não sabem (19.6%); 8 apresentam situações onde se sentem injustiçados (14.3%) (exemplo: “ o professor sabe que eu sou mais capaz que a minha colega e que esta copiou e mesmo assim ele deu-lhe melhor nota”); 6 apresentam situações de avaliação, como por exemplo fazer um exame (10.7%); outros 5 apresentam situações de stress, quando têm muitas coisas a acontecer nas vidas deles(as) e sentem-se cansados, fatigados e “engolidos” pela vida (8.9%); 4 apresentam situações de falta de controlo, onde não conseguem equilibrar várias áreas das suas vidas (exemplo: “sinto que a minha vida está um caos”) (7.1%); outros 4 apresentam situações de ressentimento, onde eles(as) se sentem amargurados (exemplo: “parece que as outras pessoas obtêm as oportunidades todas, embora eu trabalhe imenso”) (7.1%); outros 4 ainda falam de eventos inesperados que suscitam este tipo

de pensamentos (7.1%); 10 participantes apresentam situações de exclusão como antecedentes de pensamentos paranóicos (exemplo: “os meus amigos quando sabem que eu quero sair com eles, não me telefonam”) (17.9%) e 4 participantes apresentam a opção de “nenhuma situação” (7.1%). Como se pode constatar, a maioria dos participantes acha que a exclusão dos outros ou as situações em que se sentem injustiçados(as) são os antecedentes mais prováveis dos pensamentos e sentimentos paranóides.

Deve-se notar que a pergunta nº 13 aborda o estilo cognitivo da paranóia e, como tal, está presente nesta parte dos resultados, não seguindo, assim, a ordem natural das perguntas do questionário. Esta pergunta é baseada na teoria do Trower & Chadwick (1996) de haver dois tipos de paranóia clínica: a “*bad me* – má pessoa” e a “*poor me* – coitado de mim”. Segundo estes autores, aqueles que apresentam o estilo da “*bad me*” apresentam também baixa auto-estima. Deste modo, o estudo de Ellet, Lopes & Chadwick (2003) tencionava encontrar a diferença entre estes dois tipos de paranóia numa população normal e, conseqüentemente, relacionar o estilo “*bad me*” com níveis baixos de auto-estima. Neste estudo, o objectivo era o de observar se existem dois tipos de paranóia numa população de estudantes Portugueses.

A pergunta questionou os participantes sobre o quanto é que eles(as) acreditavam merecer serem maltratados intencionalmente pelo(s) outro(s). Os participantes tinham que escolher uma opção de cinco de uma escala de Likert desde “1= totalmente não-merecido a 5= totalmente merecido”. Dos 55 participantes, 41 responderam que a malevolência intencional do(s) outro(s) contra eles(as) era totalmente não-merecida (73.2%); 9 participantes achavam que era mais ou menos não merecido (16.1%); 5 participantes não tinham a certeza se mereciam, ou não, serem maltratados pelos outros (8.9%) e só 1 participante é que achava que merecia mais ou menos ser maltratado pelos outros (1.8%). Como se pode então constatar pelos resultados, a maior parte dos participantes no nosso estudo achava que não merecia ser maltratado intencionalmente pelos outros. Ou seja, estes participantes apresentam na sua grande maioria um estilo paranóide consistente com o “*poor me*”. Este estilo é caracterizado por sentimentos de ressentimento e de agressividade (Trower & Chadwick, 1995) pois, os indivíduos paranóides acham que foram injustiçados e que não mereciam serem vítimas de comportamentos mal-intencionados dos outros.

Perfil Comportamental do Grupo Paranóide da PEPS

Na pergunta nº6 é perguntado aos participantes se eles(as) agiram sob a circunstância de serem vítimas de comportamentos mal intencionados dos outros. Dos 55 participantes, 30 responderam que “não” (53.6%), enquanto 26 participantes responderam que “sim” (46%).

A pergunta 7 perguntava aos participantes o que é que tencionavam fazer perante a percepção da malevolência dos outros contra eles(as). As respostas eram categorizadas em seis categorias: “não sabe”; “nada”; “confrontar”; “evitar”; “racionalizar”; “ter uma catarse” (chorar, gritar, etc.) “.

Dois participantes afirmaram que não sabiam o que fazer (3.6%); enquanto 14 participantes disseram que não tencionavam fazer nada (25%); por outro lado, 31 participantes gostariam de confrontar os outros (55%). Por outro lado, só 3 participantes gostariam de racionalizar a situação (5.4%), enquanto 6 participantes gostariam de evitar os outros (10.7%). Portanto, parece que os participantes do grupo paranóide ou gostariam de confrontar aqueles que eles(as) acham que lhes fizeram mal de propósito, ou gostariam de evitá-los e de não fazer nada.

Por conseguinte, a pergunta nº8 questiona os participantes sobre o que é que realmente fizeram perante a percepção da malevolência dos outros contra eles(as). As categorias para as respostas são iguais às da pergunta anterior. Aqui, 30 participantes (53.6%) responderam que não fizeram nada, enquanto 23 participantes responderam que confrontaram abertamente as pessoas envolvidas (41.1%) e só 1 participante respondeu que evitou a situação (1.8 %) e outro respondeu que racionalizou (1.8%).

Ao contrário dos resultados obtidos por Ellet et al. (2003), neste estudo não há uma grande discrepância entre aquilo que os participantes tencionavam fazer e o que realmente fazem. Parece que se eles(as) são apáticos, realmente não fazem nada, mas se já estavam a pensar em confrontar, então partem para a exteriorização dos sentimentos. De facto, só 14.3% dos 55.4% dos participantes que tencionavam confrontar é que efectivamente não confrontam e não fazem nada; logo, uma grande parte dos indivíduos paranóides exterioriza activamente os seus sentimentos, através da confrontação verbal por exemplo, enquanto a outra parte suprime, reprimindo.

Perfil Emocional do Grupo Paranóide da PEPS

A pergunta nº9 questiona os participantes sobre o quanto é que estes sentimentos e pensamentos paranóides os preocupavam. Os participantes tinham que escolher uma opção de 5 de uma Escala de Likert de “1= nada a 5= muitíssimo”. Verificou-se que só um participante respondeu que os pensamentos não o afectavam (1.8%); 3 participantes relatam que este tipo de pensamentos os afectava muito pouco (5.4%); por outro lado, 22 participantes reconhecem que estes pensamentos os afectavam um pouco (39.3%); mais, 22 participantes reconhecem que estes pensamentos os afectavam bastante (39.3%) e 8 participantes reconhecem que estes pensamentos os afectavam muitíssimo (14.3%). No geral, parece que os participantes eram afectados emocionalmente de forma moderada pelos pensamentos e sentimentos paranóides. Como seria de esperar, ao apresentarem este tipo de pensamentos, estes irão afectá-los emocionalmente, já que a parte afectiva parece ser um factor importante em ter em conta relativamente à persistência dos mesmos (Freeman & Garety, 2003). A pergunta nº 10 questionou os participantes se tinham tido este tipo de pensamentos no mês passado. Dos 55 participantes, 35 afirmaram que “não” (62.5%), enquanto 21 participantes afirmaram que “sim” (37.5%).

De seguida, a pergunta nº 11 questionou os participantes sobre quão forte foi o impacto destes pensamentos paranóides neles(as) próprios. Os participantes tinham que escolher uma opção de cinco de uma escala de Likert de “1= nenhum a 5= Severo”. Dos 55 participantes, 4 responderam que os pensamentos não tiveram impacto nenhum (7.1%); 7 participantes responderam que os pensamentos tiveram um impacto muito moderado (12.5%); 28 participantes responderam que os pensamentos tiveram um impacto moderado (50%); 15 participantes responderam que os pensamentos tiveram um impacto bastante forte (26.8%) e, por fim, dois participantes responderam que os pensamentos tiveram um impacto severo (3.6%). Deste modo, pode-se constatar que a presença dos pensamentos paranóides tem um impacto emocional moderado a forte nos participantes. Portanto, este resultado está de acordo com a relevância dos aspectos afectivos e cognitivos para uma compreensão ampla e rica da etiologia da paranóia.

A pergunta nº 12 questionou os participantes se tiveram humor depressivo e ansioso logo a seguir a terem este tipo de pensamentos. Dos 55 participantes, 24 responderam que “não” (42.9%), enquanto 32 responderam que “sim” (57.1%). Isto, quer dizer que, a paranóia parece

estar efectivamente relacionada com a depressão e a ansiedade, para além de estar relacionada também com a agressividade e a frustração (ver Ellet, Lopes & Chadwick, 2003). Por fim, a pergunta nº 14 questionou os participantes se contaram a alguém sobre aquilo que se passou com eles. Dos 55 participantes, 7 disseram que “não” (12.5%), enquanto a maioria disse que “sim” (49: 87.5%). O facto de os participantes contarem a alguém sobre as suas experiências pode ser positivo, visto que pode ajudar a que estes (as) não ruminem sobre o assunto.

Tabela 10. Percentagens dos estudantes e da amostra clínica para as perguntas 2, 2a e 2b ESTUDANTES

Itens	Não sabe	Eventos Inesperados	Rejeição por uma pessoa (rej1)	Rejeição por mais de uma pessoa (rej>1)	Conspiração por uma pessoa (Consp1)	Conspiração por mais de uma pessoa (Consp>1)
2	-----	3.6%	5.4%	12.5%	41.1%	37.5%
2 a)	3.6%	1.8%	8.9%	10.7%	36.7%	39.3%
2 b)	14.3%	1.8%	8.9%	10.7%	30.4%	33.9%

Itens	Não sabe	Eventos Inesperados	Rejeição por uma pessoa (rej1)	Rejeição por mais de uma pessoa (rej>1)	Conspiração por uma pessoa (Consp1)	Conspiração por mais de uma pessoa (Consp>1)
2	-----	-----	7%	23.3%	37.2%	32.6%
2 a)	-----	-----	4.7%	20.9%	39.5%	34.9%
2 b)	16.3%	-----	20.9%	23.3%	14.0%	15.6%

Tabela 11. Médias e desvios padrões para os itens de resposta numa escala de Likert

Estudantes

Itens	Média	DP
3	3.678	.7887
9	3.589	.8692
11	3.071	.9116
13	1.392	.7305

Amostra Clínica

Itens	Média	DP
3	4.23	1.1092
9	4.13	1.1868
11	4.11	1.0283
13	1.23	.71837

Tabela 12. Percentagens para as questões de resposta “fechada” do PEPS

Estudantes

Itens	Percentagens		
	Sim	Não	Total
1	35.2%	64.8%	165
4	8.9%	91.1%	56
6	46.4%	53.3%	56
10	37.5%	62.5%	56
12	57.1%	42.9%	56
14	87.5%	12.5%	56

*Note que dos 35.2% dos estudantes que responderam que “sim” à experiência de sentimentos e crenças paranóides, 33.3% foram classificados como pertencendo ao Grupo Paranóide e 3% foram classificados como pertencendo ao Grupo Ambíguo.

Amostra Clínica

Itens	Percentagens		Total
	Sim	Não	
1	70.5%	29.5%	61
4	25.6%	74.4%	43
6	48.8%	51.1%	43
10	69.8%	30.2%	43
12	90.7%	9.3%	43
14	58.1%	41.9%	43

* Note que dos 70.5% dos participantes da amostra clínica que responderam que “sim” à experiência de sentimentos e crenças paranóides, 49.18% foram classificados como pertencendo ao Grupo Paranóide e 22.95% foram classificados como pertencendo ao Grupo Ambíguo.

Tabela 13. Percentagens para as respostas à questão 4 a) Estudantes

Item	Categorias				Total
	Mudança Cognitiva	Racionalização	Repressão	Nenhuma Mudança	
4 a)	75%	25%	0	0	4

Amostra Clínica

Item	Categorias				Total
	Mudança Cognitiva	Racionalização	Repressão	Nenhuma Mudança	
4 a)	72.7%	27.3%	0	0	11

Tabela 14. Percentagens para as respostas à questão 5 Estudantes

Item	Categorias									Total
	Não sabe	Injustiça	Avaliação	Stress	Falta de controlo	Ressentimento	Inesperado	Exclusão	Nada	
Item 5	19.6%	14.3%	10.7%	8.9%	7.1%	7.1%	7.1%	17.9%	7.1%	56

Amostra Clínica

Item	Categorias									Total
	Não sabe	Injustiça	Avaliação	Stress	Falta de controlo	Ressentimento	Inesperado	Exclusão	Nada	
Item 5	37.2%	2.3%	14%	14%	7%	9.3%	0	9.3%	16.3%	43

Tabela 15. Percentagens para as questões sobre comportamentos (itens 7 e 8) Estudantes

Itens	Categorias					Total
	Nada	Confrontação	Racionalização	Evitamento	Não sabe	
7	25%	55.4%	5.4%	10.7%	3.6%	56
8	53.6%	41.1%	1.8%	1.8%	1.8%	56

Amostra Clínica

Itens	Categorias					Total
	Nada	Confrontação	Racionalização	Evitamento	Não sabe	
7	27.9%	53.5%	7.0%	4.7%	7%	43
8	51.2%	41.9%	-----	-----	7%	43

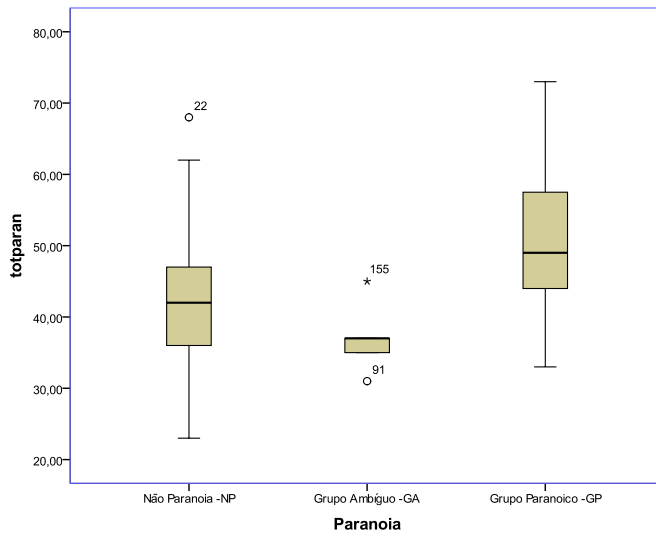
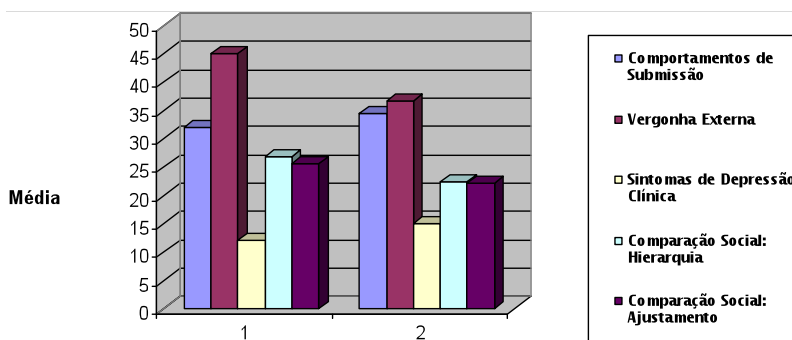


Figura 3. Médias da paranóia geral dos Grupos Não-Paranoíde, Paranoíde e Ambíguo da população de estudantes

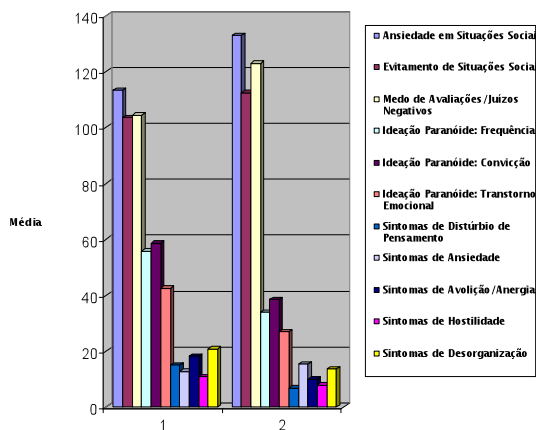
ANEXO III

Figuras e estatística descritiva do *bullying* no local do trabalho dos estudos das comparações entre a esquizofrenia paranóide e a ansiedade social relativamente às variáveis de *ranking*, psicológicas, afectivas e familiares: influências das experiências traumáticas e do *bullying* na paranóia



Esquizofrenia Paranóide Ansiedade Social

Figura 1. Diferenças entre o Grupo de Esquizofrenia Paranóide e de Ansiedade Social para os comportamentos de submissão (SBS); vergonha externa (OAS); depressão clínica (BDI) e as dimensões de hierarquia e de ajustamento social da comparação social (SCS)



Esquizofrenia Paranóide Ansiedade Social

Figura 2. Diferenças entre o Grupo de Esquizofrenia Paranóide e o Grupo de Ansiedade Social para as dimensões de ansiedade/transtorno e evitamento da EAESDIS; o “medo das avaliações negativas” (FNE); as dimensões de ideação paranóide (frequência, convicção, transtorno-PC) e as dimensões da BPRS (distúrbio de pensamento, ansiedade, anergia/avolição, desorganização e hostilidade)

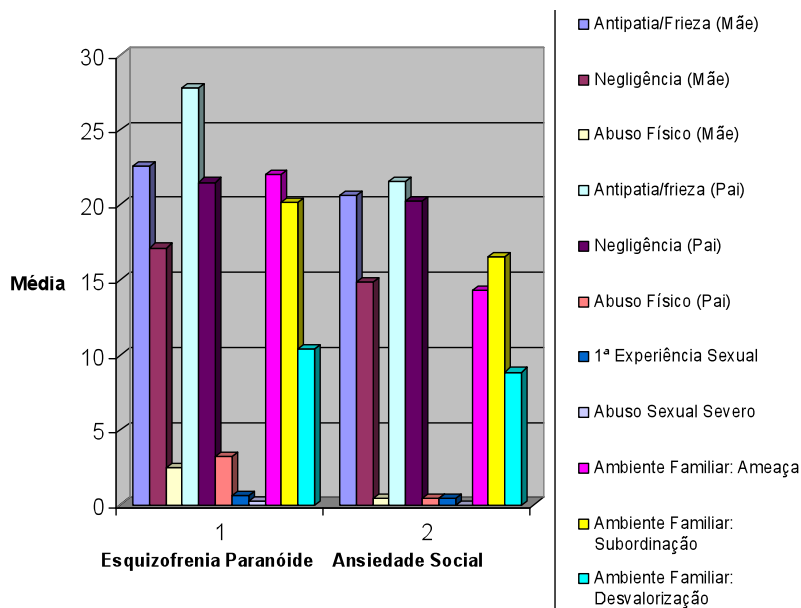


Figura 3. Diferenças entre o Grupo de Esquizofrenia Paranóide e o Grupo de Ansiedade Social para as dimensões de abuso da CECA.Q e as recordações de ameaça percebida na infância da ELES

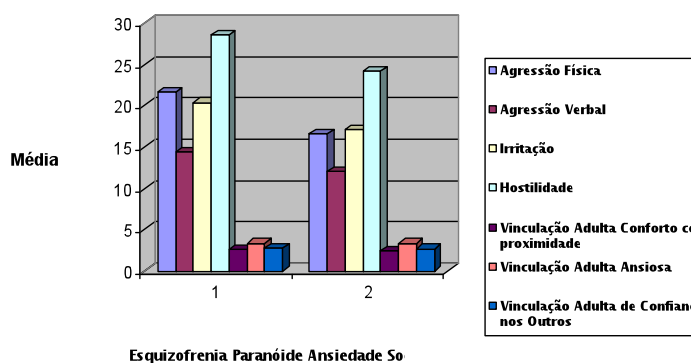


Figura 4. Diferenças entre o Grupo de Esquizofrenia Paranóide e o Grupo de Ansiedade Social para os tipos de vinculação adulta (EVA) e as dimensões da agressividade temperamental (AQ)

Estadística descritiva para o *bullying* no trabalho

Relativamente ao *bullying* no trabalho, observou-se que muitos poucos indivíduos reconheciam terem sido vítimas de *bullying* por colegas de trabalho. De facto da amostra total de 61 indivíduos, só 16 (26.22%) ou seja 38.09% dos 42 indivíduos que relataram terem sido vítimas de *bullying* na escola afirmaram terem sido também vítimas de *bullying* no local do trabalho. Por outro lado 29 (47.54%) indivíduos da amostra total relataram nunca terem sido vítimas de *bullying* no local de trabalho. Dos 16 indivíduos que reconheceram terem sido vítimas de *bullying* no local do trabalho, 11 (68.75%) apresentavam um diagnóstico de esquizofrenia paranóide e 5 (31.25%) apresentavam um diagnóstico de ansiedade social. Não se registou uma diferença estatisticamente significativa entre o grupo de esquizofrenia paranóide e o grupo de ansiedade social relativamente à vitimação por *bullying* no local de trabalho ($\chi^2 = (1, 45) = 1.225, p = .268$).

No entanto, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os indivíduos classificados como vítimas de *bullying* no local de trabalho (grupo de vítimas de *bullying* no local de trabalho) e os indivíduos classificados como não-vítimas de *bullying* no local de trabalho (grupo de não-vítimas de *bullying* no local de trabalho) relativamente à idade ($t(43) = -2.516, p < 0.020$) e estado civil ($\chi^2(1, 45) = 10.190, p = .037$). Observou-se também uma diferença quase estatisticamente significativa entre o grupo de vítimas de *bullying* no local de trabalho versus o grupo de não-vítimas de *bullying* no local de trabalho para o estatuto sócio-económico ($\chi^2(1, 45) = 10.917, p = .053$). Os indivíduos do grupo das vítimas de *bullying* no local de trabalho eram mais velhos (idade: $M = 38.37$) do que os indivíduos do grupo de não-vítimas de *bullying* no local de trabalho (idade: $M = 30.89$). O grupo de vítimas de *bullying* no local de trabalho apresentou também um número mais elevado de indivíduos casados e com um estatuto sócio-económico mais elevado do que o grupo de não-vítimas. Um teste *chi-quadrado* sugere que o grupo de vítimas de *bullying* no local de trabalho apresentou índices mais elevados de pensamentos e comportamentos hostis da BPRS do que o grupo de não-vítimas de *bullying* no local de trabalho e esta diferença era estatisticamente significativa ($\chi^2(1, 14) = 24.384, p = .041$). Deve-se notar que dos 16 indivíduos que reconheceram terem sido vítimas de *bullying* no local de trabalho, 14 (87.5%) relataram que eram vítimas de *bullying* pelos seus colegas de trabalho enquanto só 2 (12.5%) relataram que eram vítimas de *bullying* perpetrado pelos seus patrões. Os locais onde o *bullying* ocorria no local de trabalho eram os seguintes: escritórios ($n = 7; 4.2\%$); armazéns ($n = 4; 2.4\%$); fábricas ($n = 2; 1.2\%$); recepções ($n = 1, 0.6\%$) e campos agrícolas ($n = 1; 0.6\%$).

ANEXO IV

Figuras do estudo experimental da paranóia vs. ansiedade social: vulnerabilidades psicológicas, reacções paranóides e emocionais negativas vs. positivas e diferentes atribuições ao sucesso vs. insucesso pessoal num jogo de computador

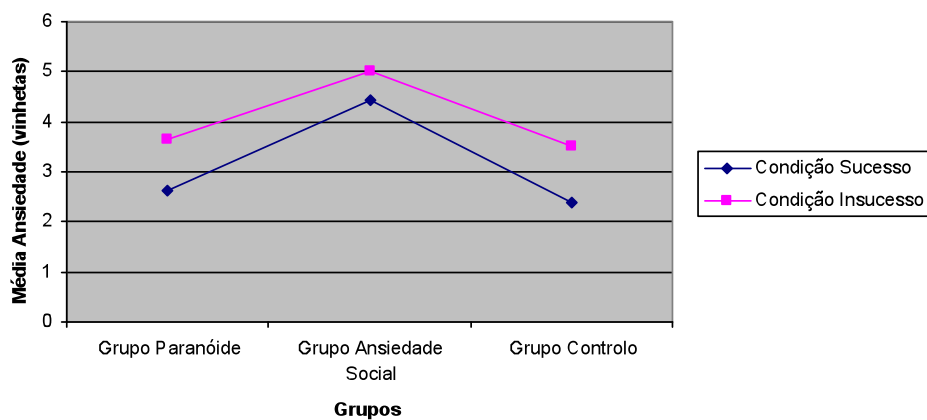


Figura 1. Médias da ansiedade subjectiva(vinhetas) dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

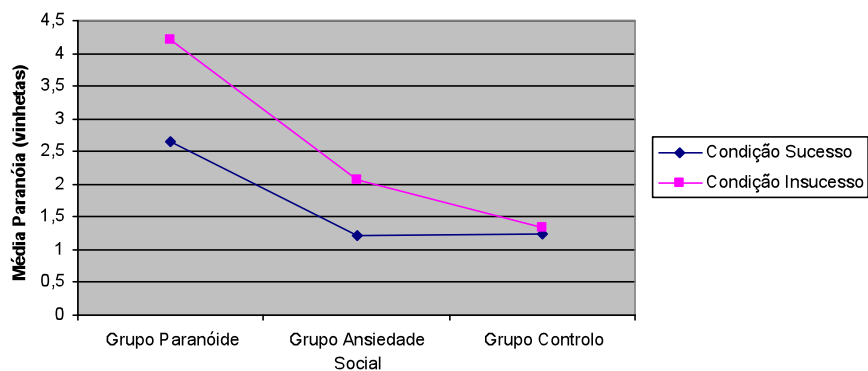


Figura 2. Médias da paranóia (vinhetas) dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

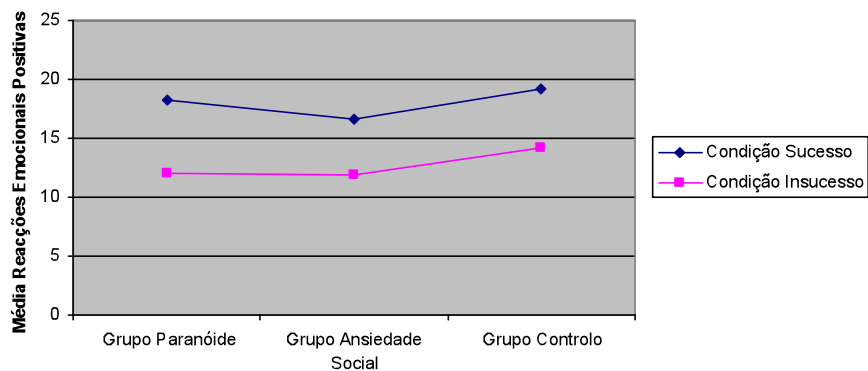


Figura 3. Médias das reacções emocionais positivas (SPERQ) dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

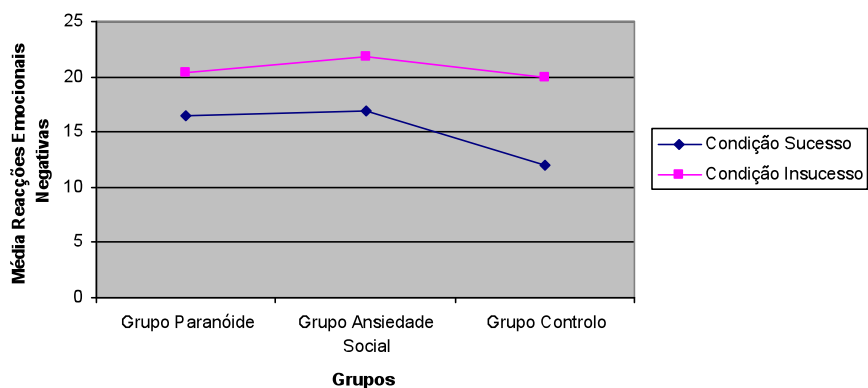


Figura 4. Médias das reacções emocionais negativas (SPERQ) dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

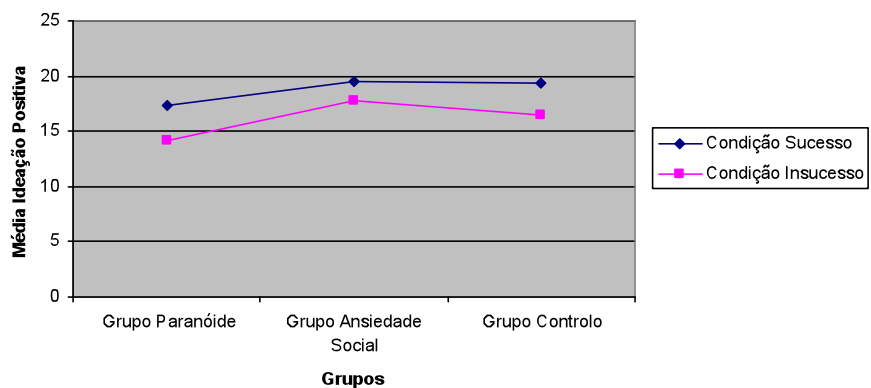


Figura 5. Médias das ideias positivas relativas aos comportamentos dos outros (SSPS) dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

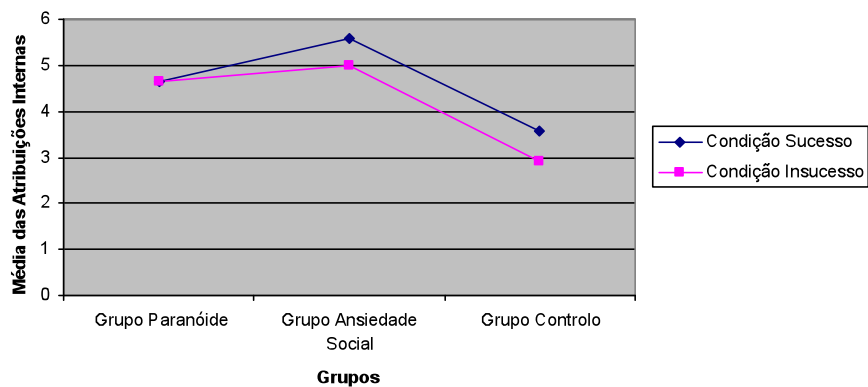


Figura 6. Médias das atribuições internas das causas do desempenho dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

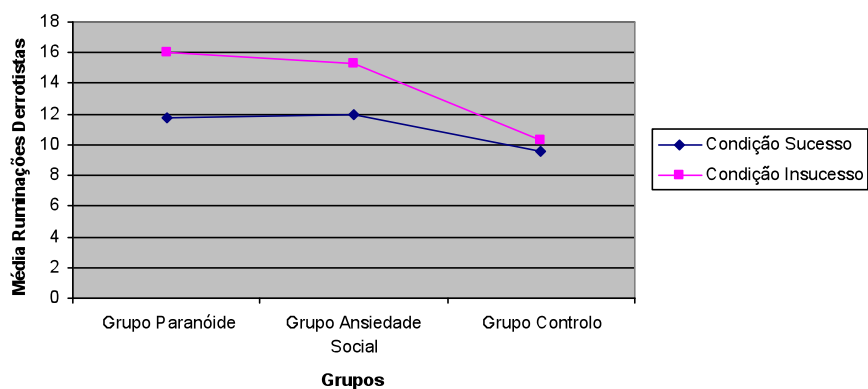


Figura 7. Médias das runimações “derrotistas” (QRDP) dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

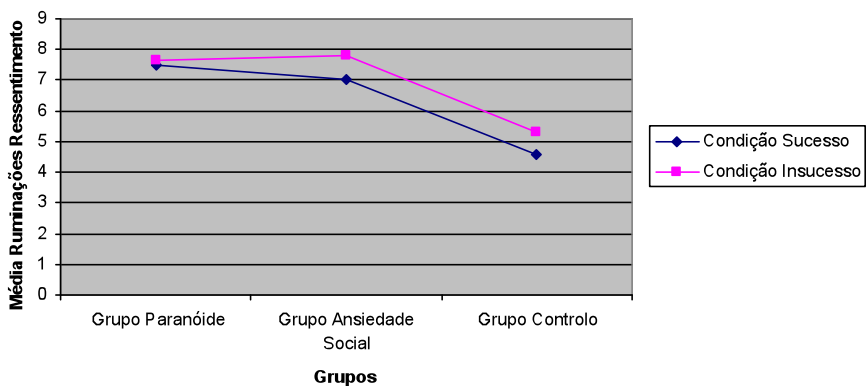


Figura 8. Médias das runimações do “ressentimento” (QRDP) dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

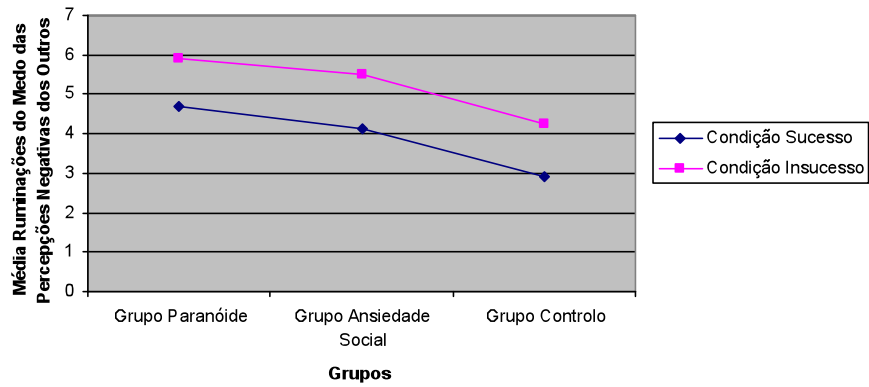


Figura 9. Médias das runimações do “medo das percepções negativas dos outros” (QRDP) dos três grupos nas condições de sucesso vs. insucesso

ANEXO V

Figuras e tabelas do segundo estudo experimental da paranóia vs. ansiedade social: diferenças na predisposição para as alucinações, paranóia geral e no impacto emocional dos sons negativos vs. positivos

Tabela 1. Médias e desvios padrões dos três grupos do estudo para as condições de sons negativos (medo/ameaça; tristeza/transtorno; raiva/irritação) e positivos (alegria/calma)
Grupo Paranóide Grupo Ansioso Social Grupo de Controlo

MEDIDAS	Condição Experimental	N	M	DP	M	DP	M	DP
DASS42_depre_t2	sons negativos_medo/ameaça	12	4.8333	1.94625	4.8333	.57735	.8333	.93744
	sons_negativos_tristeza	12	13.4167	.51493	14.6667	2.80692	1.9167	3.02890
	sons negativos_raiva/irritação	12	3.0000	.00000	7.3333	.98473	.0000	.00000
	sons positivos_alegria/calma	15	2.0000	.00000	1.2667	.59362	.0000	.00000
	Total	51	5.5882	4.60511	6.6863	5.20957	.6471	1.68313
DASS42_ans_t2	sons negativos_medo/ameaça	12	6.1667	.38925	2.9167	.28868	1.1667	.93744
	sons_negativos_tristeza	12	19.0000	1.04447	14.1667	4.01889	1.3333	2.77434
	sons negativos_raiva/irritação	12	8.0000	1.04447	4.7500	.62158	.1667	.57735
	sons positivos_alegria/calma	15	6.0000	.00000	3.2667	.79881	.0000	.00000
	Total	51	9.5686	5.38982	6.0980	4.97295	.6275	1.52264
DASS42_stre_t2	sons negativos_medo/ameaça	12	9.5000	1.16775	9.6667	1.15470	3.1667	1.74946
	sons_negativos_tristeza	12	17.5000	1.56670	16.6667	.77850	4.1667	4.15240
	sons negativos_raiva/irritação	12	10.0000	2.08893	8.0000	.00000	1.0833	.28868
	sons positivos_alegria/calma	15	11.0000	.00000	2.2667	.70373	1.2667	.70373
	Total	51	11.9412	3.43751	8.7451	5.34357	2.3529	2.51256
Tot_emo_posi	sons negativos_medo/ameaça	12	4.0000	.00000	4.0000	.00000	15.2500	3.72034
	sons_negativos_tristeza	12	5.0000	.00000	5.0000	.00000	16.3333	4.41760
	sons negativos_raiva/irritação	12	1.0000	.00000	.0000	.00000	25.0000	.00000
	sons positivos_alegria/calma	15	56.0000	.00000	45.0000	.00000	60.0000	.00000
	Total	51	18.8235	24.27897	15.3529	19.41425	30.9608	19.47918
Tot_emo_nega	sons negativos_medo/ameaça	12	40.0000	.00000	35.0000	.00000	29.0000	2.98481
	sons_negativos_tristeza	12	38.0000	.00000	34.0000	1.04447	25.4167	3.05877
	sons negativos_raiva/irritação	12	42.5000	.52223	42.0000	.00000	20.0000	.00000
	sons positivos_alegria/calma	15	.0000	.00000	.0000	.00000	.0000	.00000
	Total	51	28.3529	18.55136	26.1176	17.29930	17.5098	12.00729
LSHRS_total	sons negativos_medo/ameaça	12	22.2500	6.06218	15.0833	.66856	16.2500	1.86474
	sons_negativos_tristeza	12	32.7500	2.09436	13.6667	1.66969	14.1667	1.11464
	sons negativos_raiva/irritação	12	28.9167	2.46644	16.2500	.86603	17.8333	1.02986
	sons positivos_alegria/calma	15	31.6000	2.89828	13.4667	.83381	15.0667	.70373
	Total	51	29.0392	5.39244	14.5490	1.54031	15.7843	1.80348
GPS_total_t2	sons negativos_medo/ameaça	12	57.9167	21.63944	63.6667	4.86795	32.1667	6.45028
	sons_negativos_tristeza	12	76.9167	8.18489	58.5833	7.42794	26.0833	5.12495
	sons negativos_raiva/irritação	12	75.0000	7.92006	62.4167	3.52803	22.1667	3.45972
	sons positivos_alegria/calma	15	66.2667	14.82983	39.0667	9.10625	25.2667	3.59497
	Total	51	68.8627	15.76454	54.9412	12.40066	26.3529	5.82005

STAI_ans_est_t2	sons negativos_medo/ameaça	12	53.0000	.00000	56.0000	.00000	40.7500	7.81752
	sons_negativos_tristeza	12	55.0000	.00000	55.0000	.00000	38.6667	6.00505
	sons negativos_raiva/irritação	12	56.0000	.00000	55.9167	.28868	31.5000	.90453
	sons positivos_alegria/calma	15	27.3333	1.75933	23.0000	.00000	23.0000	.00000
	Total	51	46.6275	12.65695	46.0392	15.02526	32.8627	8.61399
STAI_ans_tr_t2	sons negativos_medo/ameaça	12	51.0000	.00000	52.0000	.00000	30.4167	1.97523
	sons_negativos_tristeza	12	53.0000	.00000	52.8333	.38925	33.8333	6.11754
	sons negativos_raiva/irritação	12	55.0000	.00000	50.8333	1.02986	31.0000	.00000
	sons positivos_alegria/calma	15	44.0000	.00000	44.0000	.00000	34.0000	.00000
	Total	51	50.3529	4.36726	49.5686	3.73232	32.4118	3.43031
Tot_sent_ans_t2	sons negativos_medo/ameaça	12	5.1667	.38925	9.0000	.00000	3.8333	1.02986
	sons_negativos_tristeza	12	6.0000	.00000	8.8333	.38925	3.5000	1.93061
	sons negativos_raiva/irritação	12	5.5000	.52223	9.0000	.00000	1.0000	.00000
	sons positivos_alegria/calma	15	.0000	.00000	.0000	.00000	1.0000	1.46385
	Total	51	3.9216	2.59109	6.3137	4.12063	2.2549	1.86379
Tot_sent_para_t2	sons negativos_medo/ameaça	12	8.8333	.38925	2.8333	.57735	.1667	.38925
	sons_negativos_tristeza	12	9.0000	.00000	1.8333	.38925	.6667	.65134
	sons negativos_raiva/irritação	12	7.5000	.52223	2.0000	.00000	.7500	1.35680
	sons positivos_alegria/calma	15	1.0000	.00000	.0000	.00000	.0000	.00000
	Total	51	6.2549	3.48622	1.5686	1.13587	.3725	.79902

STAI_ans_est_t1; STAI_ans_est_t2 (versão Portuguesa da “State Trait Anxiety Inventory”: ansiedade-estado nos tempos 1 e 2); STAI_ans_tr_t1; STAI_ans_tr_t2 (versão Portuguesa da “State Trait Anxiety Inventory”: ansiedade traço nos tempos 1 e 2); Tot_sent_ans_t1 e Tot_sent_ans_t2 (total das pontuações nos sentimentos ansiosos *in loco* das vinhetas visuais análogas nos tempos 1 e 2); Tot_sent_para_t1 e Tot_sent_para_t2 (total das pontuações nos sentimentos e ideias paranóides *in loco* das vinhetas visuais análogas nos tempos 1 e 2); GPS_total_t1 e GPS_total_t2 (versão Portuguesa da “General Paranoia Scale”: pontuação total da “paranóia geral” nos tempos 1 e 2); DASS42_depre_t2 (versão Portuguesa das “Depression Anxiety Stress Scales-42”: pontuação total da depressão nos tempos 1 e 2); DASS42_ans_t2(versão Portuguesa das “Depression Anxiety Stress Scales-42”: pontuação total da ansiedade nos tempos 1 e 2); DASS42_stre_t2(versão Portuguesa das “Depression Anxiety Stress Scales-42”: pontuação total do *stress* nos tempos 1 e 2); Tot_emo_posi (total das pontuações da presença e intensidade das emoções positivas após a experiência); Tot_emo_neg (total das pontuações da presença e intensidade das emoções negativas após a experiência); LSHRS_total (versão Portuguesa da “Launay Slade Hallucination Revised Scale”: pontuação total da “predisposição para as experiências alucinatórias”); tempo 1 (antes da experiência)- tempo 2 (depois da experiência);

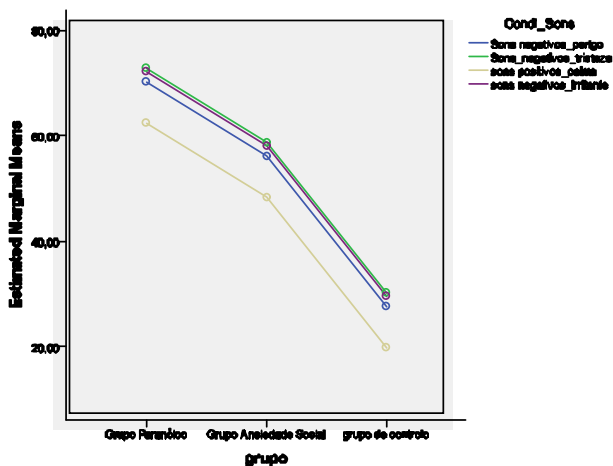


Figura 1. Níveis de paranóia geral dos três grupos do estudo nas condições de sons negativos vs. positivos

ANEXO VI

Tabelas das correlações das variáveis dos estudos transversais com uma amostra de estudantes e uma amostra clínica e dos estudos experimentais

Tabela 1. Correlações das variáveis do estudo transversal com uma amostra de estudantes Portugueses

	GPS_	PC_	PC_	PC_	DASS_	DASS_	DASS_	ESS_	ESS_	ESS_	SBS_	OAS_	ELES_	ELES_	ELES_	BVQ_	SPD_	SPD_	SPD_	
	tot	fre	con	tra	dep	str	ans	car	com	corp	tot	tot	ame	sub	des)	freq_	aut_	ans	rai	
GPS_tot	.576**																			
PC_fre	.426**	.518**			.428**	.279**	.283**	.330**	.205**	.222**	.422**	.618**	.271**	.413**	.187**	.175**	-.044	-.094		.031
PC_con	.426**	.483**	.590**		.428**	.364**	.348**	.404**	.288**	.351**	.412**	.531**	.284**	.305**	.238**	.289**	.059	-.119		.078
PC_tra	.438**	.438**	.438**	.438**	.339**	.346**	.276**	.275**	.224**	.243**	.216**	.373**	.187**	.191**	.106	.198**	.050	-.032		.233**
DASS_dep	.428**	.428**	.339**	.357**	.704**	.704**	.783**	.480**	.423**	.409**	.492**	.634**	.271**	.279**	.302**	.248**	.159**	-.062		.131
DASS_str	.279**	.364**	.346**	.209**	.783**	.743**	.743**	.485**	.402**	.339**	.243**	.513**	.175**	.244**	.166**	.219**	.241**	-.146		.204**
DASS_ans	.283**	.348**	.276**	.167**	.783**	.783**	.411**	.411**	.351**	.392**	.316**	.455**	.297**	.273**	.243**	.252**	.189**	-.090		.144
ESS_car	.330**	.404**	.275**	.316**	.480**	.485**	.411**	.711**	.711**	.449**	.594**	.661**	.216**	.386**	.192**	.202**	.392**	-.020		.253**
ESS_com	.205**	.288**	.224**	.357**	.423**	.402**	.351**	.402**	.564**	.564**	.531**	.461**	.213**	.298**	.139**	.232**	.295**	.062		.283**
ESS_corp	.222**	.351**	.243**	.304**	.409**	.339**	.392**	.449**	.564**	.440**	.440**	.383**	.288**	.329**	.222**	.340**	.216**	-.027		.097
SBS_tot	.422**	.412**	.216**	.397**	.492**	.423**	.392**	.594**	.531**	.440**	.440**	.683**	.222**	.247**	.177**	.130**	.326**	-.158		.067
OAS_tot	.618**	.531**	.373**	.434**	.634**	.513**	.455**	.661**	.461**	.461**	.683**	.683**	.222**	.331**	.197**	.191**	.249**	-.104		.032
ELES_ame	.271**	.284**	.187**	.125**	.271**	.175**	.297**	.216**	.213**	.288**	.247**	.222**	.642**	.642**	.467**	.257**	.092	-.045		.042
ELES_sub	.413**	.305**	.191**	.214**	.279**	.244**	.273**	.386**	.298**	.329**	.331**	.373**	.642**	.474**	.474**	.306**	.131	.069		.001
ELES_des)	.187**	.238**	.106**	.090**	.302**	.166**	.243**	.192**	.139**	.222**	.177**	.197**	.467**	.474**	.474**	.164**	-.012	-.179**		-.106
BVQ_freq	.175**	.289**	.198**	.091**	.248**	.219**	.252**	.202**	.232**	.340**	.130**	.191**	.257**	.306**	.164**	.075	.075	-.040		.089
SPD_aut_	-.044	.059	.050	.124	.159*	.241**	.189*	.392**	.295**	.216**	.326**	.249**	.032	.131	-.012	.075	.174*	.570**		.274**
SPD_he-	te_culp	-.078	-.006	-.093	-.158**	.011	-.090	-.020	.062	-.027	-.158*	-.104	-.045	.069	-.179*	.007	.174*	.384**		.552**
SPD_ans	-.094	-.119	.032	.083	-.062	.146	.010	.253**	.283**	.097	.079	.034	-.155**	.001	-.106	-.040	.570**	.384**		.341**
SPD_rai	.031	.078	.233**	.189**	.131	.204**	.144	.195**	.265**	.222**	.067	.032	.042	.035	-.041	.089	.274**	.552**		.341**
AQ_ag_fis	.411**	.311**	.340**	.183**	.206**	.243**	.213**	.102	.010	.012	.032	.209**	.157**	.074	.279**	.151	-.161**	-.092		.109
AQ_ag_	ver	.052	.055	.176*	-.079	.115	.259**	-.188**	-.155**	-.061	-.251**	-.012	.011	-.143	.033	.056	-.117	.102		.079
AQ_raiva	.287**	.314**	.341**	.116	.223**	.491**	.259**	.166**	.144	.073	.035	.275**	.148	.090	.165**	.096	-.010	.091		.078
AQ_hostil	.687**	.603**	.364**	.392**	.458**	.415**	.342**	.419**	.315**	.292**	.454**	.619**	.245**	.314**	.251**	.183**	.086	-.021		.052

GPS_tot (total da pontuação da "paranóia geral" na versão Portuguesa da *General Paranóia Scale*); PC (versão Portuguesa da *Paranóia Checklist*; dimensões da frequência, convicção e transtorno); DASS (versão portuguesa das *Depression Anxiety Stress Scales*; dimensões da depressão, stress, ansiedade); ESS (versão portuguesa da *Experience of Shame Scale*; dimensões da vergonha do carácter, do comportamento e corporal); SBS_tot (total da pontuação dos comportamentos de submissão da versão Portuguesa da *Submission Behaviour Scale*); OAS_tot (total da vergonha externa da versão Portuguesa da *Other as Shamer Questionnaire*); ELES (versão portuguesa da *Early Life experiences Scale*; dimensões da ameaça, submissão e (des)valorização); BVQ_freq_bully (total da frequência do bullying na versão Portuguesa do *Bully/Victim Questionnaire*); SPD_aut_culp (versão Portuguesa da *Sensitivity to Put Down Scale*; dimensão auto-culpa); SPD_hete_culp (versão Portuguesa da *Sensitivity to Put Down Scale*; dimensão hetero-culpa); SPD_ans (versão Portuguesa da *Sensitivity to Put Down Scale*; dimensão ansiedade/transtorno); SPD_rai (versão Portuguesa da *Aggression Questionnaire*; dimensões da agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade); p* <.05; p** <.001

Tabela 2. Correlações do estudo clínico entre as variáveis das dimensões dos pensamentos paranóides (PC); as dimensões das recordações de ameaça percebida na infância (ELES) e de experiências de abuso e negligência (CECA Q.); sintomas de depressão (BDI); vergonha externa (OAS); comportamentos de submissão (SBS); sintomas de ansiedade social (EAESDIS e FNE) e agressividade temperamental (hostilidade e agressão física: AQ)

	Abu_fis_Mãe	Abu_fis_Pai	EAESDIS_ans	EAESDIS_evi	ELES_amea	ELES_sub	ELES_(desv)	BDI_tot	OAS_tot	FNE_tot	SBS_tot	PC_fre	PC_conv	PC_trans	Antip_Pai	Negl_Pai	Antip_Mãe	Negl_Mãe	AQ_ag_fis	AQ_hostil
Abu_fis_Mãe																				
Abu_fis_Pai	.735**																			
EAESDIS_ans	-.398**	-.240																		
EAESDIS_evi	-.398**	-.240	.583**																	
ELES_amea	.545**	.647**	-.068	.144																
ELES_sub	.122	.488**	-.005	.581**	.144															
ELES_(desv)	.392**	.476**	.176	.533**	.581**	.139														
BDI_tot	-.166	.035	.278	-.060	-.290*	.047														
OAS_tot	-.217	.365**	.206	.433**	.198	.213														
FNE_tot	-.425**	-.326*	.206	.396**	.185	.397**														
SBS_tot	-.259	-.194	.544**	-.006	.310*	.629**														
PC_fre	.332*	.715**	.084	.547**	.111	.547**														
PC_conv	.380*	.671**	.161	.934**	.161	.633**														
PC_trans	.098	.827**	.177	.827**	.177	.597**														
Antip_Pai	.142	.478**	.120	.412**	.240	.600**														
Negl_Pai	.071	.187	.042	.521**	-.092	.284*														
Antip_Mãe	.506**	.391**	.057	.478**	-.176	.028														
Negl_Mãe	.328*	.431**	.239	.501**	-.037	.250														
AQ_agr_fis	.398**	.525**	-.188	.263*	.213	.347**														
AQ_hostil	.091	.286*	.155	.490**	.305*	.634**														

Abu_fis_Mãe (dimensão do Abuso físico da Mãe da versão Portuguesa da CECA Q.); Child Experience of Care and Abuse Questionnaire; Abu_fis_Pai (dimensão do Abuso físico do Pai da versão Portuguesa da CECA Q.); Child Experience of Care and Abuse Questionnaire; EAESDIS_ans (dimensão da ansiedade/transorno da EAESDIS: Escala de Ansiedade e de Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social); EAESDIS_evi (dimensão do evitamento da EAESDIS: Escala de Ansiedade e de Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social); ELES_amea (dimensão da ameaça da versão Portuguesa da Early Life Experiences Scale); ELES_sub (dimensão da submissão da versão Portuguesa da Submissive Behaviour Scale); ELES_(desv) (dimensão da desvalorização da versão Portuguesa da Early Life Experiences Scale); BDI_tot (Beck's Depression Inventory: Total da pontuação no Inventário de Depressão de Beck); OAS_tot (total da pontuação da versão Portuguesa da Other as Shamer Scale: "vergonha externa"); SBS_tot (total da pontuação da versão Portuguesa da Submissive Behaviour Scale: "comportamentos de submissão"); PC_fre (dimensão da frequência dos pensamentos paranóides da versão Portuguesa da Paranoia Checklist); PC_conv (dimensão da convicção dos pensamentos paranóides da versão Portuguesa da Paranoia Checklist); PC_trans (dimensão do transorno dos pensamentos paranóides da versão Portuguesa da Paranoia Checklist); Antip_Pai (dimensão da Antipatia do Pai da versão Portuguesa da CECA Q.); Child Experience of Care and Abuse Questionnaire; Negl_Pai (dimensão da Negligência do Pai da versão Portuguesa da CECA Q.); Child Experience of Care and Abuse Questionnaire; Antip_Mãe (dimensão da Antipatia da Mãe da versão Portuguesa da CECA Q.); Child Experience of Care and Abuse Questionnaire; Negl_Mãe (dimensão da Negligência da Mãe da versão Portuguesa da CECA Q.); Child Experience of Care and Abuse Questionnaire; AQ_agr_fis (dimensão da agressão física da versão Portuguesa da Aggression Questionnaire); AQ_hostil (dimensão da hostilidade da versão Portuguesa do Aggression Questionnaire); p* < .05; p** < .005

Tabela 3. Correlações do estudo clínico entre as variáveis das dimensões dos pensamentos paranoídes (PC); sintomas de depressão (BDI); vergonha externa (OAS); comportamentos de submissão (SBS); sintomas de ansiedade social (EAESDIS e FNE) e comparação social (SCS)

	EAESDIS_ans	EAESDIS_evi	BDI_tot	OAS_tot	FNE_tot	SBS_tot	PC_fre	PC_conv	PC_trans	SCS_aju	SCS_hier
EAESDIS_ans		.583**	.278*	.206	.578**	.544**	.084	-.018	.120	-.290*	-.483**
EAESDIS_evi	.583**		.213	.396**	.397**	.629**	.297*	.251	.351**	-.574**	-.560**
BDI_tot	.278*	.213		.159	.192	.301*	.161	.177	.240	-.337**	-.385**
OAS_tot	.206	.396**	.159		.205	.254*	.633**	.597**	.600**	-.521**	-.451**
FNE_tot	.578**	.397**	.192	.205		.310*	-.041	-.162	-.079	-.446**	-.612**
SBS_tot	.544**	.629**	.301*	.254*	.310*		.111	.069	.140	-.465**	-.498**
PC_fre	.084	.297*	.161	.633**	-.041	.111		.934**	.793**	-.327*	-.178
PC_conv	-.018	.251	.177	.597**	-.162	.069	.934**		.827**	-.359**	-.180
PC_trans	.120	.351**	.240	.600**	-.079	.140	.793**	.827**		-.369**	-.193
SCS_aju	-.290*	-.574**	-.337**	-.521**	-.446**	-.465**	-.327*	-.359**	-.369**		.773**
SCS_hier	-.483**	-.560**	-.385**	-.451**	-.612**	-.498**	-.178	-.180	-.193	.773**	

SCS (versão Portuguesa da Social Comparison Scale) SCS_aju (dimensão ajustamento social); SCS_hier (dimensão hierarquia) p* < .05; p** < .005

Tabela 4. Correlações do primeiro estudo experimental entre as variáveis das reações emocionais positivas vs. negativas no tempo 2; sentimentos de ansiedade e de paranoia *in loco*; sintomas de depressão, ansiedade e stress no tempo 2; pensamentos paranóides; ansiedade estado vs. traço; raiva- traço e expressão da raiva e vergonha externa no tempo 2

	PC_freq2	PC_conv2	PC_tran2	re_em_po	re_em_neg	v_an2	v_para2	SSPS_pers	SSPS_pos	SSPS_neut	self_pos	self_neg
PC_freq2	.875**	.514**	-.077	-.148	-.076	-.573**	.383**	-.237*	.234*	.019	.060	
PC_conv2		.528**	-.121	.185	.015	.605**	.309**	-.120	.270*	.020	-.003	
PC_tran2			.528**	.022	-.067	.432**	.225	-.108	.223	-.105	.115	
re_em_po			-.013	-.686**	-.330**	-.327**	.027	.140	-.125	.058	.079	
re_em_neg			.022	-.686**	.316**	.297**	-.127	-.163	.030	-.258*	.266*	
v_an2			-.067	-.330**	.316**	.118	-.224	.281*	.120	-.244*	.318**	
v_para2			.432**	.316**	.118	.294**	.294**	.017	.306**	.038	.014	
SSPS_pers			.225	.297**	.118	.294**	-.409**	.195	.195	-.014	-.076	
SSPS_pos			-.108	-.163	.281*	.017	-.409**	.212	.212	.195	-.140	
SSPS_neut			.223	.030	.120	.306**	.195	.212	.212	.029	.042	
self_pos			-.105	-.258*	-.244*	.038	-.014	.195	.029	.029	-.597**	
self_neg			.115	.266*	.318**	.014	-.076	-.140	.042	-.597**	-.597**	
AO_host			.543**	.239*	-.125	.417**	.271*	-.140	.243*	-.226*	.264*	
ans_est2			.278*	.493**	.334**	.325**	-.016	-.349**	.027	-.367**	.330**	
ans_tr2			.370**	.219	.158	.317**	.158	-.202	.146	-.440**	.230*	
DASS_dep2			.097	.384**	.165	.193	.228*	-.369**	.009	-.196	.120	
DASS_ans2			.178	.250*	.082	.412**	.244*	-.253*	-.024	-.185	.183	
DASS_str2			-.105	.105	-.082	.065	.039	-.253*	-.150	-.142	.216	
raiv_tr2			.321**	-.115	-.082	.283*	.368**	-.211	.089	-.038	.232*	
raiv_tr_tem2			.383**	-.018	.050	.212	.330**	-.087	.183	-.136	.407**	
raiv_tr_rea2			.190	-.123	-.081	.281*	.335**	-.230*	.106	-.030	-.038	
raiva_exp2			.427**	-.188	-.140	.262*	.365**	-.203	.024	.099	-.308**	
OAS_tot			.454**	.220	.014	.385**	.275*	-.270*	.196	-.365**	.345**	

PC_freq2 (frequência dos pensamentos paranóides no tempo 2); PC_conv2 (convicção dos pensamentos paranóides no tempo 2); PC_tran2 (transorno dos pensamentos paranóides no tempo 2) da versão Portuguesa da Paranoia Checklist; re_em_po (reações emocionais positivas da versão Portuguesa do Self Perceptions and Emotional Reactions Questionnaire - SPERQ); re_em_neg (reações emocionais negativas da versão Portuguesa do Self Perceptions and Emotional Reactions Questionnaire - SPERQ); v_an2 (sentimentos de ansiedade nas vinhetas visuais análogas no tempo 2); v_para2 (sentimentos de paranoia nas vinhetas visuais análogas no tempo 2); SSPS (ideação de perseguição: paranóia social-estado da versão Portuguesa da State Social Paranoia Scale); SSPS_pos (ideação positiva da versão Portuguesa da State Social Paranoia Scale); SSPS_neut (ideação neutra da versão Portuguesa da State Social Paranoia Scale); self_pos (auto-percepções positivas da versão Portuguesa do Self Perceptions and Emotional Reactions Questionnaire - SPERQ); self_neg (auto-percepções negativas da versão Portuguesa do Self -Perceptions and Emotional Reactions Questionnaire - SPERQ); ans_est2 (ansiedade-estado no tempo 2); ans_tr2 (ansiedade-traço no tempo 2) da versão Portuguesa da STAI (State Trait Anxiety Inventory); DASS_dep2 (sintomas de depressão no tempo 2); DASS_ans2 (sintomas de ansiedade no tempo 2); DASS_str2 (sintomas de stress no tempo 2) das versão Portuguesa da DASS (Depression Anxiety Stress Scales); raiv_tr2 (raiva-traço no tempo 2); raiv_tr_tem2 (raiva-traço: dimensão do temperamento no tempo 2); raiv_tr_rea2 (raiva-traço: dimensão da reação à crítica no tempo 2); raiva_exp2 (raiva-expressão no tempo 2) da versão Portuguesa da STAXI (State Trait Anger Expression Inventory) OAS_tot (total da vergonha externa) da versão Portuguesa da Other as Shamer Scale; p* < .05; p** < .005

Tabela 5. Correlações das variáveis do estudo experimental dos sons negativos vs. positivos

	GPS_t ot_t2	LSHRS_ tot	PANAS_ af_pos	PANAS_ af_neg	AO_ agrefs	AO_ agreve	AO_ raiva	AO_ hostil	STAI_an_ es_t2	STAI_an_ tr_t2	DASS_ dep_t2	DASS_ ans_t2	DASS_ str_t2	vin_vis_ an_t2	vin_vis_ para_t2	emo_ pos	emo_ neg
GPS_tot_t2	.652**																
LSHRS_tot	-.337**	.652**															
PANAS_			.520**														
PANAS_			-.734**	.520**													
af_pos			-.337**	-.134	.742**												
af_neg			-.811**	-.454**	-.024	-.645**	-.535**	-.494**	-.818**	-.545**	-.606**	-.679**	-.446**	-.397**	.402**	-.347**	
AO_agrefs			.181	.181	-.387**	.317	.118	.523**	.742**	.528**	.346**	.493**	.630**	.134	-.453**	.370**	
AO_agreve			-.454**	.181	.468**	.787**	.838**	.345**	.505**	.371**	.524**	.556**	.208**	.447**	-.188**	.273**	
AO_raiva			-.024	-.387**	.468**	.470**	.643**	-.117	-.153	-.133	.144	.109	-.370**	.165*	.084	-.060	
AO_hostil			-.645**	.317**	.787**	.470**	.916*	.372**	.602**	.187	.413**	.539**	.182	.450**	-.204*	.255**	
STAI_an_			-.535**	.118	.838**	.643**	.916*	.137	.478**	.161	.460**	.519**	-.066	.416**	.028	.028	
STAI_an_			-.494**	.523**	.345**	-.117	.372**	.137	.694**	.671**	.551**	.659**	.915**	.664**	-.927**	.947**	
tr_t2			-.818**	.742**	.505**	-.153	.602**	.478**	.694**	.683**	.702**	.790**	.633**	.669**	-.523**	.528**	
DASS_			-.545**	.528**	.371**	-.133	.187	.161*	.671**	.683**	.877**	.859**	.692**	.466**	-.562**	.549**	
dep_t2			-.606**	.346**	.524**	.144	.413**	.460**	.551**	.702**	.877**	.887**	.445**	.628**	-.413**	.419**	
ans_t2			-.679**	.493**	.556**	.109	.539**	.519**	.659**	.790**	.859**	.887**	.582**	.601**	-.478**	.498**	
str_t2			-.446**	.630**	.208**	-.370**	.182*	-.066	.915**	.633**	.692**	.445**	.582**	.415**	-.842**	.845**	
vin_vis_			-.397**	.134	.447**	.165*	.450**	.416**	.664**	.669**	.466**	.628**	.601**	.415**	-.587**	.652**	
para_t2			-.402**	-.453**	-.188**	.084	-.204*	.028	-.927**	-.523**	-.562**	-.413**	-.478**	-.842**	-.587**	-.981**	
emo_pos			-.347**	.370**	.273**	-.060	.255**	.028	.947**	.528**	.549**	.419**	.498**	.652**	-.981**		
emo_neg																	

GPS_tot_t2 (pontuação total da "paranóia geral" da versão Portuguesa da General Paranoia Scale no tempo 2); LSHRS_tot (pontuação total da "predisposição para as alucinações" da versão Portuguesa da Launay Slade Hallucination Revised Scale); PANAS_af_pos (pontuação do afecto positivo da versão Portuguesa das Positive Affect Negative Affect Scales); PANAS_af_neg (pontuação do afecto negativo da versão Portuguesa das Positive Affect Negative Affect Scales); AO_agrefs (pontuação da agressão física da versão Portuguesa do Aggression Questionnaire); AO_agreve (pontuação da agressão verbal da versão Portuguesa do Aggression Questionnaire); AO_raiva (pontuação da raiva da versão Portuguesa do Aggression Questionnaire); AO_hostil (pontuação da hostilidade da versão Portuguesa do Aggression Questionnaire); STAI_an_es_t2 (pontuação da ansiedade-estado da versão Portuguesa da State Trait Anxiety Inventory no tempo 2); STAI_an_tr_t2 (pontuação da ansiedade-traço da versão Portuguesa da State Trait Anxiety Inventory); DASS_dep_t2 (sintomas de depressão da versão Portuguesa da Depression Anxiety Stress Scales no tempo 2); DASS_str_t2 (sintomas de stress da versão Portuguesa da Depression Anxiety Stress Scales no tempo 2); vin_vis_an_t2 (sentimentos de ansiedade *in loco* na vinheta visual analógica no tempo 2); vin_vis_para_t2 (sentimentos de paranóia *in loco* na vinheta visual analógica no tempo 2); emo_pos (total da pontuação das emoções e intensidade emocional positivas após a experiência); emo_neg (total da pontuação das emoções e intensidade emocional negativas após a experiência); * p<.05; ** p<.005

ANEXO VII

Material dos estudos experimentais

ESTUDO EXPERIMENTAL I

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade de Coimbra

O conjunto de questionários que se segue diz respeito a dois estudos que se estão a realizar no âmbito de dois cursos de Doutoramento pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Ambos os estudos dividem-se em várias partes, sendo que esta primeira fase, de preenchimento deste conjunto de questionários, é totalmente voluntária e não obriga à participação nas fases subsequentes. Mesmo que não queiras participar nas fases seguintes pedimos-te que, por favor, colabores nesta fase inicial de ambas as investigações.

Assim, pedimos que, após o preenchimento dos dados biográficos, completes todos os questionários. Não deixes, por favor, nenhuma questão por responder (dado que isso invalida todas as tuas restantes respostas) e tem em atenção que o verso das páginas também contém questões. Não existem respostas correctas ou erradas. Apenas pretendemos que respondas da forma mais sincera e espontânea possível. Os resultados obtidos são estritamente confidenciais (ninguém terá acesso a eles a não ser os investigadores) e apenas serão utilizados para efeitos de investigação.

Dados biográficos

Nome (se preferires coloca só as iniciais): _____

Sexo: _____ Idade: _____ anos Data de nascimento: ____/____/____

Estado civil (riscar o que não interessa): solteiro/ união de facto/ casado/ divorciado/
viúvo

Profissão: _____ Habilitações literárias: _____

Curso e ano de escolaridade: _____

Número de anos de escolaridade realizados até ao momento actual: _____

Data de preenchimento: ____/____/____

Tal como referido anteriormente, para além desta recolha de dados, ambos os estudos desenrolar-se-ão em diversas fases. Se estás interessado em participar deverás preencher os dados que se seguem. Mais tarde, caso sejas seleccionado, serás contactado e ser-te-ão explicadas as diferentes fases que compõem o estudo. Nessa altura poderás decidir se continuas interessado em participar.

N.º de estudante: _____ Telemóvel: _____

E-mail: _____@_____

GPS (Fenigstein & Vanable 1992)
(Tradução e adaptação: Lopes, B. & Pinto Gouveia, J.)

De seguida encontram-se algumas afirmações que descrevem o modo como as pessoas se comportam ou sentem em relação a situações sociais. Para cada questão ponha um X no número que melhor indique o grau em que sente que a afirmação se aplica a si.

SEJA SINCERO(A) NAS SUAS RESPOSTAS. TUDO O QUE DISSER É ANÓNIMO E CONFIDENCIAL

Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1	2	3	4	5

1. Alguém tem alguma coisa contra mim.	1	2	3	4	5
2. Às vezes sinto que estou a ser seguido(a).	1	2	3	4	5
3. Acredito que tenho sido muitas vezes castigado(a) sem haver razão para tal.	1	2	3	4	5
4. Algumas pessoas tentaram roubar as minhas ideias e receberem os louros.	1	2	3	4	5
5. Os meus pais e a minha família encontram mais falhas em mim do que deviam.	1	2	3	4	5
6. Ninguém quer saber o que é que se passa comigo.	1	2	3	4	5
7. Tenho a certeza que a vida não me traz nada de bom.	1	2	3	4	5
8. A maioria das pessoas usará meios injustos para ganhar lucro ou ganhar vantagem sobre os outros, em vez de perderem.	1	2	3	4	5
9. Penso muitas vezes que razão escondida terá outra pessoa para fazer algo atencioso para mim.	1	2	3	4	5
10. É mais seguro não confiar em ninguém.	1	2	3	4	5
11. Sinto muitas vezes que estranhos estão a olhar criticamente para mim.	1	2	3	4	5
12. A maioria das pessoas faz amigos (as) porque estes (as) podem vir a ser úteis.	1	2	3	4	5
13. Alguém tem andado a tentar influenciar a minha mente.	1	2	3	4	5
14. Tenho a certeza que falam de mim nas minhas costas.	1	2	3	4	5
15. A maioria das pessoas no seu íntimo não gosta de oferecer ajuda às outras.	1	2	3	4	5
16. Costumo estar de pé atrás quando as pessoas são mais simpáticas comigo do que eu estava a espera.	1	2	3	4	5
17. As pessoas disseram coisas sobre mim que eram insultuosas e antipáticas.	1	2	3	4	5
18. As pessoas estão constantemente a decepcionar-me.	1	2	3	4	5
19. Sinto-me desconfortável com pessoas lá fora a observarem-me dos carros, nas lojas.	1	2	3	4	5
20. Encontro muitas vezes pessoas que são invejosas das minhas ideias que são boas, só porque não pensaram nelas primeiro que eu.	1	2	3	4	5

**ESCALA DE ANSIEDADE E EVITAMENTO
EM SITUAÇÕES DE DESEMPENHO E INTERACÇÃO SOCIAL (EAESDIS)
(Pinto Gouveia, J., Cunha, M. & Salvador, M.C., 1997)**

Instruções:

Segue-se uma lista de situações em que as pessoas podem sentir desconforto e mal-estar, o que pode levar ao evitamento

dessas situações. Assinale o grau de desconforto ou ansiedade e o grau de evitamento que cada uma das situações assinaladas lhe provoca, utilizando a escala de resposta de 1 a 4, abaixo indicada.

86

Aponte, nas linhas em branco, outras situações que lhe causam desconforto ou que evite mas que não estejam mencionadas.

Se nunca se confrontou com alguma das situações apresentadas, imagine o desconforto que sentiria se tivesse que o fazer.

Situações Sociais	Desconforto/ Ansiedade 1= Nenhum 2= Ligeiro 3= Médio 4= Severo	Evitamento 1= Nunca (0%) 2= Às vezes (1-33%) 3= Muitas vezes (34-67%) 4= Quase sempre (68-100%)
1. Participar numa actividade de grupo		
2. Comer em público		
3. Beber num local público		
4. Representar, agir ou falar perante uma audiência		
5. Ir a uma festa		
6. Trabalhar enquanto se está a ser observado/a		
7. Escrever enquanto se está a ser observado/a		
8. Telefonar a alguém que não conhece bem		
9. Falar com alguém que não conhece bem		
10. Encontrar-se com estranhos/desconhecidos		
11. Urinar num W.C. público		
12. Entrar numa sala onde os outros já estão sentados		
13. Ser o centro das atenções		
14. Levantar-se e fazer um pequeno discurso, sem preparação prévia, numa festa		
15. Fazer um teste às suas capacidades, competências ou conhecimentos		
16. Expressar desacordo ou reprovação a alguém que não se conhece muito bem		
17. Olhar directamente nos olhos de alguém que não se conhece muito bem		
18. Apresentar oralmente um trabalho		
19. Tentar convencer alguém para um relacionamento romântico /sexual (cortejar)		

Situações Sociais	Desconforto/Ansiedade 1= Nenhum 2= Ligeiro 3= Médio 4= Severo	Evitamento 1= Nunca (0%) 2= Às vezes (1-33%) 3= Muitas vezes (34-67%) 4= Quase sempre (68-100%)
20. Devolver um artigo e obter o reembolso		
21. Dar uma festa		
22. Resistir à pressão elevada dum vendedor		
23. Ir a uma entrevista para arranjar emprego		
24. Pedir uma informação a uma pessoa desconhecida (p. ex.: perguntar as horas, o nome da rua, morada pretendida, etc.)		
25. Juntar-se, numa mesa de café, a um grupo de colegas que não se conhece bem		
26. Pedir um favor a outra pessoa		
27. Falar com uma pessoa que admire		
28. Numa festa, participar em jogos e/ou danças		
29. Convidar alguém, pela 1ª vez, para sair		
30. Aproximação do empregado quando se entrou numa loja só para ver		
31. Conversar com pessoas do sexo oposto		
32. Aceitar um elogio		
33. Participar num encontro com pessoas de cultura diferente		
34. Ir a uma discoteca com um(a) amigo(a)		
35. Pedir a outra pessoa que mude um comportamento que nos desagrada		
36. Ser chamado ao gabinete do chefe ou professor		
37. Falar com alguém uma língua estrangeira que não se domina bem		
38. Fazer um exame oral		
39. Queixar-se quando alguém tenta passar à sua frente numa fila		
40. Ser chamado para “ir ao quadro”		
41. Tomar a iniciativa de colocar uma questão ou pedir um esclarecimento numa aula ou reunião		
42. Responder a uma questão colocada pelo professor no meio da aula		
43. Chegar atrasado(a) ou adiantado(a) a uma reunião ou aula		
44. Falar com pessoas numa condição sócio-cultural superior		
45.		
46.		

II

Das situações atrás apontadas escolha, agora, as cinco situações que lhe provocam mais desconforto, colocando os respectivos números nos quadrados abaixo indicados:

PC

(Freeman, D.; Garety P. A.; Bebbington, P.E.; Smith, B.; Rollinson, R.;
Fowler, D. Kuipers, E.; Ray, K. & Dunn, G., 2005)
(Tradução e adaptação: Lopes, B. & Pinto Gouveia, J. 2005)

Nós estamos interessados no que as pessoas pensam em determinadas situações sociais e no que pensam também acerca das outras pessoas.

1ª parte

Instruções:

88

Logo abaixo, há uma lista de dezoito questões que descrevem pensamentos que você pode ter em relação aos comportamentos, pensamentos e sentimentos dos outros em relação a si.

Na coluna do lado esquerdo, terá que indicar a frequência de cada um dos pensamentos que é listado. Por outro lado, na coluna do lado direito, terá que indicar para os mesmos pensamentos, o grau de convicção em que acredita no que pensa.

Para indicar a **frequência** de cada pensamento, use por favor a seguinte escala:

Raramente	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Várias vezes na semana	Pelo menos uma vez por dia
1	2	3	4	5

Para indicar o **grau de convicção** em cada pensamento, use por favor a seguinte escala:

Não acredito	Acredito muito pouco	Acredito mais ou menos	Acredito bastante	Acredito totalmente
1	2	3	4	5

Seja claro e sincero nas suas respostas. Faça o favor de por um X no nº em cada coluna que considera correcto para cada questão.

Frequência Grau de convicção

1	2	3	4	5		1	2	3	4	5
					1. Tenho que estar de "pé atrás" em relação aos outros.					
					2. Podem haver comentários negativos acerca de mim que circulam por aí.					
					3. As pessoas tentam deliberadamente chatear-me.					
					4. Posso estar a ser observado(a) ou a ser seguido(a).					
					5. As pessoas estão a tentar que eu fique transtornado(a).					
					6. As pessoas comunicam comigo através de maneiras subtis.					
					7. Pessoas estranhas e meus amigos olham para mim de maneira crítica.					
					8. As pessoas podem ser hostis comigo.					
					9. Estão a dizer coisas más acerca de mim nas minhas costas.					
					10. Alguém que eu conheço tem más intenções para comigo.					
					11. Tenho a suspeita que alguém tem algo contra mim.					
					12. As pessoas poderão magoar-me se tiverem a oportunidade para tal.					
					13. Alguém que eu não conheço tem más intenções para comigo.					
					14. Há a possibilidade de haver uma conspiração contra mim.					
					15. As pessoas riem-se de mim.					
					16. Estou em perigo por causa do que os outros podem fazer.					
					17. Posso detectar mensagens codificadas sobre mim na imprensa/ televisão/rádio					
					18. As minhas acções e pensamentos podem ser controlados por outros.					

2ª parte

Nesta segunda parte do questionário, terá que indicar para cada um dos pensamentos que já foram acima mencionados, o grau de transtorno que estes provocaram.

Para tal, use por favor a seguinte escala:

Grau de Transtorno

Causa transtorno nenhum	Causa muito pouco transtorno	Causa um pouco de transtorno	Causa um transtorno moderado	Causa muito transtorno
0	1	2	3	4

89

1. Tenho que estar de “pé atrás” em relação aos outros.	0	1	2	3	4
2. Podem haver comentários negativos acerca de mim que circulam por aí.	0	1	2	3	4
3. As pessoas tentam deliberadamente chatear-me.	0	1	2	3	4
4. Posso estar a ser observado(a) ou a ser seguido(a).	0	1	2	3	4
5. As pessoas estão a tentar que eu fique transtornado(a).	0	1	2	3	4
6. As pessoas comunicam comigo através de maneiras subtis.	0	1	2	3	4
7. Pessoas estranhas e meus amigos olham para mim de maneira crítica.	0	1	2	3	4
8. As pessoas podem ser hostis comigo.	0	1	2	3	4
9. Estão a dizer coisas más acerca de mim nas minhas costas.	0	1	2	3	4
10. Alguém que eu conheço tem más intenções para comigo.	0	1	2	3	4
11. Tenho a suspeita que alguém tem algo contra mim.	0	1	2	3	4
12. As pessoas poderão magoar-me se tiverem a oportunidade para tal.	0	1	2	3	4
13. Alguém que eu não conheço tem más intenções para comigo.	0	1	2	3	4
14. Há a possibilidade de haver uma conspiração contra mim.	0	1	2	3	4
15. As pessoas riem-se de mim.	0	1	2	3	4
16. Estou em perigo por causa do que os outros podem fazer.	0	1	2	3	4
17. Posso detectar mensagens codificadas sobre mim na imprensa/televisão/rádio	0	1	2	3	4
18. As minhas acções e pensamentos podem ser controlados por outros.	0	1	2	3	4

EADS-42 - Lovibond & Lovibond (1995)
Adaptação e Tradução: Alves, Carvalho e Batista (2000)

Por favor leia cada uma das afirmações abaixo e assinale 0, 1, 2 ou 3 para indicar o quanto cada afirmação se aplicou a si *durante a semana passada*. Não há respostas certas ou erradas. Não leve muito tempo a indicar a sua resposta em cada afirmação.

A classificação é a seguinte:

Não se aplicou nada a mim	Aplicou-se a mim algumas vezes	Aplicou-se a mim de muitas vezes	Aplicou-se a mim a maior parte do tempo
1	2	3	4

90

1	Dei por mim a ficar aborrecido com coisas triviais do dia a dia	0	1	2	3
2	Senti a minha boca seca	0	1	2	3
3	Não consegui sentir nenhum sentimento positivo	0	1	2	3
4	Senti dificuldades em respirar	0	1	2	3
5	Parecia-me não estar a conseguir ir mais além	0	1	2	3
6	Tive tendência a reagir em demasia em determinadas situações	0	1	2	3
7	Senti-me a fraquejar (por ex., sem força nas pernas)	0	1	2	3
8	Senti dificuldade em me relaxar	0	1	2	3
9	Estive em situações que me provocaram tanta ansiedade que fiquei aliviado quando consegui sair delas	0	1	2	3
10	Senti que não tinha nada a esperar do futuro	0	1	2	3
11	Dei por mim a ficar aborrecido com grande facilidade	0	1	2	3
12	Senti que estava a utilizar muita energia nervosa	0	1	2	3
13	Senti-me triste e deprimido	0	1	2	3
14	Dei por mim a ficar impaciente quando me faziam esperar	0	1	2	3
15	Tive sensações de desmaio	0	1	2	3
16	Senti que tinha perdido o interesse em praticamente tudo	0	1	2	3
17	Senti que não tinha muito valor como pessoa	0	1	2	3
18	Senti que por vezes estava sensível	0	1	2	3
19	Tive suores intensos que não foram provocados por temperatura elevada ou exercício físico	0	1	2	3
20	Senti-me assustado sem ter tido uma boa razão para isso	0	1	2	3
21	Senti que a vida não valia a pena	0	1	2	3
22	Tive dificuldades em me acalmar	0	1	2	3
23	Tive dificuldades em engolir	0	1	2	3
24	Parece que não consegui ter prazer nas coisas que fiz	0	1	2	3
25	Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico	0	1	2	3
26	Senti-me desanimado e melancólico	0	1	2	3
27	Senti-me muito irritável	0	1	2	3
28	Senti-me quase a entrar em pânico	0	1	2	3
29	Senti dificuldade em acalmar-me depois de algo que me aborreceu	0	1	2	3
30	Tive medo de não conseguir enfrentar tarefas simples porque não estou familiarizado com elas	0	1	2	3
31	Não fui capaz de ter entusiasmo por nada	0	1	2	3
32	Tive dificuldade em tolerar ser interrompido no que estava a fazer	0	1	2	3
33	Estive num estado de tensão nervosa	0	1	2	3
34	Senti que não tinha valor	0	1	2	3
35	Estive intolerante em relação a qualquer coisa que me impedisse de terminar aquilo que estava a fazer	0	1	2	3
36	Senti-me aterrorizado	0	1	2	3
37	Não consegui ver nada no futuro para ter esperança	0	1	2	3
38	Senti que a vida não tinha sentido	0	1	2	3
39	Dei por mim a ficar agitado	0	1	2	3
40	Preocupei-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula	0	1	2	3
41	Senti tremores (por ex., nas mãos)	0	1	2	3
42	Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer coisas	0	1	2	3

ESTUDO SOBRE CAPACIDADES VISUAIS E ESPACIAIS: Parte II

Folha de informação

O meu nome é Bárbara Lopes, e sou estudante de doutoramento na faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, sob orientação do Sr. Professor José Pinto Gouveia. Deste modo, tomo a liberdade de solicitar a tua participação num estudo acerca das capacidades visuais e espaciais dos estudantes universitários. O estudo consiste em jogar um jogo de computador elaborado especificamente com o propósito de avaliar este tipo de capacidades que são importantes para o raciocínio lógico e para a habilidade de concentração. Antes do jogo terás que preencher uma bateria de questionários sobre algumas características pessoais e após do jogo terás que preencher outra bateria de questionários sobre as tuas percepções acerca do teu desempenho. No geral, o estudo leva aproximadamente 50 minutos a uma hora a ser realizado.

91

Toda e qualquer informação pessoal não será vista por outros investigadores e os dados pessoais são estritamente confidenciais. A tua participação é voluntária. No final do estudo o investigador responsável responderá a quaisquer questões que tenham sobre o estudo e irá fazer um “debriefing”, i.e. irá providenciar uma explicação sobre os objectivos do estudo em questão.

Se tiveres alguma questão sobre o estudo, poderás contactar-me por e-mail: barbaraclopes@gmail.com.

Declaração de Consentimento

Eu _____ li cuidadosamente o pedido de solicitação num estudo sobre capacidades visuais-espaciais, compreendi que os dados que serão recolhidos fazem parte dum projecto de investigação, logo são tratados de forma confidencial.

(Assinale Sim Ou Não)

Dou o meu consentimento para participar no estudo **Sim Não**

Assinatura _____ Data _____

De forma a participares no estudo em questão por favor deixa os seguintes dados para seres contactado (a) pelo investigador.

NÃO DEIXE NENHUM DOS CAMPOS POR PREENCHER! OBRIGADO PELA ATENÇÃO!

Número de telefone: _____

Número de telemóvel: _____

E-mail: _____

Gratos pela colaboração!

SBS
(Gilbert et al., 2004)

(Tradução e Adaptação: Castilho, P. & Pinto Gouveia, J., 2004)

Instruções: As afirmações assinaladas descrevem o modo como as pessoas se comportam ou sentem em relação a situações sociais. Para cada questão faça um círculo em torno do número que melhor indica o grau em que sente que a afirmação se aplica a si.

92

	Nunca	Rara/ Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
Concordo que estou errado(a) mesmo quando não estou.				
Faço coisas porque os outros as estão a fazer, e não porque eu as quero fazer.				
Se eu soubesse que numa loja me tinham dado troco a menos sairia sem reclamar.				
Deixo que os outros me critiquem ou me humilhem sem me defender.				
Faço o que os outros esperam de mim mesmo que não o queira fazer.				
Se eu tentar dizer alguma coisa e os outros não pararem de falar eu calo-me.				
Insisto em pedir desculpas por pequenos erros.				
Fico calado(a) se algum dos meus superiores disser coisas desagradáveis sobre mim.				
Não sou capaz de dizer aos meus amigos que estou zangado(a) com eles.				
Durante reuniões e encontros deixo que os outros monopolizem a conversa.				
Não gosto que as pessoas olhem directamente para mim quando estão a falar.				
Agradeço insistentemente quando alguém me faz um pequeno favor.				
Evito o contacto visual.				
Evito iniciar conversas em encontros sociais.				
Coro quando outras pessoas olham fixamente para mim.				
Finjo que estou doente quando recuso um convite.				

OAS

(Goss, K., Gilbert, P. & Allan, S., 1994)

(Tradução e adaptação: Lopes, B., Pinto Gouveia, J. & Castilho, P., 2005)

Nunca	Raramente	As vezes	Frequentemente	Quase sempre
0	1	2	3	4

Instruções: Esta escala tem como objectivo perceber o que as pessoas pensam acerca do modo com os outros as vêem. De seguida é apresentada uma lista de afirmações que descrevem sentimentos ou experiências referentes à forma como sente que os outros a vêem (visão que os outros têm de si). Leia atentamente cada uma das afirmações, e assinale com um círculo o número que indica a frequência com que sente ou experiência o que está descrito na frase

	0	1	2	3	4
Sinto que as outras pessoas não me vêem como sendo suficientemente bom/boa.					
Penso que as pessoas me desprezam.					
As outras pessoas deitam-me muitas vezes abaixo.					
Sinto-me inseguro(a) acerca das opiniões dos outros sobre mim.					
As outras pessoas olham-me como se eu não estivesse à altura deles (as)					
As outras pessoas vêem-me como se eu fosse pequeno(a) e insignificante.					
As outras pessoas vêem-me como se eu fosse uma pessoa defeituosa.					
As pessoas vêem-me como pouco importante em relação aos outros.					
As outras pessoas procuram os meus defeitos.					
As pessoas vêem-me a lutar pela perfeição mas acham que não serei capaz de alcançar os meus objectivos.					
Acho que os outros são capazes de ver os meus defeitos.					
Os outros criticam-me ou punem-me quando eu cometo um erro.					
As pessoas afastam-se de mim quando eu cometo erros.					
As outras pessoas lembram-se sempre dos meus erros.					
Os outros vêem-me como sendo frágil.					
Os outros vêem-me como sendo vazio(a) e insatisfeito(a).					
Os outros pensam que há qualquer coisa que falta em mim.					
As outras pessoas pensam que eu perdi o controlo do meu corpo e dos meus sentimentos.					

SCS
(Gilbert & Allan, 1995)

Instruções:

Gostaríamos de saber como se compara com os outros. Por favor, assinale com um círculo o número que, em cada linha, melhor traduz a forma como se sente no relacionamento com as outras pessoas.

94

No relacionamento com os outros, sinto-me:

Inferior	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Superior
Incompetente	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Mais Competente
Antipático	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Mais simpático
Rejeitado	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Aceite
Diferente	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Igual
Sem talento	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Mais talentoso
Mais fraco	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Mais forte
Inseguro	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Mais seguro
Indesejável	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Mais desejável
Não atraente	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Mais atraente
Um desajustado	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Um ajustado

PANAS
(Watson, Clark & Tellegen, 1988)
(Traduzida e adaptada para a população portuguesa por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005)

Instruções:

Esta escala consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada palavra, e utilize a escala que apresentamos, para indicar em que medida sentiu cada uma das emoções *durante as últimas semanas*.

Nada ou muito ligeiramente	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

95

	Nada ou muito ligeiramente	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente
1. Interessado	1	2	3	4	5
2. Perturbado	1	2	3	4	5
3. Excitado	1	2	3	4	5
4. Atormentado	1	2	3	4	5
5. Agradavelmente surpreendido	1	2	3	4	5
6. Culpado	1	2	3	4	5
7. Assustado	1	2	3	4	5
8. Caloroso	1	2	3	4	5
9. Repulsa	1	2	3	4	5
10. Entusiasmado	1	2	3	4	5
11. Orgulhoso	1	2	3	4	5
12. Irritado	1	2	3	4	5
13. Encantado	1	2	3	4	5
14. Remorsos	1	2	3	4	5
15. Inspirado	1	2	3	4	5
16. Nervoso	1	2	3	4	5
17. Determinado	1	2	3	4	5
18. Trémulo	1	2	3	4	5
19. Activo	1	2	3	4	5
20. Amedrontado	1	2	3	4	5

PEPS
(Ellet, Lopes & Chadwick, 2003)
(Tradução e adaptação: Lopes, B. & PintoGouveia, J. 2005)

Salientamos que toda a informação que é concedida por si é estritamente *confidencial e anónima*, por isso tente ser o mais sincero(a) possível nas suas respostas.

INTRODUÇÃO

96

A investigação mostra que é perfeitamente normal por vezes *pensar que as outras pessoas querem fazer-te mal ou magoar-te de propósito* e que poderão também estar a trabalhar em conjunto contra ti.

Mais, muitas pessoas que pensam que os outros têm a intenção de as “tramar”, acham que isto lhes acontece porque elas são diferentes das outras.

Por exemplo, quando obténs uma nota mais baixa do que estavas à espera e deduzes que o (a) professor(a) que ta deu, não gosta de ti e como tal decidiu “tramar-te”.

Pensamentos e sentimentos como estes podem ser muito enervantes e instáveis, ou seja, deixam facilmente de existir.

1. Já alguma vez teve este tipo de pensamentos? (Assinale a resposta correcta por favor)
Não / Sim

2. Se sim, descreva um exemplo de uma situação em que sentiu que estava a ser “tramado(a)” por outras pessoas:

(a) De que maneira é que eles (elas) ou ele (ela) tencionava(m) fazer-lhe mal ou magoá-lo(a)?

(b) Segundo a sua opinião, na altura em que isso aconteceu, qual foi a causa por detrás do mal provocado intencionalmente por outros contra si?

STAI (Forma X1)
(Spielberger, C., Gorsuch, R., Lushene, R., 1970)
(Tradução e adaptação de Ponciano, E.)

Encontra-se em baixo um certo número de expressões que as pessoas usam para se descreverem a si próprias. Leia cada uma delas e a seguir assinale o quadrado apropriado, à direita, indicando **como se sente agora**, neste preciso momento. Não gaste demasiado tempo em cada pergunta, dê a resposta que lhe parece descrever melhor a maneira como actualmente se sente.

	Não	Um Pouco	Moderadamente	Muito
	1	2	3	4
1. Sinto-me calmo.				
2. Sinto-me seguro.				
3. Estou tenso.				
4. Sinto-me com "culpas".				
5. Sinto-me à vontade.				
6. Sinto-me aborrecido.				
7. Sinto-me presentemente preocupado com possíveis contratempos.				
8. Sinto-me descansado.				
9. Sinto-me ansioso.				
10. Sinto-me confortável.				
11. Sinto-me com confiança em mim próprio.				
12. Sinto-me nervoso.				
13. Sinto-me uma pilha de nervos.				
14. Sinto-me prestes a rebentar.				
15. Estou descontraído.				
16. Sinto-me contente.				
17. Estou preocupado.				
18. Sinto-me muito excitado e aturdido.				
19. Sinto-me alegre.				
20. Sinto-me bem disposto.				
	1	2	3	4

STAI (Forma X2)
(Spielberger, C., Gorsuch, R., Lushene, R., 1970)
(Tradução e adaptação de Ponciano, E.)

Instruções:

Encontra-se em baixo um certo número de expressões que as pessoas usam para se descreverem a si próprias. Leia cada uma delas e a seguir assinale o quadrado apropriado, à direita, indicando **como habitualmente se sente**. Não gaste demasiado tempo em cada pergunta, dê a resposta que lhe parece descrever melhor a maneira como habitualmente se sente.

98

	Quase Nunca	Algumas Vezes	Frequen-temente	Quase Sempre
	1	2	3	4
21. Sinto-me bem-disposto				
22. Canso-me com facilidade.				
23. Apetece-me chorar.				
24. Gostava de poder ser tão feliz como os outros parecem ser.				
25. Perco oportunidades pois não consigo decidir com rapidez.				
26. Sinto-me descansado.				
27. Sou "calmo, indiferente e sereno".				
28. Sinto que as dificuldades se amontoam de maneira que não consigo ultrapassá-las.				
29. Inquieto-me com coisas que na realidade não têm importância.				
30. Sou infeliz.				
31. Levo as coisas muito a sério.				
32. Tenho falta de confiança em mim próprio.				
33. Sinto-me seguro.				
34. Tento evitar fazer frente a uma crise ou dificuldade.				
35. Sinto-me "neura".				
36. Estou satisfeito.				
37. Alguns pensamentos sem importância passam pela minha cabeça e aborrecem-me.				
38. Tomo as contrariedades tão a sério que não consigo deixar de pensar nelas.				
39. Sou uma pessoa imperturbável.				
40. Quando penso nos assuntos que tenho entre mãos fico tenso e a "ferver por dentro".				

Manipulações Experimentais para criar condições de *sucesso versus insucesso*

Na condição de *sucesso*, a versão do SET GAME era a mais fácil (versão elaborada para crianças da escola primária) e o nível de dificuldade do jogo era posto em “fácil”, por outro lado, na condição de *insucesso*, a versão do SET GAME era mais difícil e o nível de dificuldade do jogo era posto em “avançado”.

Mais, os participantes na condição de insucesso teriam que jogar a versão do SET GAME em que competem com o computador, o que não acontecia na condição de sucesso. Isto, quer dizer que, os participantes não só teriam que competir com os colegas mas teriam que ganhar ao computador, visto que deveriam fazer mais grupos do que o computador em menos tempo. Quanto mais tempo os participantes demorassem, mais grupos o computador fazia e mais pontos eram retirados da pontuação geral dos participantes. Logo, se o computador encontrasse um grupo correcto e o participante tivesse encontrado dois grupos correctos aos 5 minutos de jogo, ele (a) perderia um ponto da pontuação geral de 2, mostrando assim no quadro o valor -1. O objectivo desta manipulação era o de provocar *stress* e ansiedade.

Utilizou-se outra manipulação que tornava o jogo mais difícil na condição de insucesso, em que as figuras geométricas tinham mais características em ter em conta do que na condição de sucesso. Sendo assim, na condição de insucesso, os participantes teriam que prestar atenção não só ao formato, preenchimento e número das figuras geométricas mas também tinham que ter em conta a cor, portanto o jogo estava no nível “avançado”. Esta manipulação extra foi feita com o intuito de aumentar a probabilidade de *insucesso* e o mau desempenho independentemente das capacidades subjectivas.

Para além destas manipulações indutoras de insucesso e *stress* no jogo, era imposta aos participantes uma regra normativa de sucesso do desempenho. De facto, era dito aos participantes somente na condição de insucesso, que os seus colegas universitários conseguiam obter 14 grupos e, como tal, esperava-se que eles(as) conseguissem obter o maior número de grupos possível, já que a fasquia mínima era a de 14 grupos.

Por fim, utilizou-se uma última manipulação para induzir o sucesso *versus* o insucesso experimentalmente que consistia em dar *feedback* estandardizado positivo *versus* negativo aos participantes. Sendo assim, após jogarem o jogo, cada um dos participantes recebia *feedback* por escrito do investigador acerca das suas capacidades, facilidade de concentração, habilidade em usar os recursos de atenção (focar e desfocar a atenção), uso do tempo, capacidades visuais-espaciais e sobre o desempenho em geral. Na condição experimental de *sucesso*, o investigador elogia o desempenho pessoal ao usar *feedback* estandardizado positivo. Por outro lado, na condição experimental de *insucesso*, o investigador critica o desempenho pessoal e humilha o participante comparando desfavoravelmente o seu desempenho aos dos colegas (i.e. *feedback* estandardizado negativo).

Feedback estandardizado de sucesso

Capacidade muito boa em focar e desfocar a atenção.

O desempenho foi bastante bom e muito melhor que muitos dos colegas.

Parabéns!

Capacidade excelente de concentração.

Boa memória.

Capacidades visuo-geo-espaciais excelentes.

Rapidez do processamento de informação.

Excelente compreensão e aplicação das regras do jogo.
Capacidade de fazer um “scan” rápido e eficaz das figuras do jogo.
Desempenho acima da média.

Feedback estandardizado de insucesso

Desempenho muitíssimo mau.
Dificuldades extremas em focar e desfocar a atenção.
Desempenho muitíssimo mau em comparação com os colegas.
Desempenho muito abaixo da média.
Dificuldades de concentração.
Poucas capacidades visuo-geo-espaciais.
Lentidão do processamento de informação.
Dificuldades na compreensão e aplicação das regras do jogo.
Dificuldade no “scan” das figuras do jogo.
Dificuldades lógico-matemáticas.

ESTUDO EXPERIMENTAL II
ESTUDO DOS SONS

Folha de informação

O meu nome é Bárbara Lopes, e sou estudante de doutoramento na faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, sob orientação do Sr. Professor José Pinto Gouveia. Deste modo, tomo a liberdade de solicitar a tua participação num estudo acerca das capacidades auditivas dos estudantes universitários. O estudo consiste em preencher as baterias e ouvir cada um dos sons com cuidado e preencher para cada som um conjunto de adjectivos que caracterizam como te sentes ao ouvi-los. No geral o estudo leva aproximadamente 50 minutos a ser realizado.

101

Toda e qualquer informação pessoal não será vista por outros investigadores e os dados pessoais são estritamente confidenciais. A tua participação é voluntária. No final do estudo o investigador responsável responderá a quaisquer questões que tenham sobre o estudo e irá fazer um “debriefing”, i.e. irá providenciar uma explicação sobre os objectivos do estudo em questão.

Se tiveres alguma questão sobre o estudo, poderás contactar-me por e-mail: barbaraclopes@gmail.com

Nome ou iniciais do nome (procure colocar tal como respondeu no preenchimento das primeiras escalas): _____ Telemóvel: _____

Sexo (M/F): _____ Idade: _____ Data de nascimento: ____/____/____

Estado civil: _____

Profissão: _____

É trabalhador-estudante (Sim/Não)? _____

É dirigente associativo (Sim/Não)? _____

Habilitações literárias: _____

N.º total de anos de escolaridade frequentados até ao momento (desde o ensino primário): ____

Tem problemas/ doenças físicas (Sim/Não)? _____

Qual/ quais? _____

Sente que sofre/ sofreu de algum problema psicológico ou psiquiátrico (Sim/Não)? _____

Qual/quais? _____

Actualmente beneficia de acompanhamento psicológico ou psiquiátrico (Sim/Não)? _____

Caso tenha respondido não: já teve acompanhamento psicológico/ psiquiátrico (Sim/ Não)? _____

Actualmente toma alguma medicação (Sim/Não)? _____

Qual/ quais? _____

Toma alguma medicação durante a época de exames (Sim/Não)? _____

Qual/ quais? _____

LSRHS
(Launay & Slade, 1981)
(Morrisson, Wells, Nothard, 2000) Lopes, B. Pinto-Gouveia, J.

De seguida encontram-se algumas afirmações que descrevem pensamentos que possam surgir por vezes na mente das pessoas. Para cada questão ponha um X no número que melhor indique o grau em que sente que a afirmação se aplica a si.

SEJA SINCERO(A) NAS SUAS RESPOSTAS. TUDO O QUE DISSER É ANÓNIMO E CONFIDENCIAL!

102

Nunca	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1	2	3	4

	1	2	3	4
1. "Independentemente do quanto eu tento concentrar-me, pensamentos intrusivos aparecem na minha mente"				
2. "Ao <i>sonhar acordado</i> , posso ouvir o som de uma música como se estivesse mesmo a ouvi-la"				
3. " Às vezes os pensamentos parecem tão reais como as situações da minha vida"				
4. "Às vezes, um pensamento passageiro parece tão real que me mete medo"				
5. " Os sons que eu ouço ao <i>sonhar acordado</i> são geralmente claros e distintos"				
6. "Ao <i>sonhar acordado</i> , as pessoas parecem ser tão reais, que por vezes penso que o são".				
7. "Ouço muitas vezes uma voz a dizer os meus pensamentos em voz alta"				
8. "No passado, tive a experiência de ouvir uma voz de uma pessoa e não estava ninguém presente"				
9. " Em certas ocasiões, vi a face de uma pessoa à minha frente quando não estava de facto ninguém presente".				
10. "Já ouvi a voz do Diabo".				
11. "No passado, ouvi a voz de Deus a falar comigo."				
12. "Tenho estado preocupado(a) por ouvir vozes na minha cabeça".				

PANAS
(Watson, Clark & Tellegen, 1988)

(Traduzida e adaptada para a população portuguesa por Galinha & Pais -Ribeiro, 2005)

Instruções:

Esta escala consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada palavra, e utilize a escala que apresentamos, para indicar em que medida sentiu cada uma das emoções *durante as últimas semanas*. Assinale com um X o número que melhor indica como se sentiu.

103

Nada ou muito ligeiramente	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente
1	2	3	4	5

	Nada ou muito ligeiramente	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente
1. Interessado	1	2	3	4	5
2. Perturbado	1	2	3	4	5
3. Excitado	1	2	3	4	5
4. Atormentado	1	2	3	4	5
5. Agradavelmente surpreendido	1	2	3	4	5
6. Culpado	1	2	3	4	5
7. Assustado	1	2	3	4	5
8. Caloroso	1	2	3	4	5
9. Repulsa	1	2	3	4	5
10. Entusiasmado	1	2	3	4	5
11. Orgulhoso	1	2	3	4	5
12. Irritado	1	2	3	4	5
13. Encantado	1	2	3	4	5
14. Remorsos	1	2	3	4	5
15. Inspirado	1	2	3	4	5
16. Nervoso	1	2	3	4	5
17. Determinado	1	2	3	4	5
18. Trémulo	1	2	3	4	5
19. Activo	1	2	3	4	5
20. Amedrontado	1	2	3	4	5

GPS
(Fenigstein & Venable 1992)
(Tradução e adaptação: Lopes, B. & Pinto Gouveia, J. 2005)

De seguida encontram-se algumas afirmações que descrevem o modo como as pessoas se comportam ou sentem em relação a situações sociais. Para cada questão ponha um X no número que melhor indique o grau em que sente que a afirmação se aplica a si.

104

SEJA SINCERO(A) NAS SUAS RESPOSTAS. TUDO O QUE DISSER É ANÓNIMO E CONFIDENCIAL!

Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1	2	3	4	5

1. Alguém tem alguma coisa contra mim.	1	2	3	4	5
2. Às vezes sinto que estou a ser seguido(a).	1	2	3	4	5
3. Acredito que tenho sido muitas vezes castigado(a) sem haver razão para tal.	1	2	3	4	5
4. Algumas pessoas tentaram roubar as minhas ideias e receberam os louros.	1	2	3	4	5
5. Os meus pais e a minha família encontram mais falhas em mim do que deviam.	1	2	3	4	5
6. Ninguém quer saber o que é que se passa comigo.	1	2	3	4	5
7. Tenho a certeza que a vida não me traz nada de bom.	1	2	3	4	5
8. A maioria das pessoas usará meios injustos para ganhar lucro ou ganhar vantagem sobre os outros, em vez de perderem.	1	2	3	4	5
9. Penso muitas vezes que razão escondida terá outra pessoa para fazer algo atencioso para mim.	1	2	3	4	5
10. É mais seguro não confiar em ninguém.	1	2	3	4	5
11. Sinto muitas vezes que estranhos estão a olhar criticamente para mim.	1	2	3	4	5
12. A maioria das pessoas faz amigos (as) porque estes (as) podem vir a ser úteis.	1	2	3	4	5
13. Alguém tem andado a tentar influenciar a minha mente.	1	2	3	4	5
14. Tenho a certeza que falam de mim nas minhas costas.	1	2	3	4	5
15. A maioria das pessoas no seu íntimo não gosta de oferecer ajuda às outras.	1	2	3	4	5
16. Costumo estar de pé atrás quando as pessoas são mais simpáticas comigo do que eu estava a espera.	1	2	3	4	5
17. As pessoas disseram coisas sobre mim que eram insultuosas e antipáticas.	1	2	3	4	5
18. As pessoas estão constantemente a decepcionar-me.	1	2	3	4	5
19. Sinto-me desconfortável com pessoas lá fora a observarem-me dos carros, nas lojas.	1	2	3	4	5
20. Encontro muitas vezes pessoas que são invejosas das minhas ideias que são boas, só porque não pensaram nelas primeiro que eu.	1	2	3	4	5

**EADS-42 -
Lovibond & Lovibond (1995)
Adaptação e Tradução: Alves, Carvalho e Batista (2000)**

Por favor leia cada uma das afirmações abaixo e assinale 0, 1, 2 ou 3 para indicar o quanto cada afirmação se aplicou a si **durante a semana passada**. Não há respostas certas ou erradas. Não leve muito tempo a indicar a sua resposta em cada afirmação.

A classificação é a seguinte:

Não se aplicou nada a mim	Aplicou-se a mim algumas vezes	Aplicou-se a mim de muitas vezes	Aplicou-se a mim a maior parte do tempo
0	1	2	3

105

1	Dei por mim a ficar aborrecido com coisas triviais do dia a dia	0	1	2	3
2	Senti a minha boca seca	0	1	2	3
3	Não consegui sentir nenhum sentimento positivo	0	1	2	3
4	Senti dificuldades em respirar	0	1	2	3
5	Parecia-me não estar a conseguir ir mais além	0	1	2	3
6	Tive tendência a reagir em demasia em determinadas situações	0	1	2	3
7	Senti-me a fraquejar (por ex., sem força nas pernas)	0	1	2	3
8	Senti dificuldade em me relaxar	0	1	2	3
9	Estive em situações que me provocaram tanta ansiedade que fiquei aliviado quando consegui sair delas	0	1	2	3
10	Senti que não tinha nada a esperar do futuro	0	1	2	3
11	Dei por mim a ficar aborrecido com grande facilidade	0	1	2	3
12	Senti que estava a utilizar muita energia nervosa	0	1	2	3
13	Senti-me triste e deprimido	0	1	2	3
14	Dei por mim a ficar impaciente quando me faziam esperar	0	1	2	3
15	Tive sensações de desmaio	0	1	2	3
16	Senti que tinha perdido o interesse em praticamente tudo	0	1	2	3
17	Senti que não tinha muito valor como pessoa	0	1	2	3
18	Senti que por vezes estava sensível	0	1	2	3
19	Tive suores intensos que não foram provocados por temperatura elevada ou exercício físico	0	1	2	3
20	Senti-me assustado sem ter tido uma boa razão para isso	0	1	2	3
21	Senti que a vida não valia a pena	0	1	2	3
22	Tive dificuldades em me acalmar	0	1	2	3
23	Tive dificuldades em engolir	0	1	2	3
24	Parece que não consegui ter prazer nas coisas que fiz	0	1	2	3
25	Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico	0	1	2	3
26	Senti-me desanimado e melancólico	0	1	2	3
27	Senti-me muito irritável	0	1	2	3
28	Senti-me quase a entrar em pânico	0	1	2	3
29	Senti dificuldade em acalmar-me depois de algo que me aborreceu	0	1	2	3
30	Tive medo de não conseguir enfrentar tarefas simples porque não estou familiarizado com elas	0	1	2	3
31	Não fui capaz de ter entusiasmo por nada	0	1	2	3
32	Tive dificuldade em tolerar ser interrompido no que estava a fazer	0	1	2	3
33	Estive num estado de tensão nervosa	0	1	2	3
34	Senti que não tinha valor	0	1	2	3
35	Estive intolerante em relação a qualquer coisa que me impedisse de terminar aquilo que estava a fazer	0	1	2	3
36	Senti-me aterrorizado	0	1	2	3
37	Não consegui ver nada no futuro para ter esperança	0	1	2	3
38	Senti que a vida não tinha sentido	0	1	2	3
39	Dei por mim a ficar agitado	0	1	2	3
40	Preocupei-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula	0	1	2	3
41	Senti tremores (por ex., nas mãos)	0	1	2	3
42	Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer coisas	0	1	2	3

STAI (Forma X1)
(Spielberger, C., Gorsuch, R., Lushene, R., 1970)
(Tradução e adaptação de Ponciano, E.)

Encontra-se em baixo um certo número de expressões que as pessoas usam para se descreverem a si próprias. Leia cada uma delas e a seguir assinale o quadrado apropriado, à direita, indicando **como se sente agora**, neste preciso momento. Não gaste demasiado tempo em cada pergunta, dê a resposta que lhe parece descrever melhor a maneira como actualmente se sente.

106

	Não	Um Pouco	Moderadamente	Muito
	1	2	3	4
1. Sinto-me calmo.				
2. Sinto-me seguro.				
3. Estou tenso.				
4. Sinto-me com "culpas".				
5. Sinto-me à vontade.				
6. Sinto-me aborrecido.				
7. Sinto-me presentemente preocupado com possíveis contratempos.				
8. Sinto-me descansado.				
9. Sinto-me ansioso.				
10. Sinto-me confortável.				
11. Sinto-me com confiança em mim próprio.				
12. Sinto-me nervoso.				
13. Sinto-me uma pilha de nervos.				
14. Sinto-me prestes a rebentar.				
15. Estou descontraído.				
16. Sinto-me contente.				
17. Estou preocupado.				
18. Sinto-me muito excitado e aturdido.				
19. Sinto-me alegre.				
20. Sinto-me bem disposto.				
	1	2	3	4

STAI (Forma X2)
(Spielberger, C., Gorsuch, R., Lushene, R., 1970)
(Tradução e adaptação de Ponciano, E.)

Instruções:

Encontra-se em baixo um certo número de expressões que as pessoas usam para se descreverem a si próprias. Leia cada uma delas e a seguir assinale o quadrado apropriado, à direita, indicando **como habitualmente se sente**. Não gaste demasiado tempo em cada pergunta, dê a resposta que lhe parece descrever melhor a maneira como habitualmente se sente.

Quase Nunca	Algumas Vezes	Frequentemente	Quase Sempre
0	1	2	3

107

	1	2	3	4
21. Sinto-me bem-disposto				
22. Canso-me com facilidade.				
23. Apetece-me chorar.				
24. Gostava de poder ser tão feliz como os outros parecem ser.				
25. Perco oportunidades pois não consigo decidir com rapidez.				
26. Sinto-me descansado.				
27. Sou "calmo, indiferente e sereno".				
28. Sinto que as dificuldades se amontoam de maneira que não consigo ultrapassá-las.				
29. Inquieto-me com coisas que na realidade não têm importância.				
30. Sou infeliz.				
31. Levo as coisas muito a sério.				
32. Tenho falta de confiança em mim próprio.				
33. Sinto-me seguro.				
34. Tento evitar fazer frente a uma crise ou dificuldade.				
35. Sinto-me "neura".				
36. Estou satisfeito.				
37. Alguns pensamentos sem importância passam pela minha cabeça e aborrecem-me.				
38. Tomo as contrariedades tão a sério que não consigo deixar de pensar nelas.				
39. Sou uma pessoa imperturbável.				
40. Quando penso nos assuntos que tenho entre mãos fico tenso e a "ferver por dentro".				

AQ

(Buss & Perry, 1992)

(Tradução e adaptação: Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J., 2005)

108

	NÃO TEM NADA A VER COMIGO				TEM MUITO A VER COMIGO
Leia com cuidado as seguintes questões que abordam características pessoais. Para cada questão ponha um X no número que melhor indique o grau em que sente que a afirmação se aplica a si.					
1. De vez em quando não consigo controlar o impulso de bater noutra pessoa.	1	2	3	4	5
2. Digo abertamente aos meus amigos quando discordo deles.	1	2	3	4	5
3. “Fervo em pouca água”, mas passa-me depressa.	1	2	3	4	5
4. Às vezes fico consumido (a) pelos ciúmes que tenho.	1	2	3	4	5
5. Encontro-me muitas vezes a discordar das pessoas.	1	2	3	4	5
6. Se houver provocação suficiente, eu posso agredir fisicamente a outra pessoa.	1	2	3	4	5
7. Às vezes penso que não obtenho nada de bom da vida.	1	2	3	4	5
8. Quando me sinto frustrado(a), deixo mostrar a minha irritação.	1	2	3	4	5
9. Parece que os outros são aqueles que obtêm as oportunidades todas.	1	2	3	4	5
10. Às vezes sinto-me como uma “panela de pressão” pronto(a) a explodir.	1	2	3	4	5
11. Quando as pessoas me chateiam, posso-lhes dizer na cara o que penso delas.	1	2	3	4	5
12. Se alguém me agride, eu retribuo.	1	2	3	4	5
13. Sou uma pessoa equilibrada.	1	2	3	4	5
14. Não consigo evitar entrar em discussões quando as pessoas discordam comigo.	1	2	3	4	5
15. Por vezes penso porque é que sou tão amargo(a) acerca das coisas.	1	2	3	4	5
16. Entro mais em lutas do que a maioria das pessoas.	1	2	3	4	5
17. Eu sei que “amigos” (as) falam de mim nas minhas costas.	1	2	3	4	5
18. Se eu tiver que usar a violência para proteger os meus direitos, então usarei.	1	2	3	4	5
19. Alguns dos meus amigos acham que eu tenho o “pavio curto”.	1	2	3	4	5
20. Por vezes eu perco as estribeiras sem haver razão aparente para tal acontecer.	1	2	3	4	5
21. Há pessoas que me irritaram tanto que entramos em conflito.	1	2	3	4	5
22. Os meus amigos dizem que sou um pouco argumentativo(a).	1	2	3	4	5
23. Tenho suspeitas sobre estranhos que são demasiado simpáticos.	1	2	3	4	5
24. Posso dar boas razões para agredir uma pessoa.	1	2	3	4	5
25. Tenho dificuldades em controlar o meu temperamento.	1	2	3	4	5
26. Por vezes sinto que as pessoas se riem de mim nas minhas costas.	1	2	3	4	5
27. Já ameacei pessoas que conheço.	1	2	3	4	5
28. Quando as pessoas são especialmente atenciosas, começo a pensar no que elas querem.	1	2	3	4	5
29. Já fiquei tão doido(a), que já parti coisas.	1	2	3	4	5

Assinale com um X o número que melhor indica o grau de ansiedade que sente neste preciso momento:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
nenhuma									Severa

Assinale com um X o número que melhor indica o grau em que sente neste momento que os outros o (a) querem diminuir ou prejudicar de algum modo:

0	1	2	3	4	5	7	8	9	10
não sinto									Sinto muitíssimo

109

Em seguida vai ouvir 8 sons diferentes pelos auscultadores. Cada som é apresentado por 60 segundos, sendo seguido pelo som seguinte após 5 segundos de silêncio. Chame por favor o investigador, caso tenha dificuldades em ouvir os sons claramente.

Solicitamos que preencha uma bateria de questionários, somente quando acabar de ouvir os sons.

Tabela 1. Médias, desvios-padrões e décibéis dos sons retirados do “International Affective Digitized Sounds “ (IADS) em três dimensões afectivas

Descrição	nº do som	Categoria	Valência		Excitação		Dominância		dB
			M	DP	M	DP	M	DP	
canto dos pássaros_1	701	positiva	3.74	2.24	6.72	1.69	4.49	2.23	74.9
canto dos pássaros_2	120	positiva	5.11	2.34	6.72	1.78	5.04	1.99	78.4
chuva leve	627	positiva	1.38	0.95	7.79	1.21	2.28	1.87	79.9
praia	112	positiva	6.45	2.15	5.91	1.48	5.62	1.87	71.5
natureza_tropical	152	positiva	6.19	2.29	5.11	2.12	5.85	1.97	77.5
natureza_campo	171	positiva	5.26	2.26	4.43	1.97	4.98	2.04	68.1
ondas do mar	802	positiva	7.28	1.77	5.79	2.08	6.21	1.63	69.2
rio	206	positiva	7.36	1.57	3.91	1.93	6.92	1.88	69.0
rosnar de um cão	106	negativa/medo ameaça	1.89	1.49	7.89	1.35	2.38	2.00	74.9
tempestade_trovoada	602	negativa/medo ameaça	4.19	2.39	5.45	1.81	3.64	1.99	70.0
tiros de armas automáticas	706	negativa/medo ameaça	1.91	1.62	6.98	1.62	2.85	2.00	71.3
gritos de mulheres_1	276	negativa/medo ameaça	1.51	1.61	8.11	0.99	2.17	1.68	72.6
gritos de mulheres_2	277	negativa/medo ameaça	1.32	0.94	8.00	1.58	2.25	1.88	70.7
paragem cardíaca	287	negativa/medo ameaça	1.91	1.40	6.72	1.95	2.68	1.83	70.4
desastre de automóvel	424	negativa/medo ameaça	1.09	0.35	8.13	1.33	2.04	1.75	79.3
choque eléctrico	423	negativa/medo ameaça	2.49	1.61	6.11	1.68	3.66	1.59	75.2
choro de bebé	261	negativa/tristeza transtorno	2.04	1.14	7.26	1.47	3.74	2.17	78.1
choro de mulher	291	negativa/tristeza transtorno	1.81	1.04	6.77	2.01	2.58	1.81	75.5
ganir de um cão	105	negativa/tristeza transtorno	3.55	2.44	6.15	1.86	4.45	2.01	68.6
som de uma máquina de respirar	286	negativa/tristeza transtorno	1.15	0.84	8.06	1.31	1.70	1.20	70.9
funeral	280	negativa/tristeza transtorno	3.00	2.07	5.83	1.77	3.91	2.17	75.3
ambulância	711	negativa/tristeza transtorno	1.85	1.71	7.72	1.23	2.30	1.58	77.8
choro de criança	278	negativa/tristeza transtorno	1.13	0.62	8.04	1.27	3.36	2.38	79.9
miar de um gato	100	negativa/tristeza transtorno	4.21	2.24	5.38	1.75	5.53	2.17	70.0
buzinas dos carros	420	negativa/raiva irritação	2.25	1.34	6.55	1.77	4.06	2.09	74.2
alarme do despertador	709	negativa/raiva irritação	1.72	1.28	7.89	1.55	3.81	2.18	80.8
buzina de um barco	708	negativa/raiva irritação	3.42	1.56	5.17	2.07	4.36	2.20	69.9
moto serra	380	negativa/raiva irritação	1.45	0.87	7.04	1.57	3.11	2.02	73.04
telefones a tocar (escritório)	320	negativa/raiva irritação	3.38	1.51	5.77	1.58	5.25	1.67	72.5
estática da televisão	705	negativa/raiva irritação	4.42	1.45	5.98	1.98	4.85	2.19	71.4
vidro a partir	730	negativa/raiva irritação	2.38	1.24	6.19	1.75	4.25	1.84	77.5
gargalhadas sarcásticas	712	negativa/raiva irritação	1.70	1.29	8.02	1.13	2.45	1.50	80.09

QEMR
(Bradley & Lang, 2000; Lopes, B. e Pinto-Gouveia, J.)

1. Indique como se sente neste preciso momento. Seja sincero nas suas respostas! Assinale com um X os adjectivos que descrevem o que sente e a respectiva intensidade emocional de cada um.

Por favor use a seguinte escala:

Neutro	Um pouco			Bastante			Extremamente
0	1			2			3

111

Esperançado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Desesperado(a)
	1	2	3	0	1	2	3	
Brando(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Irritado(a)
	1	2	3	0	1	2	3	
Satisfeito(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Insatisfeito(a)
	1	2	3	0	1	2	3	
Satisfeito(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Insatisfeito(a)
	1	2	3	0	1	2	3	
Contente/Alegre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Triste
	1	2	3	0	1	2	3	
Feliz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Infeliz
	1	2	3	0	1	2	3	
Confortável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Desconfortável
	1	2	3	0	1	2	3	
Sereno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Ansioso/nervoso
	1	2	3	0	1	2	3	
Paciente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Impaciente
	1	2	3	0	1	2	3	
Tranquilo(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Assustado(a)/ Amedrontado(a)
	1	2	3	0	1	2	3	
Divertido(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Enojado(a)/ Nauseado(a)
	1	2	3	0	1	2	3	
Interessado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Entediado(a)/ Aborrecido(a)
	1	2	3	0	1	2	3	
Concentrado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Desconcentrado(a)
	1	2	3	0	1	2	3	
Sonolento(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Atento(a)
	1	2	3	0	1	2	3	

Calmo(a)	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Excitado(a)
Relaxado(a)	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Estimulado(a)
Letárgico(a)	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Hiperactivo(a)
Sensível	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Insensível
Brincalhão(ona)	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Sisudo(a)
Empático(a)	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Indiferente
Esclarecido(a)	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Confuso(a)
Seguro(a)	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Inseguro(a)
Confiante	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Desconfiado(a)/ Suspeitoso(a)
Quieto(a)	— 1	— 2	— 3	— 0	— 1	— 2	— 3	Apreensivo(a)

2. Que sensações corporais é que sente neste preciso momento? Assinale com um **X** por favor.

Tremor das mãos

Fisgadas no coração

Músculos tensos

Sudação

Bater os dentes

Músculos relaxados

Bater rápido do coração

Tiques nervosos: Quais? _____

Secura na boca

Sensação de calor nos membros do corpo

Formigueiro nas mãos

Dores de cabeça (cefaleias)

Sensação de frio nos membros do corpo

GPS
(Fenigstein & Vanable 1992)
(Tradução e adaptação: Lopes, B. & Pinto Gouveia, J. 2005)

De seguida encontram-se algumas afirmações que descrevem o modo como as pessoas se comportam ou sentem em relação a situações sociais. Para cada questão ponha um X no número que melhor indique o grau em que sente que a afirmação se aplica a si.

SEJA SINCERO(A) NAS SUAS RESPOSTAS. TUDO O QUE DISSER É ANÓNIMO E CONFIDENCIAL!

113

Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1	2	3	4	5

1. Alguém tem alguma coisa contra mim.	1	2	3	4	5
2. Às vezes sinto que estou a ser seguido(a).	1	2	3	4	5
3. Acredito que tenho sido muitas vezes castigado(a) sem haver razão para tal.	1	2	3	4	5
4. Algumas pessoas tentaram roubar as minhas ideias e receberem os louros.	1	2	3	4	5
5. Os meus pais e a minha família encontram mais falhas em mim do que deviam.	1	2	3	4	5
6. Ninguém quer saber o que é que se passa comigo.	1	2	3	4	5
7. Tenho a certeza que a vida não me traz nada de bom.	1	2	3	4	5
8. A maioria das pessoas usará meios injustos para ganhar lucro ou ganhar vantagem sobre os outros, em vez de perderem.	1	2	3	4	5
9. Penso muitas vezes que razão escondida terá outra pessoa para fazer algo atencioso para mim.	1	2	3	4	5
10. É mais seguro não confiar em ninguém.	1	2	3	4	5
11. Sinto muitas vezes que estranhos estão a olhar criticamente para mim.	1	2	3	4	5
12. A maioria das pessoas faz amigos (as) porque estes (as) podem vir a ser úteis.	1	2	3	4	5
13. Alguém tem andado a tentar influenciar a minha mente.	1	2	3	4	5
14. Tenho a certeza que falam de mim nas minhas costas.	1	2	3	4	5
15. A maioria das pessoas no seu íntimo não gosta de oferecer ajuda às outras.	1	2	3	4	5
16. Costumo estar de pé atrás quando as pessoas são mais simpáticas comigo do que eu estava a espera.	1	2	3	4	5
17. As pessoas disseram coisas sobre mim que eram insultuosas e antipáticas.	1	2	3	4	5
18. As pessoas estão constantemente a decepcionar-me.	1	2	3	4	5
19. Sinto-me desconfortável com pessoas lá fora a observarem-me dos carros, nas lojas.	1	2	3	4	5
20. Encontro muitas vezes pessoas que são invejosas das minhas ideias que são boas, só porque não pensaram nelas primeiro que eu.	1	2	3	4	5

EADS-42
Lovibond & Lovibond (1995)
Adaptação e Tradução: Alves, Carvalho e Batista (2000)

Por favor leia cada uma das afirmações abaixo e assinale 0, 1, 2 ou 3 para indicar o quanto cada afirmação se aplicou a si *durante a semana passada*. Não há respostas certas ou erradas. Não leve muito tempo a indicar a sua resposta em cada afirmação.

A classificação é a seguinte:

114

Não se aplicou nada a mim	Aplicou-se a mim algumas vezes	Aplicou-se a mim de muitas vezes	Aplicou-se a mim a maior parte do tempo
0	1	2	3

1	Dei por mim a ficar aborrecido com coisas triviais do dia a dia	0	1	2	3
2	Senti a minha boca seca	0	1	2	3
3	Não consegui sentir nenhum sentimento positivo	0	1	2	3
4	Senti dificuldades em respirar	0	1	2	3
5	Parecia-me não estar a conseguir ir mais além	0	1	2	3
6	Tive tendência a reagir em demasia em determinadas situações	0	1	2	3
7	Senti-me a fraquejar (por ex., sem força nas pernas)	0	1	2	3
8	Senti dificuldade em me relaxar	0	1	2	3
9	Estive em situações que me provocaram tanta ansiedade que fiquei aliviado quando consegui sair delas	0	1	2	3
10	Senti que não tinha nada a esperar do futuro	0	1	2	3
11	Dei por mim a ficar aborrecido com grande facilidade	0	1	2	3
12	Senti que estava a utilizar muita energia nervosa	0	1	2	3
13	Senti-me triste e deprimido	0	1	2	3
14	Dei por mim a ficar impaciente quando me faziam esperar	0	1	2	3
15	Tive sensações de desmaio	0	1	2	3
16	Senti que tinha perdido o interesse em praticamente tudo	0	1	2	3
17	Senti que não tinha muito valor como pessoa	0	1	2	3
18	Senti que por vezes estava sensível	0	1	2	3
19	Tive suores intensos que não foram provocados por temperatura elevada ou exercício físico	0	1	2	3
20	Senti-me assustado sem ter tido uma boa razão para isso	0	1	2	3
21	Senti que a vida não valia a pena	0	1	2	3
22	Tive dificuldades em me acalmar	0	1	2	3
23	Tive dificuldades em engolir	0	1	2	3
24	Parece que não consegui ter prazer nas coisas que fiz	0	1	2	3
25	Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico	0	1	2	3
26	Senti-me desanimado e melancólico	0	1	2	3
27	Senti-me muito irritável	0	1	2	3
28	Senti-me quase a entrar em pânico	0	1	2	3
29	Senti dificuldade em acalmar-me depois de algo que me aborreceu	0	1	2	3
30	Tive medo de não conseguir enfrentar tarefas simples porque não estou familiarizado com elas	0	1	2	3
31	Não fui capaz de ter entusiasmo por nada	0	1	2	3
32	Tive dificuldade em tolerar ser interrompido no que estava a fazer	0	1	2	3
33	Estive num estado de tensão nervosa	0	1	2	3
34	Senti que não tinha valor	0	1	2	3
35	Estive intolerante em relação a qualquer coisa que me impedisse de terminar aquilo que estava a fazer	0	1	2	3
36	Senti-me aterrorizado	0	1	2	3
37	Não consegui ver nada no futuro para ter esperança	0	1	2	3
38	Senti que a vida não tinha sentido	0	1	2	3
39	Dei por mim a ficar agitado	0	1	2	3
40	Preocupei-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula	0	1	2	3
41	Senti tremores (por ex., nas mãos)	0	1	2	3
42	Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer coisas	0	1	2	3

STAI (Forma X1)
(Spielberger, C., Gorsuch, R., Lushene, R., 1970)
(Tradução e adaptação de Ponciano, E.)

Encontra-se em baixo um certo número de expressões que as pessoas usam para se descreverem a si próprias. Leia cada uma delas e a seguir assinale o quadrado apropriado, à direita, indicando **como se sente agora**, neste preciso momento. Não gaste demasiado tempo em cada pergunta, dê a resposta que lhe parece descrever melhor a maneira como actualmente se sente.

	Não	Um Pouco	Moderadamente	Muito
	1	2	3	4
1. Sinto-me calmo.				
2. Sinto-me seguro.				
3. Estou tenso.				
4. Sinto-me com "culpas".				
5. Sinto-me à vontade.				
6. Sinto-me aborrecido.				
7. Sinto-me presentemente preocupado com possíveis contratempos.				
8. Sinto-me descansado.				
9. Sinto-me ansioso.				
10. Sinto-me confortável.				
11. Sinto-me com confiança em mim próprio.				
12. Sinto-me nervoso.				
13. Sinto-me uma pilha de nervos.				
14. Sinto-me prestes a rebentar.				
15. Estou descontraído.				
16. Sinto-me contente.				
17. Estou preocupado.				
18. Sinto-me muito excitado e aturdido.				
19. Sinto-me alegre.				
20. Sinto-me bem disposto.				
	1	2	3	4

STAI (Forma X2)
(Spielberger, C., Gorsuch, R., Lushene, R., 1970)
(Tradução e adaptação de Ponciano, E.)

Instruções:

Encontra-se em baixo um certo número de expressões que as pessoas usam para se descreverem a si próprias. Leia cada uma delas e a seguir assinale o quadrado apropriado, à direita, indicando **como habitualmente se sente**. Não gaste demasiado tempo em cada pergunta, dê a resposta que lhe parece descrever melhor a maneira como habitualmente se sente.

116

Quase Nunca	Algumas Vezes	Frequentemente	Quase Sempre
1	2	3	4

	1	2	3	4
21. Sinto-me bem-disposto				
22. Canso-me com facilidade.				
23. Apetece-me chorar.				
24. Gostava de poder ser tão feliz como os outros parecem ser.				
25. Perco oportunidades pois não consigo decidir com rapidez.				
26. Sinto-me descansado.				
27. Sou "calmo, indiferente e sereno".				
28. Sinto que as dificuldades se amontoam de maneira que não consigo ultrapassá-las.				
29. Inquieto-me com coisas que na realidade não têm importância.				
30. Sou infeliz.				
31. Levo as coisas muito a sério.				
32. Tenho falta de confiança em mim próprio.				
33. Sinto-me seguro.				
34. Tento evitar fazer frente a uma crise ou dificuldade.				
35. Sinto-me "neura".				
36. Estou satisfeito.				
37. Alguns pensamentos sem importância passam pela minha cabeça e aborrecem-me.				
38. Tomo as contrariedades tão a sério que não consigo deixar de pensar nelas.				
39. Sou uma pessoa imperturbável.				
40. Quando penso nos assuntos que tenho entre mãos fico tenso e a "ferver por dentro".				

Na sua opinião, quais eram os objectivos deste estudo?

Tem algumas sugestões, comentários a fazer?

MUITO OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!